Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23268 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** TERÇA-FEIRA 26 JUNHO 90 70$00

Enquanto os Doze discutem empréstimo

Cavaco alerta empresários contra investimentos na URSS

Cavaco Silva chamou ontem, em Dublin, a atenção dos empresários portugueses para «o risco que correm ao investir na União Soviética e em todo o Leste europeu». É que a dívida da URSS a Portugal «deve chegar a dois milhões de contos», acrescentou. O primeiro-ministro especificou «ser o calçado o sector da economia portuguesa mais afectado pela crise económica na União Soviética». Daí que tenha aconselhado os empresários que operam naquele mercado a precaverem-se com seguros à exportação.

Cavaco Silva sugeriu ainda aos investidores portugueses que não descurem o mercado alemão, no qual, afirmou, «vão cair marcos», a procura vai aumentar e há perspectivas de exportação. **Págs. 5 e 10**

EPA

Pat Bonner assegurou a passagem da Irlanda ao defender uma grande penalidade

Mundial de Futebol

Irlanda de empate em empate até aos quartos de final

Santana Lopes no despacho com um olho no televisor **Págs. 23 a 26**

Trancas à porta

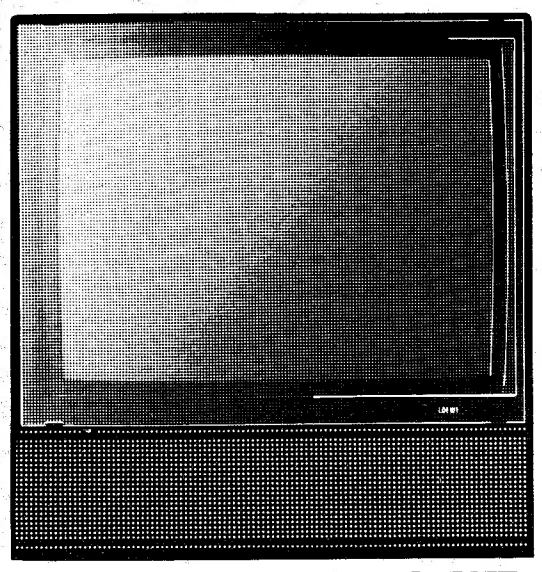
Governo quer pôr ordem no território

Depois do caos urbanístico, do assalto à faixa costeira, dos ataques ao ambiente, o Governo diz querer meter trancas à porta. Ministro do Planeamento e secretários de Estado chamaram esta manhã a Imprensa para lhes comunicar que estão em preparação adiantada novas leis para disciplinar todo aquele caos.

São leis para o ordenamento do território, para a urbanização da faixa costeira, para moralizar os loteamentos urbanos e para tornar mais justas as expropriações por utilidade pública.

As promessas do Governo em termos de princípios: disciplinar o crescimento urbano fixando valores de densidade de ocupação do solo por edifícios, pondo limitações à instalação desordenada de instalações industriais e de serviços e travando as demolições; fortes restrições a novas urbanizações no litoral, onde as zonas dunares serão especialmente protegidas; loteamentos devidamente enquadrados na defesa do interesse público e nas leis do urbanismo e do ambiente. **Pág. 7**

Os televisores da nova «Art». Digital



LOEWE.

Representante em Portugal:
SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 951 50 03 ◦ Lisboa ☎ 77 78 24

Macau: PSD quer ouvir o governador *Pág. 6*

S. Tomé: Trovoada critica o processo de democratização *Pág. 10*

IRS: código actualizado *Pág. 5*

Lotaria Popular:
1.º: 480 132 2.º: 47 854 3.º: 494 653 4.º: 35 405

Hoje:
Suplemento de Economia

PORTE PAGO

Skinheads à portuguesa

Organização fascista ou criminosos comuns? **Págs. 2 e 3**

As suas ligações a grupos de extrema-direita são bem conhecidas. A PJ investiga e caberá ao Tribunal Constitucional decidir se o movimento skinhead *é ilegal*

Skins portugueses: um ideal de violência

GRANDE ANGULAR

Seguem uma ordem: «Morte à democracia». Aceitam um desafio: «Sê superior» e defendem um símbolo: «Cruz céltica». Apareceram na Inglaterra nos anos 60/70 como movimento de uma juventude que se reconheceu nas correntes políticas conservadoras, num discurso racista e xenófobo e que se fascinou pela violência. Em Portugal, sairam da clandestinidade em Outubro de 1989, aquando da morte do dirigente do PSR, José Carvalho. Mas já desde 1983/84, que eram conhecidos pelos seus ideais nacional-socialistas, pelo envolvimento em rixas e ataques a cidadãos de raça negra, homossexuais, drogados e outras minorias sociais e étnicas.

No início, pensava-se que era apenas mais uma moda e ninguém os assumiu enquanto perigo. O facto de terem sido sempre considerados um grupo de «meninos mal comportados» deu-lhes tempo para se organizarem como movimento. Apadrinharam uma política e radicalizaram as suas atitudes ao defenderem a violência física e psíquica para se afirmarem.

Foi na extrema-direita que o movimento *skinheads* encontrou o enquadramento político, embora em Portugal tais ligações sejam apenas faladas e ainda não provadas. Neste momento, a Polícia Judiciária (PJ), por determinação da Procuradoria-Geral da República, desenvolve investigações no sentido de apurar as características deste grupo. Caso sejam provadas as ligações, ou até mesmo a sua identificação, como organização fascista, caberá ao Tribunal Constitucional declarar este movimento ilegal, ao abrigo da Constituição Portuguesa, que não permite a existência de grupos neonazis.

Desde sempre que são bem conhecidas as suas ligações ao MAN (organização legalizada sob o nome de Associação Cultural de Acção Nacional, desde 26 de Julho de 1985) e a outros grupos estrangeiros congéneres. É o caso do National Front de Inglaterra, do NPD da Alemanha, da Terceira Força de Itália, da Juventude Falangista e do CEDADE espanhol, da Terceira Via e da Juventude Nacionalista Revolucionária da Ordre Nouveau Francesa. Os skins mantém ainda contactos com um grupo de S. Paulo (Brasil), com o Ku Klux Klan, (EUA), e com o NSDAP-AO (Austrália).

O Movimento de Acção Nacional (MAN) e a Frente Nacional/Nova Monarquia (FN/NM), têm, no entanto, negado publicamente qualquer tipo de apoio ou orientação política aos skins e demarcado das suas acções violentas. Mas, admitem que nas suas organizações possam estar filiados alguns desses elementos.

Uma só raça uma só cultura

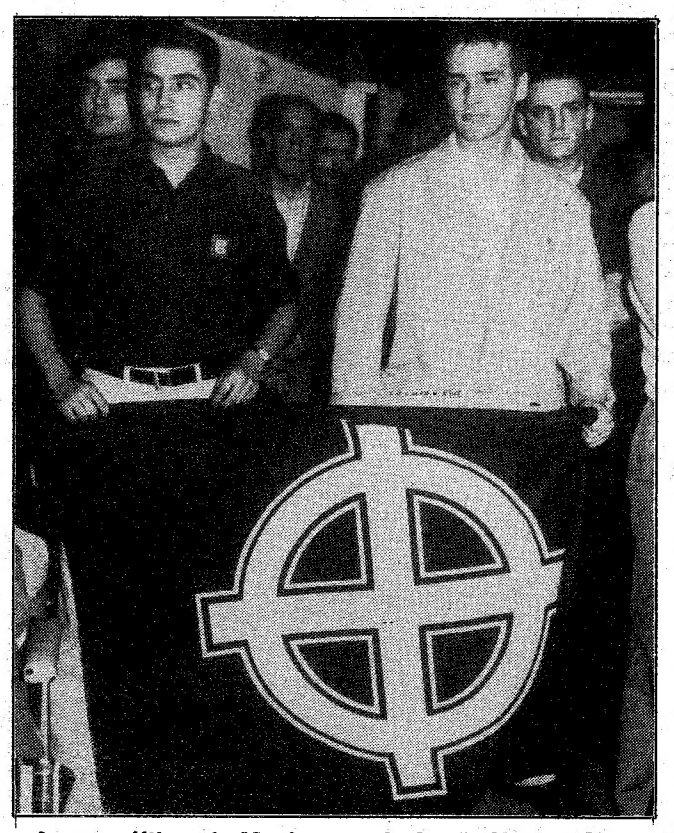
«Em qualquer país da Europa os *skinheads* devem ser considerados como uma força para-militarizada dos movimentos políticos de extrema-direita desses mesmos países» - salienta um documento enviado à Redacção do «DL», que esclarece as ligações do grupo, a sua filosofia e o seu aparecimento em Portugal, «para que não se produzam artigos irreais».

Segundo este dossier, o Centro de Estudos dos Amigos da Europa, sediado em Inglaterra, é o principal coordenador deste movimento a nível europeu e que contacta com a skinzine do Porto, «O Reduto». Atribui ainda ao MAN o papel de interligação com os grupos estrangeiros.

Com um visual inconfundível – cabeças-rapadas, botas *doc martins*, calças de ganga, suspensórios, blusões da tropa e t-shirts brancas que ostentam a cruz céltica, símbolo político, da raça, cultura e tradição europeias, que representa a Vida, a Nação e a civilização como objecto de crescimento infinito -- os skins são facilmente identificáveis. Apareceram em Portugal, mais propriamente em Almada, há sete anos e rapidamente se difundiram em outras zonas da periferia: Seixal, Barreiro e Laranjeiro. Só mais tarde se formam em Lisboa, Porto, Lagos, Aveiro, Espinho, Matosinhos e Coimbra.

Através de «amigos» no estrangeiro os elementos portugueses tiveram conhecimento deste movimento e decidiram expandi-lo no nosso país com o apoio da Nova Ordem Social (NOS), hoje MAN.

A ideologia permanece igual desde os primórdios: uma só raça, uma só cultura. «A política *skinheads* mantém-se em Portugal como uma atitude bastante clara. Cada macaco no seu galho, África para os pretos e Europa para os brancos. Ou como última solução, o desenvolvimento separado das culturas. Isto seria o chamado apartheid. Afinal nem mesmo no reino animal se vêem macacos misturados com gorilas...» - pode ler-se no dossier.



A cruz céltica, do Movimento de Acção Nacional, foi vedeta durante a conferência de Blas Pinar em Lisboa

Têm como lema «Serve o teu país». Defendem que tal nada têm a ver com nazismo, mas com patriotismo. «Os pretos têm a sua cultura, os indianos também, mas onde está a nossa? Se usamos a bandeira chamam-nos nazis, mas o uso da bandeira nada tem a ver com nazismo, mas com patriotismo. O que há de mal em ser patriota e gostar do nosso país como ele sempre foi de há séculos até hoje?!» - refere o documento.

Os cabeças-rapadas em Portugal não integram todos o mesmo grupo. Existem na margem Sul do Tejo, margem Norte e centro da capital. A maior parte têm entre 17 a 30 anos. São sobretudo homens e pertencem a classes sociais bem distintas. Ao contrário dos de Lisboa e do Porto, oriundos de estratos elevados, os da margem Sul são das camadas mais baixas e de profissões ligadas à construção civil.

Uma das suas caracteristicas é o ideal pelo culto da «limpeza», do corpo, da mente, da sociedade, da cultura e do espaço físico. Condenam o uso de drogas, «são inimigas da clareza do espírito» - dizem. E adoptam o desporto como forma de cumprir o lema «mente sã em corpo são».

«O movimento *skinheads* pugna pela separação das raças, suas culturas e defende a agressão física ou psíquica como procedimento perfeitamente natural, devido à convivência de várias culturas num mesmo espaço, o que obriga a um choque entre os mesmos» - pode ler-se naquele documento.

Assumem-se não como um fim em si próprio, mas como um meio que serve de força de defesa e de ataque da extrema-direita europeia.

Tal como todos os grupos social-nacionalistas estrangeiros defendem a sociobiologia como base da sua ideologia. Trata-se de uma ciência, com origem na tese de Edward Wilson, zoólogo da Universidade de Haward, intitulada «Sociobiology-The New Sinthesis», que defende para o comportamento humano uma explicação estritamente biológica e o papel da hereditariedade na desigualdade natural dos Homens.

Atacam em grupo

À sombra desta filosofia os skins formam-se e passam a agredir, a destruir tudo o que vai contra os seus ideias. De bastões em punho, tacos de basebol ou navalhas, escolhem as escolas, as discotecas, os concertos de rock e as ruas para procurarem potenciais vítimas. Atacam quando saem em grupo e, sobretudo, ao fim-de-semana e à noite.

Em Maio de 1989 despertam, pela primeira vez, a atenção dos orgãos de comunicação social e da PJ. O actor João Grosso é brutalmente agredido num bar de Lisboa, depois de ter socorrido um jovem negro, que estava a ser espancado por skins.

A 28 de Outubro deixam definitivamente a clandestinidade com o assassínio de José Carvalho. Oito elementos do grupo são acusados do crime. Mas, sete foram, a semana passada, despronunciados pela juíza de instrução criminal do 5º Juízo, Maria da Graça Araújo. São eles: Américo (23 anos, electricista), Melchior (29, estudante), Gabriel (20, operário), João (21, montador de estores), Francisco (26, vigilante), e os estudantes Filipe (de 17 anos) e Miguel de 19. A acusação de homicídio a Pedro Grilo mantém-se e tudo se resolverá em tribunal.

Em Novembro, atacam um jovem africano, Francisco Faustino, e colocam-no nos carris da via férrea, Porto-Póvoa.

O último acto dos skins, de que se tem conhecimento público, deu-se na passagem do ano. Agrediram, a murro e pontapé, outro jovem negro Fernando Carlos Gomes, de 21 anos, na Rua Júlio Dinis, no Porto.

Segundo um relatório do PSR, pensa-se que, pelo menos, 14 casos de agressão violenta, incluindo três mortes, podem ser-lhes atribuídas, nos últimos dois anos. A PJ continua as suas investigações não se tendo, no entanto, pronunciado sobre estas até agora. O inquérito do processo crime contra José Carvalho continua a decorrer, pelo que o julgamento de Pedro Grilo não se deve realizar tão depressa. Esta perspectiva contraria as expectativas do advogado José António Barreiras. «Desejo que este se realize com a maior rapidez. Por isso, não recorremos do despacho de pronúncia. Quanto à decisão não tenho comentários a fazer. Sou o primeiro a compreender a dificuldade que haveria em ter tomado uma decisão contrária, não pronunciando o Pedro. A defesa está mais interessada em demonstrar a sua inocência do que a encontrar os autores da morte. Esse é o papel que pertence às autoridades e, neste momento o processo já facorece elementos bastantes para tal».

Para o PSR, «a decisão da juíza enfraqueceu o papel da acusação. Até agora não nos pronunciámos sobre a forma como o processo está a ser conduzido, mas cabe-nos apreciar uma falha que se prende com o pouco relevo dado à dimensão política global do envolvimento dos skins neste e noutros assassínios. Penso que esta é a oportunidade fundamental de provar que são um grupo neo-nazi» - afirmou-nos Francisco Louçã.

A última palavra caberá ao Tribunal Constitucional.

Redacção «DL»

José da Conceição Carvalho transportado para o hospital, ensopado em sangue

Nascido em Inglaterra, nos anos 60, o movimento «skinhead» tem adeptos na Alemanha Federal. Nas manifestações gritam «Sieg Heil!» e usam a saudação nazi

A internacional dos cabeças rapadas

«De desorganizada, a violência racista encontrou nos skinheads (cabeças rapadas) um braço armado» - afirma o Ministério do Interior francês, no número de Maio do seu jornal «Civic», publicado antes dos acontecimentos de Carpentras. Segundo os serviços do Ministério, «eles são, por si só, os presumíveis autores de mais de 30 por cento dos delitos violentos verificados».

A interpelação imediata, mas sem seguimento, de seis destes jovens no inquérito sobre a profanação de Carpentras; depois a condenação de três outros, no passado dia 18 de Maio, em Nantes, pela profanação do cemitério de Saint-Herblain, vieram recordar o activismo destes jovens marginais. Nascido no fim dos anos 60, em Inglaterra, o movimento «skinhead» conta com numerosos adeptos na Europa, tanto no Ocidente como a Leste, e algumas centenas em França, dos quais vários militam em grupúsculos neo-nazis.

Desde os interrogatórios a que foram submetidos seis dos seus, no comissariado de Avignon, a França dos «cabeças rapadas» está em ebulição. No estado actual do inquérito, nada permite afirmar que estes jovens vestidos com blusões verdes ou negros, e calçando botas do Exército britânico («Doc Martens»), sejam responsáveis pelas exacções de Carpentras.

Mas, como constituem, seguramente, uma mão-de-obra ideal para os grupúsculos neo-nazis, os olhos da Polícia viraram-se de imediato para eles. Com efeito, os «skinheads» desempenham um papel essencial na progressão da extrema - direita, tanto em França como no estrangeiro.

Os primeiros espécimes surgem em Inglaterra, no fim dos anos 60. Em reacção à moda hippy, os adolescentes dos subúrbios londrinos lançam um movimento proletário que pretende garantir os valores tradicionais da classe operária britânica: sentido de honra, fidelidade na amizade, solidariedade, paixão pelo futebol, pela cerveja e pelas desordens. Se bem que a maior parte seja constituída por patriotas convictos, o seu «militantismo» não possui, nessa altura, qualquer conotação fascista. Estes jovens, que se sentem mais próximos dos imigrantes antilheses que dos pequenos burgueses de cabelo comprido, escutam, aliás, o mesmo género de música que os primeiros: o «reggae», proveniente da Jamaica, ou o «soul», vindo dos Estados Unidos. As bandas proliferam e as desordens multiplicam-se, mas o movimento acaba por se evaporar.

Regressa, em força, no final dos anos 70 e princípio dos anos 80. No auge da moda punk, os «skinheads» reaparecem com grupos de rock que arrastam um público de cabeças rapadas (Sham 89, Cockney Rejects, Four Skins...), proveniente dos meios operários das grandes cidades inglesas, nomeadamente do Leste de Londres. Reúnem-se nos concertos ou nos estádios de futebol, onde contribuem para a expansão do «hooliganismo». O movimento estende-se, então, a outros países da Europa.

A partir de 1984, torna-se radical. Numerosos «skinheads» - que mantinham, até então, uma certa ambiguidade quanto às suas convicções políticas - exibem, agora, posições neo-nazis. Apesar de perder adeptos, o movimento politiza-se consideravelmente, sendo recuperado, um pouco por toda a Europa, pelos grupúsculos extremistas. Em França, onde surgiram no início dos anos 80, os «skinheads» podem, de facto, ser divididos em três grandes famílias, que se detestam e se confrontam, por vezes fisicamente.

A primeira é constituída por jovens - algumas dezenas na região parisiense - que se dizem apolíticos. Reivindicam, simplesmente, o direito de ouvir um certo tipo de música (reggae, ska, certos grupos «skinheads» ingleses...), de usarem o cabelo muito curto e de adoptarem um modo de vestir que lhes agrada. Não militam em nenhum movimento e, embora sejam, por vezes, patriotas, lembram que a França é o «país dos direitos do Homem», por conseguinte, da tolerância.

Entre eles, existe uma maioria de franceses, mas também alguns filhos de imigrantes ou de mestiços. Detestam os «tosquiados» neo-nazis, aos quais negam, aliás, o direito de utilizarem o termo «skinhead», explicando que, na origem, este movimento, apesar de ter uma conotação de violência, não tinha nada a ver com o nazismo.

A segunda categoria está em vias de desaparecer: os «red skins», ou «skins vermelhos», militantes de extrema - esquerda. Tendo partido de Inglaterra, como reacção à expansão das teorias fascistas, esta tendência fez alguns adeptos em França. Numerosos tumultos opuseram-nos aos «skinheads» próximos da extrema - direita.

Estes últimos constituem a terceira família, seguramente a mais espectacular e a mais perigosa. Os jovens ouvidos no âmbito do inquérito aos acontecimentos de Carpentras fazem parte deste grupo, assim como aqueles que recorrem à agressão nas diferentes manifestações ou nos comícios nacionalistas. No que lhes diz respeito, o termo «skinhead» está quase ultrapassado, pois, para os diferenciar dos outros cabeças rapadas entre os bandos e castas de Paris, passou a ser habitual designá-los por «boneheads», ou seja, cabeças de osso.

São algumas centenas em França, disseminados por Lyon, Lille, Le Havre, Mulhouse, Nice, Perpignan... Os do Sul da França têm a reputação de serem muito politizados. Mas é, sobretudo, em Paris que se tornaram conhecidos. Até 1986, actuavam nas estações de metro de Tolbiac e de Jacques-Bonsergent, na praça Gambetta, no Forum dos Halles...

Desde então, com o aparecimento de uma nova geração, o fenómeno deslocou-se para os subúrbios: formaram-se bandos em Juvisy e em Morsang-sur-Orge (Essone), em Saint-Maur e em Gentilly (Val-de-Marne), em Asnières (Hauts-de-Seine) e, até, em certas pequenas vilas do l'Oise. Todos, ou quase todos, estiveram envolvidos em acções racistas ou anti-semitas.

Manejar um taco de base-ball

A maioria destes jovens considera a Frente Nacional como um partido de «pequenos burgueses demasiado à esquerda» (aliás, a FN já não aceita, em teoria, mais «skinheads» entre os seus militantes) e aderiu a diversos grupúsculos. O Partido Nacionalista Francês e Europeu (PNFE) acolhe um grande número de «skins» na região parisiense, por exemplo, os de Juvisy. Mas recruta, igualmente, jovens da província, onde urdiu uma rede de militantes muito activos. O PNFE estende, igualmente, o seu campo de acção a outros movimentos marginais: recruta adeptos entre os rockers (os «rebels»), entre os amantes de hard rock ou entre os jovens das motas (os «bykers»).

Um outro movimento conhece um certo êxito: as Juventudes Nacionalistas Revolucionárias (JNR). Lançadas por iniciativa de Serge Ayoub, um parisiense de 26 anos de idade, conhecido em toda a França pela alcunha de «Batskin», devido à sua reputação de

continua na pág.4

COMENTÁRIO

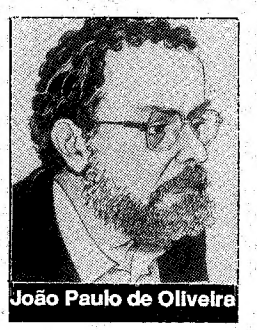
A grande ilusão

O correctivo mais doloroso e, porventura, mais eficaz, mesmo numa perspectiva regeneratória, que poderá aplicar-se a um segmento da marginalidade denominado *skinheads* não se esgota, longe disso, na utilização da lei penal, sem prejuízo de haver que aplicá-la rigorosamente, quer para castigar as suas condutas criminosas, quer sobretudo para banir as suas organizações nos termos constitucionais, desarticulando-as de vez. Quer-se dizer, sim, que é decisivo atacar as causas dos verdadeiros comportamentos anti-sociais — e os *skinheads* não devem, como é evidente, ser privilegiados nesta acção — e, principalmente, no caso destes e de outros movimentos semelhantes, que não será, acaso, de todo inútil despertá-los de uma ilusão: a de que representam no palco da História, quando, afinal, não passam de marionetas.

Descontemos os filhos-família privados do espaço para o desejo por não descortinarem já sonho irrealizado; resta como pesqueiro mais rico da tropa de choque onde os *skinhead* brilham, folclórica e perigosamente, o constituído pela franja marginal em sentido estrito, cujos componentes são atraídos a condutas delituosas pela náusea inversa à que perde os fartos: cansam-se de viver apenas de sonhos — porque estão desempregados, subsistem à custa de expedientes mais ou menos lisos, mesmo do crime bem definido, revoltam-se em permanência contra o muro indestrutível que os separa do consumo fácil, acumulam ressentimentos contra a sociedade em geral, que responsabilizam (com forte razão) pelo insucesso absoluto das suas vidas, e aturdem-se na música, no álcool e na droga antes de desabafarem violentamente, por exemplo, nos campos de futebol. Possuem histórias familiares de humilhação, miséria e desamor que remontam a perder de vista, e um futuro não discrepante com essa espécie de maldição. Integram o estrato que se designa consagradamente por lumpenproletariado, e de mãos ambas acolhem o ensejo de se reconciliarem consigo próprios, continuando marginais em nome de uma ideia — através de um processo alquímico que empresta à violência um sentido missionário, que a integra numa filosofia, que a dignifica ao serviço da comunidade.

Esta gente está apta a aceitar como redenção o apelo da lei do mais forte, do racismo sob todas as suas formas, da competição animal mais inferior, julgando que pensa pela própria cabeça. Como por um passe de mágica, revoltados crónicos, vulgares delinquentes, às vezes menores, em acto ou em potência, tornam-se combatentes «políticos», agentes «revolucionários». A extrema-direita lambe os beiços, ao vê-los tão disponíveis e tão inocentes: sem dificuldade os convencerá de que o futuro lhes reserva o poder e a vingança, e a História um lugar. Acima de tudo, que são actores e não títeres, manobrados no terreno maduro da raiva, do sonho e da ignorância.

É de admitir que alguns destes pobres instrumentos do neo-nazismo, que lhe dão uma imagem de força sem correspondência com a realidade da sua implantação no terreno ideológico, caiam em si quando confrontados com a última das explorações que os esperava. E se não fizerem dos seus senhores o objecto de uma nova e diferente revolta, que ao menos assumam a margem irrespeitável, sem pretensão a ideia «nobre» que a limpe, com os seus pequenos e médios crimes, as suas explosões de violência gratuita. Serão menos perigosos, e nós olhá-los-emos defendidos pela crença de que, apesar de tudo, não há rapazes maus.



João Paulo de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

Uma subcultura neonazi

continuação da pág.3

habilidade em manejar um taco de base-ball. As JNR dispõem de instalações na capital, na rue Saint-Placide, na sede de uma misteriosa associação bretã, Ker Vreizh.

Estes «jovens revolucionários» têm, em média, vinte e cinco anos (o mais velho, de origem britânica, anda pelos 40), mas são acompanhados, frequentemente, por menores, por vezes de treze ou catorze anos, e por algumas raparigas. Numerosos membros das JNR pertenceram à Terceira Via, o grupúsculo de Jean-Gilles Malliarakis, mas foram mais ou menos afastados, sem dúvida porque eram demasiado indisciplinados e se interessavam demasiado pouco pela evolução intelectual dos jovens da Terceira Via.

O famoso «Batskin», muitas vezes interrogado e filmado no decorrer de diversas reportagens sobre os «skinheads» em França, é, incontestavelmente, o líder das JNR. Em 1989, por ocasião de um frente a frente com Harlem Désir, no programa da TF1 «Ciel mon mardi», surgira mais calmo e moderado. É-o muito menos durante os desafios de futebol no Parc des Princes. Rodeado dos seus militantes - no total, um núcleo de cerca de cinquenta «duros» -, ergue o braço mais vezes que no seu feudo da tribuna de Boulogne, tradicional local de reunião dos jovens apoiantes do Paris Saint-Germain.

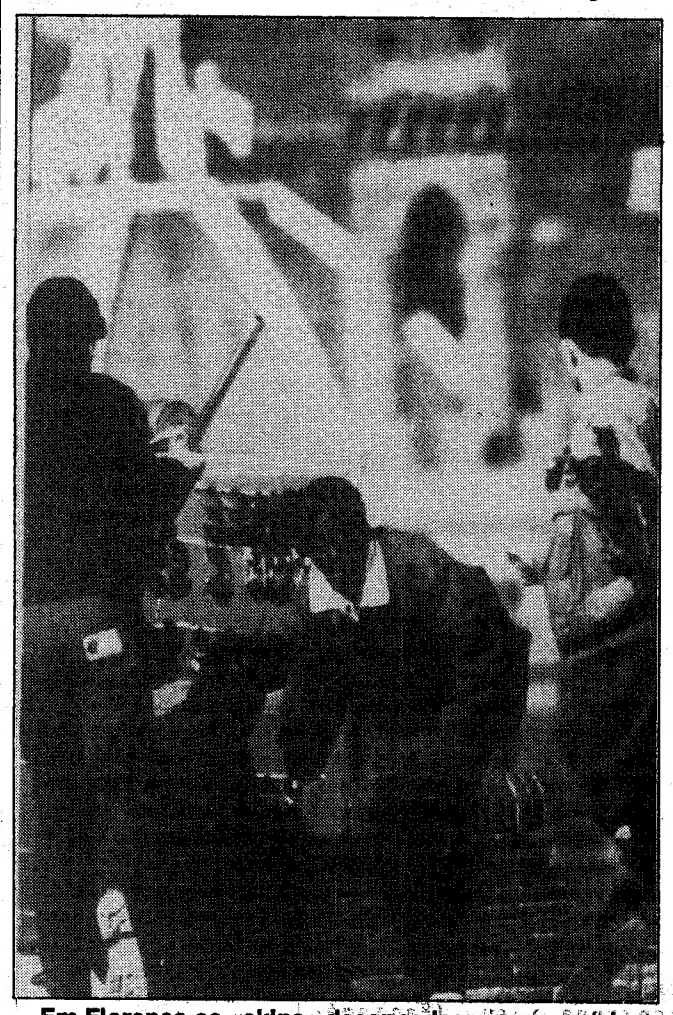
Mais ou menos circunspectos desde 1985 (1), os «skinheads» voltaram em massa às bancadas do estádio parisiense. Por iniciativa das JNR, eram mais de uma centena (alguns vindos da província) no desafio contra o Marselha, no sábado 21 de Abril, no dia a seguir ao 101º aniversário do nascimento de Adolf Hitler, cantando «Azul Branco Vermelho, a França aos Franceses...» sempre que um jógador africano ou antilhês tocava na bola.

«Glória a ti, fascista»

Apesar de alguns «skinheads» ainda militarem em organizações mais clássicas - como o GUD (Grupo União Defesa) ou, mais raramente, na Obra Francesa, de Pierre Sidos, ambos muito activos nos meios universitários - a imensa maioria integra-se nas JNR e, sobretudo, no PNFE, menos preocupados com a respeitabilidade. Estas diferentes facções e os seus respectivos chefes entregam-se a uma luta impiedosa para «ocupar o terreno», particularmente em Paris, onde os confrontos são frequentes entre adeptos de uns e de outros.

Estes «braços fortes» da extrema direita francesa, que são, na sua maioria, desempregados ou se ocupam de «pequenos trabalhinhos» (tarefeiros, estafetas...), não são todos provenientes de meios populares. Alguns, como Serge Ayoub, frequentaram as escolas dos melhores bairros de Paris, ou as universidades, antes de raparem o crânio. Alguns - uma minoria - são mesmo de origem...judaica, árabe ou portuguesa! Mas tanto uns como outros evoluem num mundo de violência e de quimeras, o qual permite todas as contradições.

GRANDE ANGULAR



Em Florença os «skins» desencadearam uma série de ataques racistas, em Março

O cemitério de Ecault ficou assinalado com a inscrição:«Morte aos judeus»

Têm a ilusão de estar a travar uma guerra tribal no macadame francês, e empenham-se em imitar os seus «modelos» ingleses tanto quanto as Waffen SS, regando, por vezes, os seus delírios com álcool e substâncias proibidas (anfetaminas, cocaína...). Vivem ao ritmo de passagens pelas esquadras da Polícia, de furtos - sobretudo praticados na província e nos subúrbios das grandes cidades - ou de «descidas» nos concertos. Excepto por alguns cabecilhas, geralmente estudantes, a sua «consciência política» resume-se ao sentido do murro e do ódio pelo outro, quer seja judeu, negro ou árabe.

A música desempenha, igualmente, um papel muito importante na difusão das suas ideias. Vários grupos, por vezes de existência efémera, foram constituídos por todo o lado em França. As letras das canções, vociferadas em ritmos muito pesados, são, em geral, inequívocas. Os Bunker, um grupo de Méru (Oise), «cantam» assim: «Glória a ti, fascista; glória a ti, PNFE; glória a ti, Waffen SS...». Os Légion 88 - um outro grupo, hoje desaparecido - asseguravam, por seu turno: «Vamos impor a nossa bandeira, vamos impor a nova ordem», ou ainda: »Terroristas à morte, imigrantes para fora».Outras formações, de nomes evocatórios - Racial Kombat, Nouvelle Croisade, Ultime Assaut, Chauves Pourris... - nascem e morrem, todas as semanas, na semi-clandestinidade das caves nos subúrbios, em Paris ou na província. O mesmo acontece com os pequenos jornais, de fabrico artesanal, que são vendidos de mão em mão ou por correspondência.

Uma subcultura neonazi

Com efeito, uma espécie de subcultura neonazi à maneira francesa começou a surgir, desde há cinco anos, com as suas ligações, combinações e mistérios. Os concertos, organizados em salas privadas ou - melhor ainda - na Bélgica flamenga, só admitem espectadores «dignos de confiança», que compraram antecipadamente os seus bilhetes. Quanto aos emblemas de todos os géneros e aos discos oficialmente proibidos, é fácil encontrá-los nas traseiras de uma loja de discos situada perto dos Paços do Concelho de Paris, ou numa livraria de banda desenhada, aberta na capital por um belga...

Mas o florão dos «skinheads» neo-nazis franceses continua a ser, sem nenhuma dúvida, uma marca de discos instalada em Brest, «Rebels Européens». Dirigida pelo antigo agente do grupo Brutal Combat, Gael Bodilis (2), impôs-se, em poucos anos, como líder mundial neste campo, e recebe encomendas dos Estados Unidos, da Bélgica, de Inglaterra...

Pois uma espécie de Internacional «skinhead» foi, efectivamente, formada, nos últimos anos: o movimento conta com adeptos em toda a Europa Ocidental - inclusive nos países mediterrânicos, como a Espanha (Barcelona), a Itália (Verona, Milão) e a Grécia (Salónica, Atenas) -, mas, também, no Leste (Polónia e, sobretudo, a RDA), onde se distinguem como «hooligans» nos estádios. São todos leitores assíduos de uma publicação inglesa, «Blood and Honor» (Sangue e Honra), redigida por Ian Stewart, vocalista do grupo londrino Skrewdriver e porta-voz da confraria dos «rapados» europeus.

Apesar desta intensa actividade «cultural» a nível internacional, os «skinheads» nazis - pelo menos na sua forma clássica (crânios rapados, trajes de combate) - estão, nitidamente, em vias de desaparecer, em Paris. Em contrapartida, jovens que não usam, necessariamente, o cabelo curto, mas que partilham das mesmas ideias, proliferam de forma vertiginosa. «São, cada vez menos, skins, e cada vez mais numerosos» - resume um observador «neutro». Pessoas próximas do meio asseguram, igualmente, que os contactos entre os bandos das diferentes cidades do Hexógono são frequentes. O mesmo acontece em relação ao estrangeiro: os jovens de Lille vão à Bélgica, enquanto os provenientes da Alsácia se viram para a Alemanha.

Os parisienses também se deslocam com frequência. Mas isso tem uma outra razão: os bandos de Paris rejeitaram-nos da capital, onde já não dispõem de locais próprios de reunião, excepto pelo Parc des Princes e alguns raros cafés. É preciso dizer que certos «gangs» de jovens se especializaram na «caça aos skins», um «desporto» muito apreciado pelos Red Warriors (os «Guerreiros Vermelhos»), implantados em Fontenay-sous-Bois; os Félins («Felinos») de Juvisy ou os Leader Force («Força Líder») do bairro de Montparnasse, sem falar de todos os bandos dos subúrbios, nomeadamente os Zoulous («Zulus»), que reinam, todos os fins-de-semana, na zona da «gare du Nort» (Linha do Norte). Porém, desde o caso de Carpentras, os «caçadores» mais assanhados são, sem nenhuma dúvida, os jovens extremistas judeus...

Philippe Broussard
Exclusivo «Le Monde» /«DL»
Tradução de Isabel Joyce

(1) Em 1985, na sequência do drama de Heysel, diversos actos de vandalismo foram cometidos em vários estádios franceses (Metz, Nice, Laval, Auxerre...), em nome dos «Hooligans do Paris Saint-Germain». A culpabilidade dos «skinheads» nunca pôde ser estabelecida.

(2) Esta marca de discos está na origem da organização de um festival «rock contra o comunismo», em 28 de Maio de 1988. Várias centenas de «skinheads», vindos de toda a França, tinham, então, invadido a região de Brest, provocando várias desordens. O festival acabou por ser proibido.

Amanhã:
«A moral do respeito»

POLÍTICA

Cavaco Silva na Cimeira de Dublin

Dívida da URSS a Portugal: quase dois milhões de contos

A dívida da União Soviética a Portugal é superior a um milhão de contos e «deve chegar a dois milhões», afirmou ontem em Dublin o primeiro-ministro durante um encontro com os jornalistas.

Cavaco Silva, que especificou ser o calçado o sector mais lesado, alertou as empresas portuguesas para os riscos que correm ao investir naquele país, sustentando que devem recorrer a seguros de exportação. Excepcionou, porém, a RDA: «Nunca acreditei que, de um dia para o outro, o Leste europeu, à excepção da RDA, pudesse transformar-se em economia de mercado», disse.

O chefe do Executivo terá defendido na Cimeira de Dublin, segundo fontes citadas pela Lusa, a preferência pela prossecução da abertura da CEE à EFTA, com vista à concretização do chamado Espaço Económico Europeu e o estabelecimento de ajudas estruturais aos países mediterrânicos (em lugar das actuais concessões comerciais). Quanto ao Leste, admitiu tão só a concretização de acordos de segunda geração.

No primeiro dia dos trabalhos, a reunião de Dublin tomou uma importante decisão: abriu a possibilidade de a união política política (UP) e a união económica e monetária (UEM) entrarem em vigor, no quadro comunitário, em simultâneo com o Mercado Interno, a 1 de Janeiro de 1993, caso seja cumprido o «calendário» estabelecido.Os chefes de Estado e de Governo da Comunidade marcaram para 13 de Dezembro uma conferência sobre a UEM e para o dia seguinte outra relativa à união política, criando assim condições para que as decisões tomadas em ambas sejam ratificadas a tempo pelos parlamentos nacionais.

Reino Unido e Portugal terão manifestado posições distintas dos seus parceiros nesta matéria. Cavaco Silva garantiu que o nosso país concorda com «os objectivos globais propostos para a união política», de acordo com fontes citadas pela Lusa.

Terá suscitado a necessidade de não ser posta em causa a identidade nacional e as instituições de cada estado, no futuro cenário. Daí que a delegação portuguesa tenha reagido energicamente às declarações do ministro francês dos Estrangeiros a este respeito. Roland Dumas afirmou em conferência de Imprensa que Portugal e o Reino Unido «manifestaram reservas de fundo quanto ao conteúdo da futura união».

Gradual e subsidiária

«A Comunidade deve avançar etapa por etapa, de forma gradual, flexível e pragmática, evitando rupturas» - esta a posição central do Governo português, expressa por Cavaco Silva perante os seus pares europeus. O primeiro-ministro recusou, assim, a adaptação do Estado-Nação à Comunidade, como modelo, e salientou que a união política não se compadece da cosagração do respeito pelas diferenças.

Admitindo que questões de política externa obedeçam a uma posição conjunta, na Europa do futuro, Cavaco terá preconizado o «princípio da subsidiaridade», segundo o qual só deve ser empreendido num quadro supra-nacional o que não é manifestamente possível a partir do esforço de cada país.

O primeiro-ministro defendeu ainda a realização de uma união política baseada num «equilíbrio institucional». Neste quadro, defende que o Conselho de Ministros deve permanecer como o principal órgão legislativo, a Comissão deve manter o papel de órgão executivo e de guardião dos tratados, o Parlamento Europeu como fiscalizador e os tribunais como instituições que zelam pelo contencioso e interpretação do direito comunitário. *(Ver texto na página 10 deste jornal)*

Redacção «DL»/Lusa

Cavaco Silva com o primeiro- ministro irlandês, Charles Haughey, o anfitreão da Cimeira dos Doze

Menor carga fiscal no código do IRS

O Código de Imposto sobre o IRS foi alterado em muitos dos seus articulados, segundo o decreto-lei 206/90, hoje publicado no «Diário da República», que define a actualização geral dos montantes de deduções e abatimentos e dos escalões de tributação «em valor superior à inflação esperada» e traduz menor carga fiscal.

O actual Decreto que, na introdução, diz que as medidas são determinadas por razões de justiça social e «concretiza um efectivo desagravamento da carga fiscal», passa a incluir na categoria A os rendimentos resultantes dos chamados «recibos verdes», numa altura em que é cada vez maior o número de trabalhadores a receberem vencimentos permanentes neste sistema.

Outra intenção é proceder a uma igualização, já que passam a ser considerados como obtidos em Portugal rendimentos de comissões recebidas por não residentes pela intermediação em negócios, sempre que pagas por entendidas fixadas em Portugal. Também é considerado rendimento do trabalho dependente atribuições a título de pré-reforma ou abonos de situação de reserva.

Enquanto a venda de imóveis não é colectável, caso seja feita para reinvestimento em nova habitação, já o trespasse de estabelecimentos comerciais ou industriais, quando não propriedade do trespassante, passa a ser colectado.

Comunicação Social debate Forças Armadas

Integrado no programa de debates públicos «Defesa Nacional - Anos 90», promovido pelo Ministério da Defesa Nacional, pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa e pelo Instituto de Defesa Nacional, IDN, realiza-se um seminário/*workshop* sobre o tema «Os Media e as Forças Armadas», nas próximas quarta e quinta-feira.

É uma iniciativa que surge na sequência do debate alargado sobre questões de Defesa e de segurança, anunciado pelo ministro da Defesa, Fernando Nogueira.

Na sessão inaugural participarão o general Cabral Couto, director do IDN, os chefes dos Departamentos de Relações Públicas e Comunicação nos três ramos das Forças Armadas: capitão-de-mar-e-guerra Canelas Cardoso, do EMGFA; comandante Monteiro Coelho, da Armada; coronel Eduardo Mendonça, do Exército e major Luís Pequeno, da Força Aérea Portuguesa.

Mário Mesquita (director do «Diário de Lisboa» e docente da Universidade Nova de Lisboa) e Joachim Maitre (director da Faculdade de Comunicação da Universidade de Boston) apresentarão, também, comunicações nesta sessão.

O *workshop* propriamente dito, reservado aos profissionais convidados, inicia-se amanhã e prolonga-se até quinta-feira.

Serão debatidos temas como «o direito à informação vs. o segredo em questões de segurança nacional»; «o papel dos *media* e das Forças Armadas numa sociedade democrática»; «a lealdade dividida - o jornalista e o patriotismo»; «a ética dos jornalistas e dos militares» e «a contra-informação».

A iniciativa faz parte de uma série de *workshops* organizados pelo departamento de Comunicação Social, da Universidade Nova de Lisboa, durante o actual ano lectivo, em que se comemora o seu 10º aniversário.

BREVES

Incompatibilidades ao jantar de Gomes

Fernando Gomes, presidente da Câmara do Porto, jantou ontem, em Lisboa, com Jorge Sampaio, António Guterres, João Cravinho e Jorge Lacão. O pretexto do encontro foi a situação do autarca face à lei das incompatibilidades e a eventualidade da sua saída do Parlamento Europeu. Fonte socialista disse ao «DL» que Fernando Gomes vai explicitar a sua posição até ao final da semana. Para já, o autarca considera «que não está a violar nenhuma lei».

Primeiro-ministro responde a Sampaio

O primeiro-ministro, Cavaco Silva, na resposta que enviou à carta de Jorge Sampaio sobre as dívidas da Administração Central para com a Câmara de Lisboa, afirma que o município da capital terá de negociar directamente com as empresas públicas, os débitos que afirma possuir. Na missiva, Cavaco Silva recorda que as empresas públicas ou sociedades de capitais públicos gozam de personalidade jurídica e são dotadas de autonomia administrativa, financeira e patrimonial. Entretanto, o porta-voz de Sampaio, Perez Metello disse que o presidente da Câmara «não vai comentar de momento o conteúdo da carta». No relatório, elaborado pelo vereador centrista Carlos Pardal, a Câmara apontava para um montante de 40 milhões de contos de dívidas e sugeria a criação de uma comissão arbitral para resolver o problema.

Jardim quer dinheiro mas sem avidez...

O presidente do Governo Regional da Madeira quer dinheiro da CEE, mas alerta contra a avidez daí resultante. «Agora que novos fundos da CEE estão para vir, o gosto pelo poder e pela avidez de vir a gerir dinheiros ganha maior força na Madeira», afirmou Jardim ao inaugurar o novo edifício dos CTT de Ponta Delgada. Por seu turno, o vice-presidente do Governo da Madeira, Miguel de Sousa, revelou que a Comisão Europeia deverá aprovar o Programa Operacional Plurifundos para a Madeira, até finais de Julho. O responsável pela Coordenação Económica da Região classificou as negociações de «extremamente positivas para os interesses da região», salientando que a sua aprovação permitirá a canalização de um primeiro fluxo financeiro de 50 por cento da comparticipação do Feder e Fundo Social Europeu.

... e proíbe debate numa escola

O presidente do Governo Regional da Madeira congratulou-se com o facto da Secretaria Regional da Educação não autorizar uma mesa redonda na Escola Secundária Francisco Franco, no Funchal. «O Executivo nunca permitirá que as escolas voltem a transformar-se em locais para a realização de actividades por socialistas e comunistas». Jardim afirma estar certo de que «exprime o sentimento da maioria esmagadora dos madeirenses». O presidente do Governo madeirense recebeu entretanto o secretário-coordenador do PS madeirense num encontro que incidiu sobre a integração e desafios europeus. Jardim Fernandes admitiu que a audiência pode significar o «restabelecimento do diálogo institucional entre o Governo e a oposição».

Indonésios querem apanhar líder da Fretilin

As forças armadas indonésias querem capturar o líder da Fretilin, Xanana Gusmão. Nesse sentido lançaram há dias uma ofensiva em Timor Leste, na qual estão empenhados 40 mil militares de Djacarta apoiados por seis mil timorenses. A afirmação é da directora da TAPOL, Organização Indonésia para os Direitos Humanos, com sede em Londres, Carmel Budiardjo, que se encontra de visita à Austrália. De acordo com esta activista, «desde a Páscoa que mais de cem pessoas foram torturadas e massacradas na região de Ainaro».

Pinheiro com embaixadores da África sub-sahariana

O ministro João de Deus Pinheiro encontra-se depois de amanhã com os embaixadores dos países da África sub-saariana acreditados em Lisboa a fim de debater os desenvolvimentos naquela região e as relações com Portugal.

POLÍTICA

Reforma Agrária esta tarde na AR

PCP vai requerer inconstitucionalidade

O PCP vai requerer a declaração de inconstitucionalidade da Lei da Reforma Agrária que esta tarde deverá ser aprovada na Assembleia da República, graças aos votos do PSD.

A decisão, ontem anunciada em conferência de Imprensa, no final da reunião da Comissão Política, surge como sequência da natural oposição dos comunistas a um diploma que, na sua essência, visa destruir as bases da sua grande bandeira ideológica de 1975. Nessa medida, o debate de hoje no Parlamento promete transformar-se na reedição dos mais acalorados confrontos políticos do PREC. A importância política que a direcção do PCP lhe confere mede-se, aliás, pelo facto de ter adiado para 6 de Julho uma reunião do Comité Central marcada para hoje.

Curiosamente, o texto governamental merece uma apreciação negativa não apenas de toda a oposição, mas, igualmente, de sectores politicamente situados nos antípodas do PCP, como a CAP. Os comunistas voltaram ontem a manifestar-se frontalmente contra a «reconstituição da propriedade latifundiária», chamando a atenção para os prejuízos que da aprovação da lei podem advir para as UCP, hoje reduzidas a apenas 75 mil hectares na chamada «zona de intervenção da Reforma Agrária», o Alentejo.

Os centristas, por seu turno, criticam a proposta por razões contrárias: fica, na sua óptica, àquem do objectivo, precisamente a extinção da zona de intervenção. Basílio Horta, em declarações à agência Lusa, discorda da manutenção dos critérios de pontuação e dimensionamento das reservas e do estabelecimento de um «regime diferenciado de arrendamento para os agricultores que exploram terras do Estado».

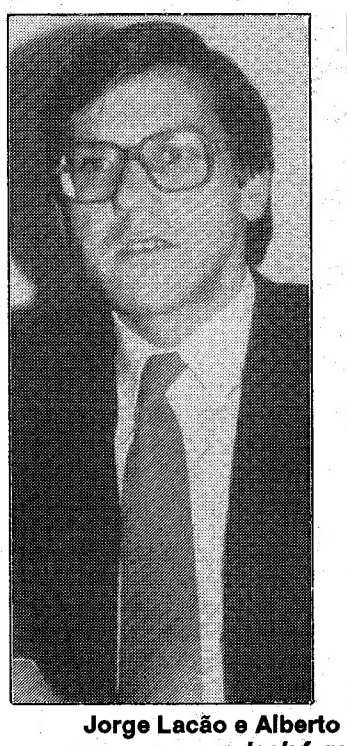
Enquanto a oposição socialista, que viabilizou as alterações neste domínio no decurso da revisão constitucional, se limita oficialmente a considerar que a proposta do Executivo «desvirtua e viola o espírito» da Lei Fundamental, os social-democratas têm consciência de que não é possível, em matéria tão delicada, elaborar um texto consensual. «Cometeram-se erros graves e actos administrativos que tornam difícil encontrar a justiça absoluta», observou o deputado João Maçãs.

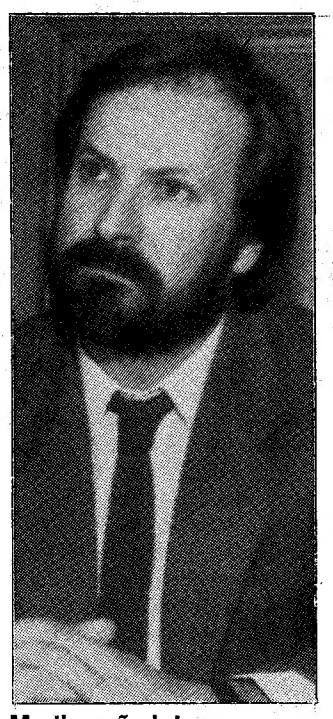
A proposta governamental introduz alterações a 17 artigos da Lei da Bases da Reforma Agrária, preconizando, entre outras medidas, a venda de terras do Estado a pequenos e médios agricultores. Pôr fim à «filosofia colectivista do uso da terra» no Alentejo é o objectivo confesso.

Redacção «DL»/Lusa

Socialistas organizam-se para reajustar estratégia

O Secretariado Nacional do PS reuniu, ontem, durante toda a tarde para reajustar a estratégia dos socialistas à política concorrencial de permanente resposta e contra-resposta com o Partido Social-Democrata, principal opositor na conquista do poder nas legislativas de 1991.





Jorge Lacão e Alberto Martins vão integrar a *task force* do PS

Os membros do Secretariado vão ficar distribuídos por grupos de trabalho com áreas de intervenção específicas. Além dos grupos já existentes e da comissão de redacção do programa de Governo do Partido Socialista (em que se passa a integrar Alberto Costa), foi constituída uma espécie de comissão política permanente, cujo principal objectivo é preparar as reuniões semanais do Secretariado Nacional e proceder a análise rápida e eficaz dos factos políticos que forem surgindo durante a semana. No entanto, a direcção socialista preferiu guardar segredo quanto à composição deste grupo, considerado um trunfo no ataque ao PSD e ao Governo. O «DL» apurou que Alberto Martins, António Guterres, Jaime Gama e Jorge Lacão estão entre os seus componentes. Serão eles a propôr a contra-ofensiva ao PSD e a avançar com novas iniciativas que serão depois aprovadas pelo Secretariado Nacional.

O comunicado final é lacónico e nada acrescenta à estrutura definida após a vitória de Jorge Samapio para a Câmara de Lisboa. O documento distribuído à imprensa revela apenas que vão ser mantidos os pelouros já atribuídos. Arons de Carvalho fica com a área do Associativismo e Cooperativismo, Ana Maria Betencourt com a Educação e Formação, Lopes Cardoso com a Gestão Administrativa e Financeira, António Guterres fica responsável pela ligação ao grupo parlamentar, Elisa Damião com a área do Trabalho, Ferro Rodrigues com os Assuntos Sociais e Questões Macro-Económicas, Fernando Marques da Costa fica com o pelouro das Relações Internacionais e acumula com o cargo de porta-voz do Secretariado Nacional, João Cravinho mantém os Assuntos Europeus, Jorge Lacão os Assuntos Autárquicos e Regiões e Manuel dos Santos as Questões de Empresa e Sectores Económicos.

Os secretários adjuntos Julieta Sampaio, Júlio Henriques e Victor Caio Roque ficam com a responsabilidade de fazer chegar as directivas do partido às federações e estruturas de base, não se confirmando assim a possibilidade de António Manuel, chefe de gabinete de Jorge Sampaio, ficar com estas atribuições.

Rádios regionais

Alberto Arons de Carvalho e Jorge Lacão interromperam a reunião do Secretariado para uma conferência de Imprensa dedicada em exclusivo aos critérios do Governo para a atribuição das frequências regionais.

Arons de Carvalho manifestou o «veemente protesto dos socialistas» pela política de Comunicação Social do Governo. «As rádios contempladas estão ligadas a dois jornais com uma linha editorial afecta ao Executivo de Cavaco Silva», disse o dirigente do PS que manifestou também preocupação com os critérios a utilizar na atribuição dos canais de televisão privados.

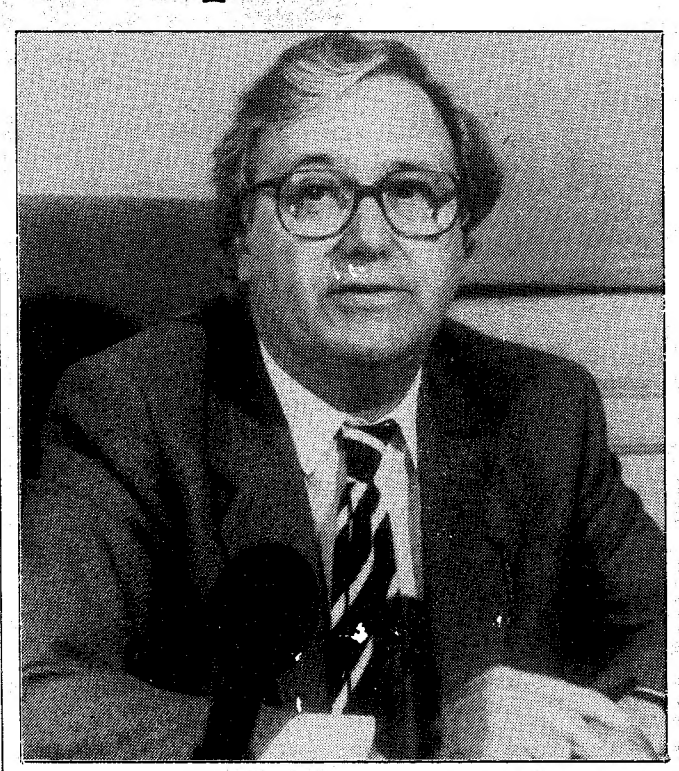
O deputado do PS salientou ainda o facto de um dos contemplados, proprietário da Rádio Press, ser membro do Conselho Consultivo da Rádio e relator do documento da atribuição das frequências. Os socialistas acusam o Governo de ter feito pressões junto dos membros do Conselho. Em contrapartida, o PS garante que «quando fôr Governo procederá à reavaliação da situação criada por este Executivo a nível da Comunicação Social, nomeadamente no que respeita à redestribuição das frequências regionais». Arons de Carvalho avançou com a hipótese do PS vir a abrir mais duas frequências regionais, uma no Norte e outra no Sul, provavelmente para compensar as rádios que segundo os socialistas tinham mais qualidade e não foram contempladas.

O dirigente do PS revelou ainda que o seu partido vai manter contactos com os outros partidos, designadamente com o CDS e o PCP no sentido de se fazer um pacto de regime em relação ao estatuto da Televisão. O PS tudo fará para «retirar ao Governo o direito de designar os gestores da RTP e fazer cumprir os direitos dos jornalistas em especial no que respeita aos Conselhos de Redacção».

Redacção «DL»

Governador de Macau em Lisboa

PSD pede a Vítor Crespo audição de Carlos Melancia



Carlos Melancia

O Grupo Parlamentar do PSD vai solicitar esta tarde o agendamento de uma audição parlamentar do governador de Macau, Carlos Melancia, a propósito dos alegados cortes feitos ao discurso que o ministro dos Assuntos Parlamentares enviou para Macau para assinalar o 10 de Junho. O PSD pretende aproveitar a estadia do governador em Lisboa até ao final da semana para pedir a Vitor Crespo a audição de Carlos Melancia na Comissão de Assuntos Constitucionais. Os sociais democratas vão solicitar também a presença de Dias Loureiro para o ouvirem sobre o mesmo caso.

Carlos Melancia chegou ontem a Lisboa, acompanhado pelo secretário-adjunto para os Assuntos da Transição, João de Deus Ramos, para informar o Presidente da República e o primeiro-ministro sobre questões do novo quadro das relações entre Portugal e a China depois da última cimeira dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade e numa altura em que decorre a Cimeira de Dublin.

O governador de Macau, alvo de um batalhão de jornalistas que o questionaram momentos após ter entrado na sala VIP do aeroporto, desmentiu categoricamente ter sido «chamado» a Lisboa, esclarecendo que a deslocação fora de sua exclusiva iniciativa e ter sido ele a propô-la ao Presidente da República e ao primeiro-ministro.

O governador de Macau referiu que depois da reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE, Portugal dispõe de um quadro de relacionamento com a China em termos da Comunidade que é diferente do anterior.

«As relações entre Portugal e China nos últimos seis meses levam-me a considerar que é indispensável fazer uma reflexão sobre essa situação. Se o conjunto das coisas em si não me preocupa são sintomas pequenos que me levam a fazer esta reflexão», disse Carlos Melancia que considerou, perante este quadro, ser indispensável pôr o Presidente da República e o primeiro-ministro ao corrente da nova situação.

«Penso que é necessária uma reflexão sobre o novo relacionamento com a República Popular da China, criado pelos acontecimentos dos últimos meses», referiu o Governador, Macau, lembrando a decisão do governo britânico de encetar negociações com a China.

«O Governo pode fazer que quizer. Eu é que não posso prescindir de dar informação», acrescentou.

Interrogado sobre a questão dos alegados cortes no discurso de Dias Loureiro, Melancia disse não se pronunciar sobre isso antes de falar com o ministro dos assuntos Parlamentares e com o primeiro-ministro.

O Governador de Macau subalternizou também o recente pedido de demissão do secretário-adjunto da Justiça, Magalhães e Silva, considerando tratar-se de um assunto que o preocupava enquanto responsável pelo território, mas de menor importância em relação aos motivos que o trouxeram a Lisboa. Negou também a existência de qualquer pedido de demissão por parte do secretário-adjunto para os Grandes Empreendimentos, Luís Vasconcelos, sublinhando que este já desmentira três ou quatro vezes a notícia.

Carlos Melancia, que regressa a Macau na próxima sexta-feira, encontra-se hoje com o Presidente da República e amanhã com o primeiro-ministro.

Redacção «DL»

POLÍTICA

O Governo lançou hoje uma grande operação pelo sector da administração do território para dizer que todo o caos que por aí vai em matéria de ocupação e uso dos solos urbanos e da faixa litoral vai ser controlado por regras inflexíveis a fixar em textos que ainda não estão prontos

Leis na forja para controlar caos na ocupação do território

O Governo prepara uma ofensiva legislativa no domínio da ocupação do território e do uso do solo urbano e fez questão de a lançar com aparato numa reunião com jornalistas convocada por Valente de Oliveira e Nunes Liberato, respectivamente, ministro do Planeamento e secretário de Estado do Ordenamento do Território.

Depois de ter sido fortemente criticado por causa da lei dos planos municipais, do desrespeito pelo ambiente, do caos urbanístico consentido às câmaras municipais, do descontrolo paisagístico e urbanístico ao longo de toda a costa, onde os negócios turísticos se impõem a todas as normas, o Governo quer dar a ideia de querer pôr ordem no caos, de disciplinar a actuação dos municipios e de exercer uma acção planificadora mínima.

Para tal, e segundo foi anunciado esta manhã, o Governo tem em preparação a lei de Bases do Ordenamento do Território, do Ordenamento do Território da Faixa Costeira, uma nova lei de Loteamentos Urbanos, uma revisão do Código das Expropriações e um novo normativo sobre licenciamento municipal de obras particulares.

O ministro e o secretário de Estado expuzeram as linhas predominantes a que todas as leis vão obedecer, ao mesmo tempo que anunciavam novas formas de financiamento para a elaboração de planos directores municipais e para a reabilitação de áreas urbanas degradadas.

Assim, a lei de Ordenamento do Território pretende disciplinar o crescimento urbano, através dos planos municipais, nomeadamente fixando valores máximos de densidade habitacional (fogos por hectare) em certas áreas; limitando a demolição de edifícios aos casos de operações de renovação urbana ou quando os edifícios careçam de requisitos de habitabilidade; e proibindo a utilização de edifícios indusrtrais, comerciais ou de serviços em certas zonas delimitadas.

O Governo parece vir reconhecer agora, depois da destruição de várias zonas, que algumas «áreas costeiras não poderão suportar as múltiplas pressões a que têm estado sujeitas sem atingir um estado de degradação irreversível ou até de rotura.»

Recorde-se que o ex-secretário de Estado do Ambiente e actual deputado europeu do PSD, Carlos Pimenta, propôs há dias que se suspendesse, por dois anos, a aprovação de novas operações urbanísticas na costa, até à aprovação das normas que o Governo ainda prepara. A não ser aceite esta sugestão de Carlos Pimenta, é certo de que continuará a acontecer o que já é visivel, que alguns projectos criminosos vão obtendo aprovação apressada, antes que o rigor de novas leis lhes caia em cima.

Segundo documento distribuído aos jornalistas, e que os especuladores terão na devida conta para apressar os seus projectos, a lei de ordenamento da faixa costeira terá como dois principios fundamentais que as novas ocupações de solo devem localizar-se preferencialmente nos aglomerados existentes; a ocupação urbana deve ser desenvolvida em forma de «cunha», ou seja estreita na proximidade da costa e a largar para o interior do território.

Segundo a promessa do Governo, essa lei estipulará que a transposição das dunas costeiras deve ser limitada à circulação pedonal, através de passadeiras-estrados, que não prejudiquem a estabilidade dunar, principio que tem estado a ser violado, nomeadamente no caso da estrada para Porto Covo, que o DL recentemente denunciou. Essa lei determinará também que os parques de estacionamento de apoio às praias, para além de pavimentados com materiais permeáveis, devem ser dimensionados à capacidade de acolhimento das praias. Estabelece também que fora dos aglomerados (afinal sempre se permite a construção nessas áreas) não devem ser autorizadas edificações com mais de dois pisos, mas logo admite as excepções «no caso de empreendimentos de interesse público ou turístico», como admite todas as fugas em relação às áreas do litoral que já se encontram degradadas, ao adimitir que aí podem ser licenciadas obras que não se subordinem aos principios da nova lei.

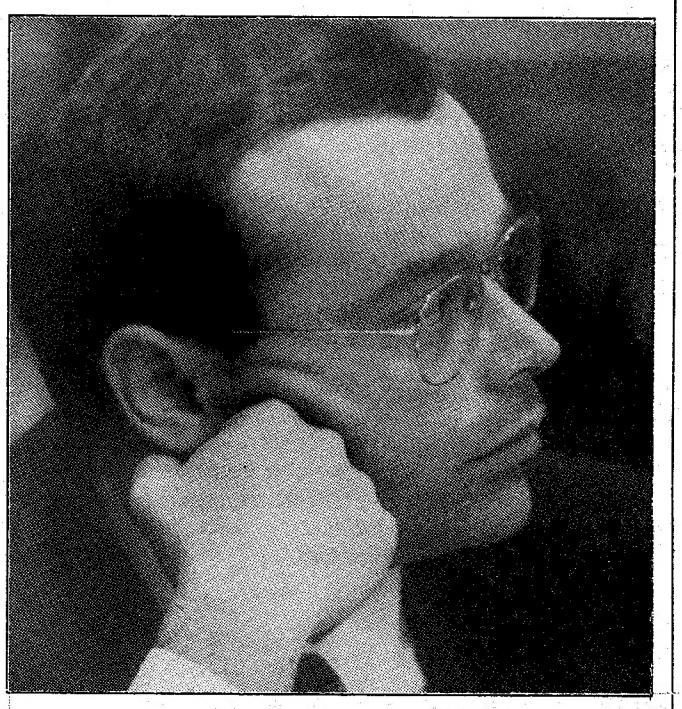
Quanto à reforma da lei do loteamento urbano, diz o Governo em memorando hoje entregue aos jornalistas que se pretende que «as iniciativas dos particulares sejam devidamente enquadradas num processo administrativo capaz de assegurar a defesa do interesse público e o respeito da legislação em vigor, designadamente em matéria de urbanismo e protecção do ambiente.»

Para evitar logros e destruições paisagísticas ou de património a lei proibirá «todas as operações preparatórias das operações de loteamento e obras de urbanização, nomeadamente a destruição de vegetação ou de elementos construídos, a simples preparação do terreno por meio de terraplanagens, marcações e qualquer tipo de colocação de estacas ou outros elementos que indiciem a divisão em lotes ou parcelas.»

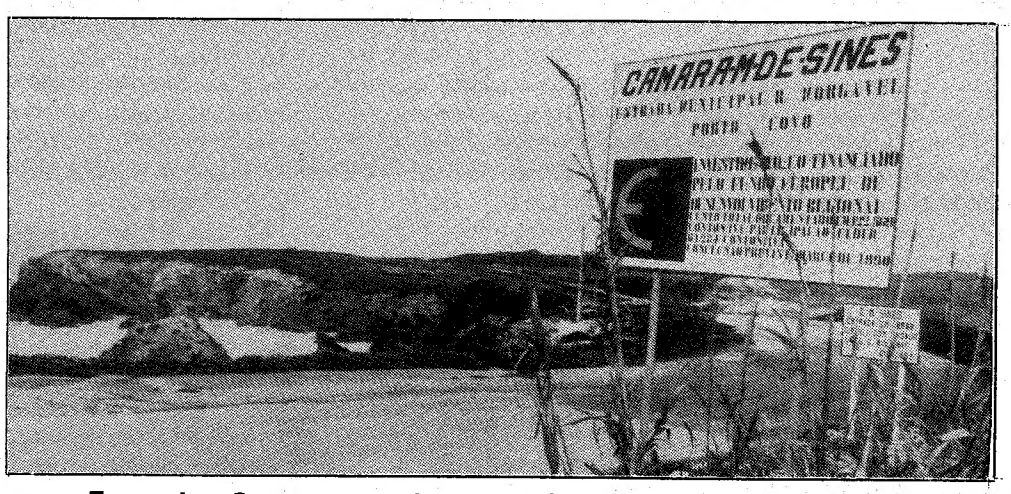
Um outro princípio poderá ter o efeito de não permitir o logro em que os adquirentes de propriedades urbanizadas, casas ou andares, caem. É prometido que serão criados mecanismos que assegurem a execução efectiva das obras de urbanização «e a defesa dos interesses e expectativas dos cidadãos eventualmente prejudicados pela não realização de tais obras; a par da aplicação das indispensáveis sanções, serão instituídos mecanismos de substituição que facultam, quer às câmaras municipais, quer a terceiros lesados, a possibilidade de levar a efeito as obras.»

Não foi dada indicação acerca do prazo em que será publicada esta nova legislação, de modo a que ela possa actuar, nem foi esclarecido o modo como se vai articular, na sua aplicação, a colaboração entre os vários ministérios que interferem no desenvolvimento, nas infraestruturas públicas e na defesa do ambiente.

Adelino Cardoso



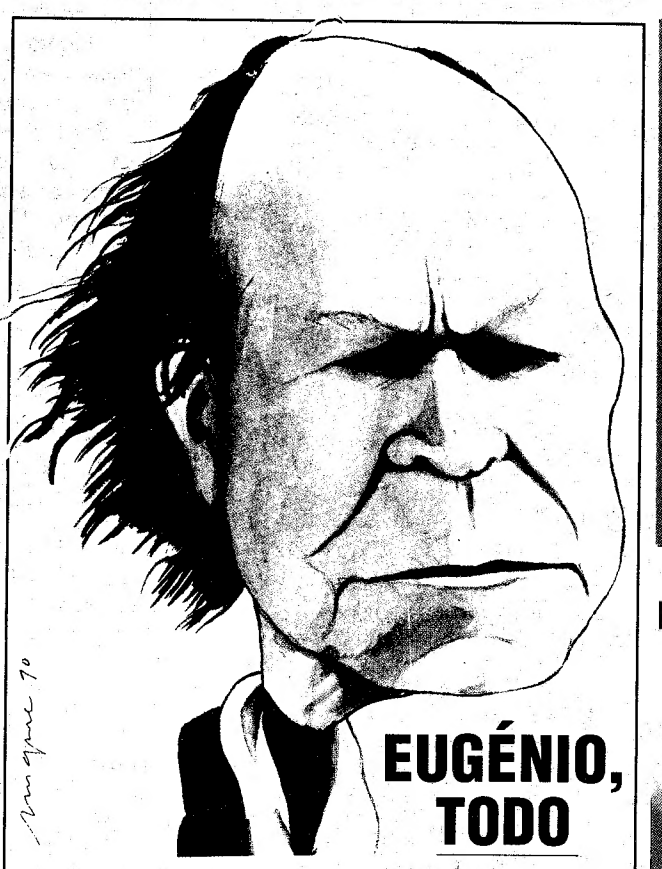
Carlos Pimenta propôs a suspensão durante dois anos da aprovação de projectos para o litoral, enquanto se preparam novas regras. Quem o ouviu?



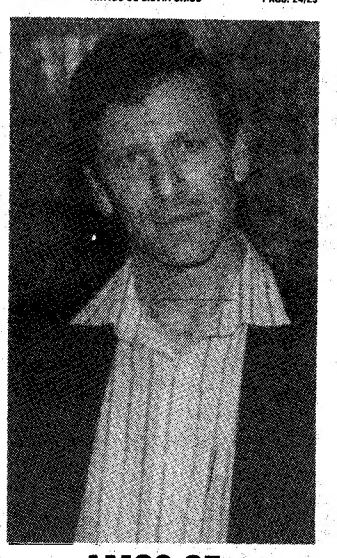
Enquanto o Governo promete agora ordem na faixa litoral, as estradas sobre as dunas para incentivar a especulação vão sendo rasgadas (na foto a estrada S. Torpes-Porto Covo)

JL
ESTA SEMANA NÃO PERCA
jornal de letras, artes e ideias
Ano X n.º 416 • De 26 de Junho a 2 de Julho de 1990 • 125$00 • Semanário • Director José Carlos de Vasconcelos • Director adjunto Luís Almeida Martins

PRESIDENTE DO IPLL PEDE A DEMISSÃO
PÁG. 2
LITERATURAS AFRICANAS
EUGÉNIO LISBOA VS MANUEL FERREIRA
PÁG. 31
PINTURA, NO FEMININO
ARTIGO DE SILVIA CHICÓ PÁGS. 24/25



EUGÉNIO, TODO
POESIA EM SOL MAIOR
ENSAIO DE EDUARDO LOURENÇO ■ TEXTO DE AGUSTINA BESSA-LUÍS E ARNALDO SARAIVA
PÁGS. 8/9



AMOS OZ, NOVAS ESCRITURAS
ENTREVISTA DE CARLOS VAZ MARQUES PÁG. 5

JOÃO MIGUEL FERNANDES JORGE
ILUSÃO DA TERRA
TEXTO DE ANTÓNIO RAMOS ROSA PÁG. 7

FORUM

CARTAS NA MESA

Conclusão lógica

Diz o nosso povo que as pessoas vêem a «pragana» nos olhos do vizinho e esquecem a «tranca» que têm nos seus e é bem verdade. Vem isto a propósito do empenho com que os políticos portugueses se ocupam das mazelas dos outros países e esquecem - ou pretendem fazer-nos esquecer - o que por aqui vai ao pé da porta.

Não posso deixar de ouvir na TV as conversas fiadas com que nos enchem os ouvidos, e apetece-me comentar um certo discurso bem recente que o primeiro-ministro fez, a propósito da tal falência do socialismo.

Dizia ele, muito convicto, que dado aquilo que se passa na Europa, quem deverá governar o nosso país é o PSD, visto ser a social-democracia que governa quase todos os países da CEE. Admirava-se ele que ainda houvesse por cá quem pretendesse ver no Poder o Partido Socialista.

Ora, esquece-se o Senhor primeiro-ministro que os partidos social-democratas da Europa fazem parte da Internacional Socialista, onde o PSD de Portugal não foi aceite. É o PS que lá está, representando o nosso país. Logo, o PSD não é considerado social-democrata pelos países europeus.

Assim, tirando do discurso do professor Cavaco as conclusões lógicas e querendo seguir a Europa, parece-me, sem sombra de dúvida, que teremos de votar no PS para acertarmos o passo pela CEE.

Maria Moura
leitora de Lisboa

Discriminação na D.G. dos Recursos Naturais

Oito anos passados sobre a publicação em vários jornais de um artigo escrito por um nosso colega, intitulado «Na Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos, uns são filhos, outros enteados» (actualmente, Direcção-Geral dos Recursos Naturais), e quando tudo levava a crer que essas injustiças tinham acabado, eis que em pleno ano de 1990 ressurgem com redobrada intensidade, ao ponto de os funcionários em causa se sentirem revoltados com a discriminação de que, neste momento, são alvo.

Assim, vejamos:

Em 1989, estes funcionários ficaram afectos, após concurso, à Direcção-Geral dos Recursos Naturais, tendo sido de imediato deslocados para as Brigadas de Campo.

Estas Brigadas *são de natureza móvel e limitadas no tempo de duração*, o que faz com que todos os funcionários que nelas trabalham, sem excepção, independentemente das categorias, aufiram um certo número de dias de ajudas de custo.

Ora acontece que aos funcionários recentemente deslocados é-lhes inexplicavelmente negado o direito a auferirem ajudas de custo.

Queremos deixar bem claro que estamos a tomar esta atitude apenas devido ao facto de terem sido esgotados todos os meios ao nosso alcance para conseguirmos obter justiça, quer através de várias exposições ao director-geral, às quais não obtivemos qualquer resposta (1.ª exposição datada de 25-9-89), quer de pedidos de audiência à mesma entidade e ao director de Serviços Administrativos, que, entretanto, verbalmente, nos negaram a possibilidade de sermos ouvidos.

É de perguntar:

-será correcto que funcionários a trabalhar nas mesmas situações e com categorias iguais, sejam discriminados quanto a ajudas de custo?

- será que as bocas de uns não são iguais às bocas dos outros?

- será que se pode andar a proclamar a igualdade entre os homens, se ainda hoje existem situações como estas?

Leitor identificado
Figueira da Foz

A cópia filha da mãe

Não raro se diz e ouve, escreve e lê que o cinema está em crise. Ou melhor: que a frequência de espectadores diminuiu assustadoramente.

Este lamento-verificação é mais pronunciado, quando a referência tem por objecto filmes portugueses, apesar de haver pessoas, como eu, que lhes dão o benefício da dúvida, estando sempre presentes, mesmo quando a crítica dá bola preta ou fica nas reticências.

E, para a referida crise, apontam-se um sem-número de razões e fundamentos, eventualmente merecedores de análise e reflexão sociológicas.

Mesmo correndo o risco de nada inovar, aponto mais um: *ninguém gosta de ser enganado.*

Vem esta afirmação a propósito da passagem recente, *em estreia* e em Coimbra, de mais um filme português. Na verdade, a cópia passada era uma manta de retalhos, de tal modo que, em certos momentos, ninguém entendia o que estava a ver, nem o que tinha visto segundos antes.

Para abreviar: a cópia passada estava amputada - e isto foi o mais visível - de todos os momentos que faziam parte do filme-anúncio que, durante a semana anterior à estreia, foi projectado como veículo publicitário...

Gabriel Veríssimo Figueira
Leitor de Coimbra

A CIDADE HOSTIL COM OS DEFICIENTES

Não sei ao certo se existe meio milhão de deficientes em Portugal, como já ouvi várias vezes mencionar. Neste número, estou em crer, estariam incluídas todas as pessoas com alguma limitação para o desenvolvimento desta ou daquela actividade (problemas graves de visão, totalmente cegos, graves problemas de audição, surdez absoluta, paralíticos, pessoas que usam próteses ou com sérias limitações na expressão verbal...) Há boas declarações legislativas a favor de um urbanismo mais favorável a todas estas pessoas diferentes e vulneráveis. A verdade, porém, é que nunca a cidade foi tão hostil com os deficientes e é uma verdadeira epiopeia resistir: por exemplo, os invisuais ainda podem descer as escadas do metropolitano mas os paralíticos são forçados à segregação do autocarro «especial». O mundo dos transportes é feito de escadas, profundidade, rapidez, sinalizações, barreiras arquitectónicas, ascensores com botões à altura de pessoas que andam de pé.

Dizer-se que a cidade pretende integrar os diminuídos é uma flor de retórica. E praticamente o mesmo se poderia dizer dos caminhos-de-ferro. Os supermercados e os centros comerciais parecem ser os locais com menos problemas, talvez por terem interesse em captar a clientela...

Podíamos ir mais longe do que os obstáculos do planeamento urbanístico e mobiliário urbano. Um paralítico que se desloque na mais sofisticada cadeira de rodas para ir às compras esbarra com os obstáculos mais imprevistos para entrar, percorrer e sair das lojas. O panorama é desolador: bancos, bibliotecas, museus, cinemas, restaurantes, quando se tratam de edifícios antigos (construídos em épocas em que os artísticos, paralíticos, cegos e surdos não eram reconhecidos como pessoas diferentes com os mesmos direitos humanos) quer por se tratar de edifícios recentes onde o projecto desprezou soluções arquitectónicas aptas a facilitar a vida daqueles que não podem superar (como nós) os entraves até decorrentes (diga-se sem agonia) do cumprimento de normas de segurança.

•

Procurando eventariar alternativas a este estado (generalizado) de indisfarçável hostilidade com o deficiente, a Associação dos Consumidores da Grã-Bretanha pediu a colaboração de trinta voluntários deficientes para apreciar situações como as atrás descritas, por forma a estabelecer-se um amplo debate sobre as modificações a introduzir na estrutura dos edifícios e instalações da mais diferente índole. Passamos a sintetizar os aspectos mais relevantes desse trabalho, publicado na revista «Which?» de Outubro de 1989.

Os voluntários foram observados no desempenho de cerca de 300 tarefas e tiveram pelo menos igual número de dificuldades para superar os obstáculos e em cerca de 30% dos casos os deficientes não puderem ser bem sucedidos nas suas tarefas sem ajuda doutrém. Os obstáculos mais comuns são: degraus, pavimentos irregulares, portas pesadas, mercadorias colocadas em lugar despropositado, até mesmo a ocupação abusiva dos locais destinados a deficientes por pessoas sem problemas.

Os cegos têm a vida dificultada pelos baldes de lixo postos à toa na via pública. Os que usam cadeiras de rodas não conseguem passar pelos corredores dos supermercados. As portas pesadas de hotéis, bancos e seguradoras, por exemplo, obrigam o deficiente a pedir auxílio.

O uso dominante de escadas rolantes como portas giratórias afastam definitivamente aqueles que se deslocam em cadeiras de rodas a cafés e armazéns comerciais.

Nos bancos, onde aparentemente o espaço é aprazível, as caixas automáticas do dinheiro e os balcões altos complicam a vida de quem usa cadeiras de rodas (respondem as instituições bancárias que se está a instituir um sistema bancários cada vez mais aberto e que o pessoal é prestável e supera as barreiras arquitectónicas).

Armazéns de compras e centros comerciais têm limitações dissuassoras: falta de elevadores, as salas para experimentar roupas não estão muitas vezes preparadas para os deficientes, as casas de banho desajustadas às suas limitações.

•

Que soluções?

As empresas, instituições e serviços que se dotassem de uma estratégia orientada para melhorar o acolhimento das pessoas diferentes deveriam ser premiadas, objecto de isenções fiscais e amplamente publicitados pelos órgãos de Comunicação Social.

A aprovação de projectos arquitectónicos deveria ficar dependentes da satisfação de requisitos basilares de acesso. Sem nenhum critérios hierarquizador enunciam-se situações que as autarquias deveriam privilegiar:

- Obrigatoriedade de nos espaços de parqueamento dos estabelecimentos comerciais e serviços públicos haver uma área reservada a deficientes e um bom número de assentos deveria ter *design* apropriado a deficientes paralíticos, com escleroses múltiplas, entre outras doenças;

- Tirando os casos de reconhecidsa segurança, as portas pesadas deverão ser desaconselhadas;

- Apoio a campanhas do tipo «os passeios são para os peões» visando não só as viaturas automóveis como o lixo atravancado;

- Estabelecimento de prémios municipais para os projectos arquitectónicos que mais atenção dediquem aos problemas dos deficientes;

- As organizações de consumidores deveriam ser estimuladas a fazer estudos dos estabelecimentos comerciais e da respectiva caracterização das dificuldades que se põem a quem quer fazer compras;

- À escala nacional, o Governo deveria ponderar um esquema de incentivos e créditos aos estabelecimentos e serviços que pretendam operar alterações para melhorar o acesso dos deficientes.

Devemos preocuparmo-nos mais com a eliminação das barreiras arquitectónicas que constrangem as pessoas diferentes. No seu estatuto de consumidores, elas carecem de mais liberdade espacial.

A postura cívica dos povos mede-se pelo respeito que dedicam às pessoas diferentes. Respeitamo-las também quando querem participar do mercado, comparar preços, agir como consumidores criteriosos.

Contribuamos para a sua autonomia, ajudando a eliminar esses obstáculos discriminatórios que para as pessoas diferentes são autênticos sinais de circulação proibida.

Beja Santos

FORUM

ESTE PEQUENO MUNDO MODERNÍSSIMO

Faiz uma coisa que nunca faço. Escrevi o prefácio ao romance de David Lodge «O Professor vai a um Congresso» (o título original, «Small World», foi mudado pela Editora Bompiani, por culpa de Fogazzaro e de Guareschi, que se tinham já antecipado com títulos que falavam de Mundos Pequenos e de Pequenos Mundos).

Sou de opinião que os prefácios devem ser escritos ou por um jovem autor que tenha recolhido os inéditos de um autor consagrado vivo que queira chamar a atenção para os dotes de um jovem principiante; mas entre colegas não se devem fazer prefácios, e tanto Lodge como eu somos professores universitários e ambos escrevemos romances. Para além de que este seu romance se tornou, entretanto, um livro de culto. Desde 1983, quando saiu em inglês, que estudiosos, professores e investigadores de meio mundo lêem «Small World» porque relata (quase realisticamente) o que acontece no respectivo meio. Mas conta-o com uma energia satírica de tal modo irresistível que acaba por subverter o realismo em paradoxo e em delírio, pondo em cena aventuras extraordinárias, peripécias e desenlaces a que só nos tinham habituado os mais despurados folhetins.

No entanto, de David Lodge tinha já saído em Itália, na mesma editora, o romance «Scambi» («Trocas»), também de tema universitário, que teve apenas um êxito discreto de alguns milhares de exemplares. E foi pena que assim acontecesse, pois os devotos de Lodge não podem fazer em Itália o que fazem noutros países: citar as suas personagens, algumas das quais transmigram de livro para livro, como amigos de família, como modelos proverbiais que parecem referir pessoas e situações autênticas. Enfim, escrevi o prefácio (e escrevo esta crónica) não para prestar um serviço a Lodge, mas a mim próprio: porque gostaria que fôssemos muitos a poder dizer em variadíssimas ocasiões: «parece mesmo uma história de Lodge.» E, pelo contrário, corre-se o risco de que este romance seja negligenciado por diversos leitores que poderão ser levados a pensar tratar-se de um livro para especialistas.

Por que razão deve o leitor recear que lhe possa ser estranho este pequeno mundo de catedráticos e de professores associados que se exprimem na sua gíria privada? Seguramente que nunca foram piratas na Malásia, nem sabiam, antes de lerem Emilio Salgari, que coisas fossem um «praho» ou um «baniano» sagrado. E aposto que também nunca foram convidados para jantar no Palácio Volkonskij ou participar numa conversa em francês com nobres russos... Por acaso, tinham-se apercebido do modo como vivia um médico francês de província antes de lerem «Madame Bovary»? Alguma vez viram as Halles antes de terem lido Zola? De onde extraíram os leitores as suas noções sobre a Londres do século passado, senão de «Oliver Twist»?

Quando Walter Scott nos diz que «naquele belo distrito da alegre Inglaterra, banhado pelo Don, estendera-se, em tempos, uma vasta floresta que cobria grande parte das risonhas colinas e dos vales que se situam entre Sheffield e a bela cidade de Doncaster» — mesmo que nunca tenhamos estado em Inglaterra e ignoremos a nossa abissal ignorância em relação a Doncaster (cuja localização juro que não sei) — não são estes factos que nos farão deixar de ler «Ivanhoe». Os romanos lêem-se também para aprendermos as noções que nos vão permitir lê-los. Introduzem-nos em mundos que ignorávamos e que se nos tornam familiares.

Para se ler um romance temos de fazer de conta que sabemos; e fazêmo-lo acreditando no autor, o qual, se é bom, mais tarde ou mais cedo nos dirá tudo o que devemos saber acerca do universo que descreve. Se ignoram quanto pode ser romanesco o universo dos congressos universitários, leiam Lodge. Conquistarão um mundo, irão divertir-se como nunca e, dentro de pouco tempo, estarão mesmo convencidos de que nunca fizeram outra coisa na vida, salvo frequentar neuroticamente simpósios internacionais, e empenhar-se, em nome da teoria da literatura, em complicadas batalhas eróticas. Suspeitando mesmo que há pouquíssimas diferenças entre hermenêutica e adultério. Lodge, para além de ser divertido, é mauzinho. Penso que é um dos homens mais pérfidos que existem. Fala mal (mas com que humor!) do mundo em que vive. Esta é, no fundo, a missão do Grande Narrador.

Umberto Eco

Lodge inventou com este livro «o pitoresco universitário». Como todos os grandes livros satíricos, não pressupõe o conhecimento de uma sociedade: introduz-nos nela.

Exclusivo «L'Espresso»/«DL»
(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

O BARROSÃO

O sr. secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, dr. Durão Barroso, surpreendia-se, há dias, com a circunstância de o Governo de Moçambique e a RENAMO não se entenderem quanto ao local das negociações para a paz naquele país, nas quais estão, ao que parece, empenhados.

Isto porque, segundo se crê, o Governo de Moçambique quer, para local dessas negociações, o Malawi, e a RENAMO prefere, para quadro desses contactos, Portugal.

Pelo que o dr. Durão Barroso disse, *grosso modo*, o seguinte:

- É estranho que um aspecto tão secundário como o local das negociações bloqueie uma necessidade dramaticamente premente como é o estabelecimento da paz em Moçambique!

O dr. Durão Barroso tem, provavelmente, razão.

Até porque, se o dr. Durão Barroso fosse, não secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e de Cooperação do Governo de Portugal, mas secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação do Governo do Malawi, diria, em Blantyre, ou em Zomba, comentando este comentário do secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação do Governo em Portugal, que seria, naturalmente, outro, duas coisas.

Primeira:

- Sendo, como explica o dr. Durão Barroso, absolutamente secundário o local das negociações, não percebo porque é que a RENAMO faz tanta questão em que as negociações entre ela e o Governo de Moçambique sejam, não no Malawi, mas em Portugal!

Segunda:

- Não percebo porque é que, sendo absolutamente secundário, como explica o dr. Durão Barroso, o local de negociações entre duas partes em guerra num país africano, o sr. secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação do Governo de Portugal faz tanto alarido com o facto de as negociações entre o Governo de Angola e a UNITA estarem a decorrer em Portugal!

Isto significa que os lugares deste tipo de negociações definitivamente são e não são secundários.

Não são secundários para a UNITA, não são secundários para a RENAMO, não são secundários para o sr. secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação do Governo de Portugal, não são secundários para o Governo de Moçambique, não são secundários para o Governo de Angola.

E não são, muito provavelmente, secundários para o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros do Governo do Malawi.

Artur Portela

Sendo, porém, secundários para o dr. Durão.

Embora não sejam para o dr. Barroso.

Nem, crê-se, para o Governo do prof. Cavaco Silva.

A questão está em apurar se, em 1991, há ou não há eleições.

No Malawi.

Estando, também, em saber o que é que diria o dr. Durão Barroso, na sua condição de membro do Estado-Maior estratégico do Governo do PSD, se a RENAMO, impressionada com as declarações do sr. secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação do Governo de Portugal, declarasse:

- O sr. secretário de Estado dr. Durão Barroso tem razão. O local das negociações é indiferente. Prescindimos da nossa condição de que o local seja em Portugal, aceitamos o Malawi!

Aí, o dr. Jorge Sampaio encontrar-se-ia, em frente do antigo cinema Tivoli, com o dr. Livingstone, e exclamaria festivo:

- Eng. Jorge Jardim, I suppose!

E o prof. Cavaco Silva daria ordens ao dr. Durão Barroso para atravessar o lago Niassa.

A nado.

E com o prof. Marcelo Rebelo de Sousa às Costas.

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

Do «Retrato da Semana», por António Barreto:

(...) Vinte mil contos é o que deve pagar A. Neves, director de jornais pornográficos, ao arquitecto T. Taveira, a título de indemnização. Além disso, foi condenado a 15 meses de cadeia. A sentença talvez não mereça grande discussão. Mas vale a pena estar atento ao futuro. O processo pode vir a ser invocado como precedente em outros casos em que não sejam tão claros os interesses em causa e as razões que assistem. Em particular, haverá a recear que pessoas públicas queiram proteger-se para além do admissível. Será bom não esquecer que o «escrutínio» da vida dos eleitos, incluindo antecedentes e presente, pode ser considerado um direito dos cidadãos. Ou, se se quiser, dos eleitores.

25.JUN.90

Diário de Notícias

De um Editorial:

(...) Numa altura em que Lisboa parece disposta a voltar-se cada vez mais para o interior de si mesma, de modo a recuperar o que caminha já para o irrecuperável e preservar o que pode e deve ser ainda preservado (o debate, extremamente vivo, que tem vindo a decorrer à volta do como e porque forma salvar a Avenida da Liberdade é disso exemplo), naturalmente que assiste à sua edilidade o direito de procurar a todo o transe reunir os meios financeiros capazes de lhe permitir levar por diante o muito que, neste e noutros campos, se propõe fazer. E entre continuar a esvaziar o que tenha nos cofres e, paralelamente, recorrer ao crédito, ou tentar que lhe seja pago o muito que lhe é devido e vem tardando em receber, compreende-se que opte, para já, por esta hipótese. Sobretudo se tivermos em mente que se trata, tal como foi referido, de «largas dezenas de milhões de contos».

25.JUN.90

O DIA

De um artigo por Rodrigo da Silveira:

(...) Considero (...) o prof. Freitas do Amaral, a principal causa da inexistência da direita portuguesa, como força política. Permito-me mesmo suspeitar se o prof., no campo político, não terá já sido atingido pelo Princípio de Peter! Como explicar então que, fundador e combatente pela exclusividade duma vasta área política para o CDS, embora a conseguindo, não a ocupa, nem a explora politicamente? Como explicar o seu abandono da direcção do CDS que se vê repentinamente «órfão», indiferente pelo seu incerto futuro, pensando só em si e nas futuras presidenciais? (Tem nestas o seu momento mais alto de homem político, conseguindo congregar em si o tal eleitorado que, no dia a dia político-partidário, rejeita no seu discurso, ficando a escassos votos da vitória.)

25.JUN.90

DIÁRIO POPULAR

De um artigo por Luís Coimbra:

(...) Argumentar-se que não faz diferença perder, mesmo que parcialmente, a nossa soberania, só porque os outros também irão ceder parte da sua, é não ter a mínima noção entre poder político e poder económico. Como se Portugal deixasse de ser um país periférico da Europa só pelo facto de ter um ministro num governo europeu!

Mas subjacente a tudo isto há uma questão prévia fundamental que é saber-se se todos nós eleitores os com mais de 18 anos — temos o direito de mandar às urtigas aquilo que foi construído e salvaguardado por muitas gerações de portugueses. E perante os limites materiais de revisão da nossa actual Constituição, como é que será possível revê-la no sentido de lhe serem retiradas a soberania e independência nacionais nela consignadas? Bastarão os dois terços?!

25.JUN.90

INTERNACIONAL

Numa conferência de Imprensa hoje em Lisboa

Trovoada critica processo de democratização em S. Tomé

O ex-primeiro ministro são-tomense e candidato à presidência do país, Miguel Trovoada, afirmou esta manhã que se encontra «bastante apreensivo» quanto ao processo de democratização de São Tomé e Príncipe, depois do encontro que teve com o Presidente Pinto da Costa, na passada quarta-feira em São Tomé.

Numa conferência de Imprensa em Lisboa, Trovoada disse que tanto o Presidente da República como o MLSTP, partido único, como ainda o Governo, estão a envolver a transição democrática de São Tomé numa «nebulosa de imprecisões, ambiguidades e contradições com o fim de gerar a confusão no eleitorado, impedir a participação activa das forças democráticas na vida política nacional e abrir espaço de manobra para eventuais fraudes eleitorais».Miguel Trovoada considerou ainda que as autoridades são-tomenses deveriam assumir as suas declarações e aceitar corajosanente as consequências de uma verdadeira abertura democrática. «Caso contrário, acrescentou o ex-primeiro-ministro, «a continuidade das pergiversações e práticas delatórias do actual regime colocará em causa um processo que deveria e poderia desenrolar-se com toda a serenidade».

Essas dúvidas surgiram, segundo Trovoada, depois de um encontro com Pinto da Costa na semana passada, na sequência da sua visita ao país. Nessa altura, o presidente Pinto da Costa remeteu para a Assembleia Nacional Popular e para o Comité Central do MLSTP algumas questões concretas ligadas à data das presidenciais, inicialmente marcadas para Julho, bem como a promulgação da Lei dos Partidos que aguarda a aprovação da nova Constituição. O facto de Pinto da Costa pretender submeter a Constuituição a referendo, é considerado por Miguel Trovoada como «uma manobra visando perpetuar o Poder do MLSP, manifesta na total ausência de informação da população sobre o significado desse referendo». Um grupo de trabalho encarregado de elaborar um programa eleitoral da candidatura de Miguel Trovoada à presidência já está operar em São Tomé, com base num docomento apresentado esta manhã aos jornalistas. O documento, intitulado «Projecto de Sociedade» defende um regime democrático e multipartidário.

Carlos Camponez

Thatcher e Mitterrand envolveram-se em confronto verbal na cimeira

Dublin marca conferência para decidir união política

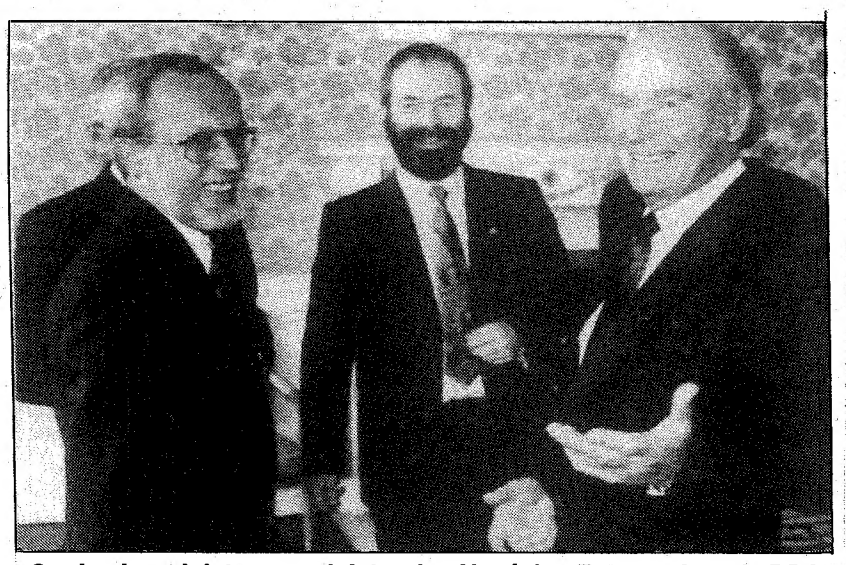
Os chefes de Estado e de Governlo dos Doze, reunidos em Dublin, chegaram a acordo quanto à convocação, a 14 de Dezembro próximo, de uma conferência destinada a transformar a Comunidade europeia numa união política. Essa conferência, que englobará as questões de segurança, será precedida, a 13 de Dezembro, de uma reunião consagrada à união económica e monetária.

Segundo o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas, os Governos britânico e português, embora não se opondo à convocação da conferência, manifestaram-se apreensivos quanto ao papel dos Estados na nova Europa federal.

Por seu turno, o presidente do Parlamento Europeu, Enrique Baron Crespo, defendeu a transformação da Comunidade Europeu numa «verdadeira União Europeia de tipo federal», que evitará o ressurgimento das rivalidades nacionalistas no continente, e para o desenvolvimento da noção de cidadania europeia.

O presidente francês, François Mitterrand, citado por Roland Dumas, considerou por seu lado que a união política europeia deverá ter «uma finalidade federal» e defendeu o «papel motor» que deve ser desempenhado pelo Conselho da Europa (os doze chefes de Estado e de Governo).

O primeiro-ministro da RDA, Lothar de Mazière, convidado pelos Doze a participar no debate, manifestou-se impressionado pela atenção que lhe foi prestada. O convite ao dirigente leste-alemão ocorreu uma semana após a união económica das duas Alemanhas, há muito previsível.



O primeiro-ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros da RDA, que pela primeira vez participam numa cimeira europeia, ao serem recebidos pelo Presidente da Irlanda.

Ajuda económica à URSS

Segundo o porta-voz do Eliseu, os Doze assinaram igualmente um «acordo de princípio» para uma ajuda económica à União Soviética. O chanceler da RFA, Helmut Kohl edefende uma ajuda ocidental de 15 mil milhões de dólares para a União Soviética, a ser assegurada ainda este ano, segundo fontes leste-alemãs.

Hubert Vedrine precisou, no entanto, que a CEE «não terá uma posição comum» antes da cimeira dos sete países mais industrializados, que se realiza em Houston, nos EUA, de 9 a 11 de Julho próximo.

Uma fonte britânica revelou, por seu turno, que a CEE não tomará por enquanto nenhum compromisso a esse respeito.

Incidente entre Thatcher e Mitterrand

O debate sobre a união económica e monetária foi marcado por «um pequeno incidente» entre Thatcher e François Miterrand, segundo a ministra francesa para os Assuntos Comunitários, Edith Cresson.

As declarações de Cresson foram confirmadas por uma fonte da delegação britânica. Thatcher lamentou que a França tivesse «aliado a sua política monetária ao marco» para estabilizar os preços e obter uma quebra do índice da inflação francesa.

A primeira-ministra britânica acrescentou que a taxa de desemprego francesa se elevava a 9,5 por cento contra 5,6 por cento do Reino Unido.

As declarações de Thatcher desencadearam uma «resposta rápida» do Presidente francês, François Mitterrand, segundo Cresson.

O chefe de Estado francês recusou a ideia exposta por Thatcher, acrescentando que se a inflação fosse tomada como base de discussão, as declarações de Thatcher «seriam totalmente diferentes».

Mitterand adiantou que o problema do desemprego em França era um efeito de uma «modernização tardia».

Por outro lado, Thatcher frisou não ter alterado a sua posição sobre a adesão da libra esterlina ao mecanismo de taxas de câmbioo do sistema monetário europeu (SME).

Esta adesão só se processará «quando as condições de Madrid forem satisfeitas», indicou fonte britânica, citando que as declarações de Thatcher se referiam à cimeira europeia de Junho do ano passado em Madrid.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Em vésperas do XXVIII Congresso do PCUS

Sobrevivência do sistema comunista na ordem do dia

Há cinco anos, Mikhail Gorbachev pretendia reformar o sistema soviético e conferir-lhe um segundo fôlego. Hoje, em vésperas do XXVIII Congresso do Partido Comunista, a questão que se coloca à URSS é a de renunciar a esse sistema, tal como tem funcionado desde a sua fundação, com todas as consequências que isso encerra.

A história da Perestroika é, primordialmente a da radicalização progressiva das posições, tanto no domínios político, económico e dos nacionalismos. Uma radicalização em parte desejada pelo poder, mas tornada igualmente imperativa pela pressão dos acontecimentos, segundo os observadores.

Referindo-se à transição para o mercado livre, que porá fim a setenta anos de economia socialista, Gorbachev considerou recentemente que se trata de uma medida «igual à revolução de Outubro».

No entando, as primeiras reformas da *Perestroika*, visavam apenas revitalizar um sistema centralizado em excesso. No final do XXVII Congresso do PCUS, em Março de 1986, falava-se de «tornar mais eficaz a direcção centralizada e reforçar a independência das empresas».

Foi nesse sentido que o Kremlin autorizou um tímido reaparecimento da iniciativa privada, as famosas «cooperativas». O seu contributo para economia é apenas subsidiário.

Erros, que os soviéticos são os primeiros a reconhecer, assim como catástrofes como a da central nuclear de Chernobyl e o terramoto na Arménia, em Dezembro de 1988, contribuíram decisivamente para agravar a situação económica.

A situação torna-se cada vez mais difícil, ameaçando tornar-se socialmente explosiva.

No domínio político, a contestação contra o sistema torna-se cada vez mais radical. Enquanto que no anterior congresso se pretendia «aperfeiçoar o sistema eleitoral» no XXVIII será debatida a passagem ao mulipartidarismo.

Foi na Conferência do PCUS, em Junho de 1988, que Gorbachev expôs as grandes linhas do seu projecto político: transferir para os sovietes (assembleias eleitas) e ao Estado os poderes de gestão conferidos em exclusivo ao partido.

É sobretudo no domínio dos nacionalismos que Gorbachev dá a impressão de ter sido ultrapassado pelos acontecimentos, segundo os analistas.

A radicalização neste domínio põe em causa a Federação soviética, deixando antever uma simples união de repúblicas ligadas entre si apenas pelos imperativos económicos e não pela ideologia.

A *Perestroika* , que em russo significa «reestruturação» visava inicialmente uma adptação do sistema soviético ao ano 2.000. Agora, a pressão dos acontecimentos encaminham-na no sentido do desaparecimento do próprio sistema.

«O Pacto de Varsóvia não é eterno», afirmou entretanto ao jornal oficial *Pravda* o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, ao fazer um balanço da actividade diplomática da URSS.

Redacção «DL»/AFP

Millans del Bosch em liberdade condicional

O juiz de Vigilância Penitenciária concedeu ontem a liberdade condicional ao ex-tenente general Jaime Millans del Bosch, condenado por participação no frustrado golpe militar de Fevereiro de 1981, em Espanha.

O auto ditado pelo juiz não entrará em vigor enquanto não passarem os prazos legais correspondentes para a apresentação de possíveis recursos, fixados em cinco dias.

O ex-tenente General Millans del Bosch cumpriu 9 dos 26 anos e oito meses de prisão a que foi condenado. Bosch, de 75 anos, recusou-se sempre a pedir o indulto, pelo que foi necessária a iniciativa do juiz para sair da prisão.

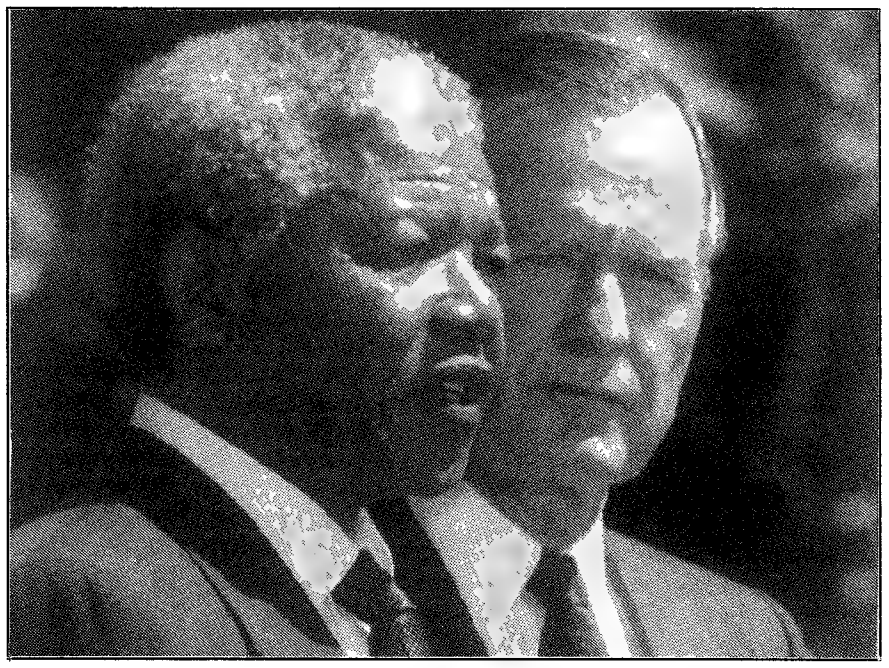
Após um encontro de duas horas na Casa Branca

Mandela e Bush reduzem divergências

O vice-presidente do ANC, Nelson Mandela, disse que estão significativamente reduzidas as divergências que o opunham ao presidente norte-americano, George Bush, relativamente ao futuro político da África do Sul. «Tivemos uma discussão bastante produtiva», declarou Mandela à Imprensa logo após o encontro de duas horas que ontem manteve na Casa Branca com o presidente norte-americano. «Sinto-me muito feliz ao poder afirmar que estamos de acordo sobre quase todas as questões que abordámos», acrescentou o líder nacionalista negro da África do Sul.

Pouco antes da reunião, Bush, num discurso proferido no jardim da Casa Branca, apelou ao líder negro para renunciar à violência, exortando-o a criar condições seguras para um compromisso com o Governo sul-africano. Num improviso, Mandela contrapôs às afirmações pacificadoras de Bush o argumento de que o ANC é pela consecução pacífica dos seus objectivos e que, tanto a sua táctica como a dos outros movimentos negros, tem sido condicionada pela intransigência de Pretória.

«Quando um Governo decide proibir as organizações políticas dos oprimidos, por mais pacificadoras que sejam, e intensificar a repressão, o único recurso é mesmo a violência», frisou. Mandela pediu ainda ao seu interlocutor para o consultar sobre qualquer decisão relativa às sanções norte-americanas contra a África do Sul e salientou que, da parte do ANC, não haveria violência de qualquer espécie desde que o Governo do presidente De Klerk continuasse empenhado no desmantelamento do apartheid. O vice-presidente do ANC acrescentou que faria todos os possíveis por reforçar a posição de De Klerk, ameaçada pelos extremistas brancos que querem manter o sistema de segregação racial.



Mandela e Bush durante declarações à Imprensa, na Casa Branca

Ainda hoje, Mandela deverá pronunciar um discurso histórico no Congresso norte-americano num momento em que alguns dos parlamentares estão desagradados com as opiniões embaraçosas manifestadas pelo visitante sul-africano. Recentemente, Mandela reafirmou à televisão norte-americana o seu apoio ao coronel Kadhafi, a Yasser Arafat e até a Fidel Castro.

«Teria preferido que Mandela se tivesse contido», declarou o representante democrata, Michigan Wolpe. «Receio que tudo isto venha a ser mal utilizado», acrescentou. Wolpe é o presidente da sub-comissão africana dos Negócios Estrangeiros e um dos artesãos das sanções aprovadas em 1986 contra a África do Sul.

Um outro participante no projecto das sanções, o deputado democrata da Florida Larry Smith, já disse que não assistirá ao discurso de Mandela no Congresso. «Não posso concordar com quem se diz amigo de terroristas e ditadores comunistas», disse Smith, acrescentando que as três personalidades citadas por Mandela praticam todos os dias actos contra os quais o ex-prisioneiro político sul-africano lutou toda a sua vida.

Mas há quem se oponha ainda mais acirradamente à alocução de Mandela no Congresso. Para o deputado republicano William Dannemeyer é uma autêntica «desgraça nacional» o apoio que certos políticos norte-americanos dão a quem, no seu entender, tem um passado marcado por atitudes violentas. «Mandela não é Luther King», frisou o enfático deputado.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Independência do Quebeque «é prematura»

O primeiro-ministro do Estado canadiano do Quebeque, Robert Bourassa, disse que vai cortar relações com os outros Estados do país, que todos os assuntos do Quebeque serão tratados directamente com Otava mas que, apesar de tudo, é prematuro pensar na independência . Numa entrevista publicada hoje pelo diário parisiense «Le Figaro», Bourassa referiu que cabe às autoridades canadianas discutir a melhor fórmula de aplicar o acordo do Lago Meech, que deverá atribuir ao Quebeque um estatuto de «sociedade autónoma». «Por outro lado», acrescentou Bourassa, «a crise constitucional que afecta o Canadá não pode trazer consequências nefastas para a economia do país. Somos uma nação incomensuravelmente rica em matéria-primas e o nosso potencial de desenvolvimento é bastante considerável», frisou. A propósito do relacionamento entre o Quebeque e os outros nove parceiros no seio da Confederação canadiana, Bourassa revelou que, este ano, o Quebeque não participará na conferência de primeiro-ministros da Confederação.

Chissano no discurso do 15º aniversário da independência de Moçambique

«Foram quinze anos de agressão exterior»

Os quinze anos de independência foram «quinze anos de luta contra a agressão exterior», afirmou ontem o Presidente Joaquim Chissano, num discurso ao país, por ocasião das comemorações do aniversário da independência de Moçambique.

Numa mensagem transmitida em simultâneo na rádio e na televisão, Chissano acentou a necessidade de se chegar a um entendimento que conduza à paz no país, assim como os esforços desenvolvidos nesse sentido pelo Governo moçambicano. Para que a paz seja feita «não podemos permitir que os interesses alheios de individuos ou de grupos de individuos se sobreponham aos interesses do nosso povo», acrescentou o Presidente moçambicano.

Chissano, no entanto, não fez qualquer referência directa aos rebeldes da Renamo nem aos desenvolvimentos do processo negocial - marcado recentemente pela tentativa falhada de um encontro entre os dois beligerantes no Malawi, no mês passado. A direcção da Renamo, recorde-se, alegou na altura motivos ligados à falta de segurança para não comparecer nas negociações directas com a delegação do Governo de Maputo, enviada para o efeito a Blantyre.

O processo de revisão da Constituição mereceu também um destaque no discurso de Chissano, cuja aprovação, considerou, deve ser «a expressão da vontade popular, da consolidação do Estado de Direito, da democracia, da justiça social e da consagração e salvaguarda dos direitos humanos».

Quanto à grave crise económica que atinge o país, o Presidente moçambicano afirmou que «o desiquilíbrio económico e social é ainda muito grande como o é também a dependência do exterior».

«A nossa independência ainda não é total. Por isso ainda somos obrigados a consentir mais sacrifícios nesta fase, para podermos perspectivar um amanhã mais próspero para cada família moçambicana», acrescentou Joaquim Chissano. Esta questão é considerada como um dos temas quentes da actual situação social no país, que esteve na origem do surto de greves registado no princípio do ano nos principais centros urbanos. Chissano insistiu na necessidade de se incentivar «o trabalho de cada moçambicano com base na livre iniciativa», acrescentando porém que não devemos confundir liberdade com anarquia ou com indisciplina».

Redacção «DL»/Lusa

BREVES

Irão já aceita auxílio israelita e sul-africano

O embaixador do Irão na ONU, Khamal Kharrasi, disse que o seu país já não rejeita o auxílio de Israel e da África do Sul aos sinistrados do terramoto de quinta-feira, desde que tal ajuda não parta dos governos destes países. «Não colocaremos quaisquer obstáculos se o apoio destes países se processar através de organizações internacionais», disse ontem Kharrasi numa conferência de Imprensa na sede da ONU. O Irão já recebeu ajuda humanitária de 86 países entre os quais se incluem o Iraque, o Egipto e o Kuwait, seus tadicionais inimigos. Até o «Grande Satã», os EUA, enviaram oito voluntários ao Irão munidos de equipamentos de socorro no valor de um milhão de dólares. Entretanto, fortes réplicas do violento sismo de quinta-feira passada continuam a fazer-se sentir no noroeste do país. Nas últimas 24 horas, registaram-se mais 22 abalos, alguns dos quais chegando a atingir a magnitude de 5,5 pontos na escla de Ritcher. Até agora foram descobertos 50 mil cadáveres entre os destroços.

Lizhi não desenvolverá actividades antichinesas

O astrofísico dissidente chinês, Fang Lizhi, e a mulher Li, que obtiveram das autoridades chinesas o visto de saída do país, chegaram na noite passada à base militar anglo-americana de Upper Hayford. Fang, que desceu do avião fazendo o sinal da vitória, não fez declarações à Imprensa, proíbida de entrar no recinto. Contudo, num comunicado divulgado pelo departamento de Estado norte-americano, Fang afirmou que se recusará a tomar parte em actividades contra a China.

Bomba do IRA fere sete pessoas em Londres

Uma bomba explodiu ontem às 19h30 no Carlton, o clube do Partido Conservador em Londres. Na explosão, seguida de um incêndio, sete pessoas ficaram feridas, uma das quais se encontra em estado muito grave. Segundo a Scoltand Yard, a explosão tem todas as características dos atentados do IRA, apesar de ainda não ter sido reivendicada. Margaret Thatcher, que se encontra na cimeira de Dublin, qualificou o atentado como «mais um crime da barbárie terrorista».

Shamir escreve a Gorbachev

O primeiro ministro israelita, Yitzhak Shanir, enviou uma carta apelando pessoalmente ao Presidente Soviético, Mikhail Gorbachev, para não ceder às pressões árabes e não proibir a emigração de judeus soviéticos para Israel. A carta, divulgada por fontes próximas do Governo israelita, vem na sequência de recentes afirmações de Gorbachev que chegou a levantar a hipótese de proibir a saída de judeus para Israel.

Amnistia Internacional acusa El Salvador

A Amnistia Internacional afirma, num relatório hoje publicado, que El Salvador continua a ser palco de assassínios e «desaparecimentos» políticos, apesar das autoridades daquele país terem prometido respeitar os Direitos Humanos. Particularmente incisiva no que diz respeito às responsabilidades das forças militares e policiais salvadorenhas, a Amnistia Internacional acusam-nas de não terem adoptado medidas de controlo das actividades dos «esquadrões da morte».

Balanço de 63 mortos para a luta contra os Narcos

O último balanço das «matanças» ocorridas neste fim-de-semana em Medellin, na Colômbia, somou já 63 mortos e é o mais grave depois da eclosão, em Agosto do ano passado, da guerra «total contra o tráfico de drogas, consideraram ontem os observadores em Bogotá. O balanço, que mereceu a indignação da população colombiana, foi ainda considerado pelos especialistas como um sinal claro de viragem dasrelações entre o Governo e a Mafia que escolheu deliberadamente a via da escalada para o terror.

A próposito da libertação de Fang Lizhi

China faz tudo por tudo para reconquistar o Ocidente

O cientista dissidente chinês Fang Lizhi e a mulher, Li Shuxian, que se refugiaram na embaixada norte-americana em Pequim poucas horas depois dos trágicos acontecimentos de Tiananmen ocorridos em Junho do ano passado, chegaram a noite passada a Londres, onde se irão instalar definitivamente. O famoso dissidente, antigo professor de Astrofísica na Universidade de Pequim, recebeu finalmente das autoridades chinesas o visto de saída e deslocou-se à Grã-Bretanha a convite da «Royal Society», associação científica e académica do Reino Unido de maior renome. Irá muito provavelmente ocupar uma cátedra na Universidade de Cambridge ou Oxford.

Apesar de o Governo chinês ter justificado a autorização de saída do país do casal por motivos de saúde e alegados «sinais de arrependimento», a decisão de Pequim foi objecto de calorosas manifestações de agrado por parte dos dirigentes ingleses e norte-americanos, intermédiarios deste primeiro acto de abertura por parte dos responsáveis pelo massacre de Tiananmen.

Com efeito, a agência Nova China, ao anunciar a viagem de Fang e da mulher, Li, fez questão de realçar que os dissidentes, acusados de «traição» por terem inspirado o movimento de contestação do ano passado, tinham sido autorizados a partir por «razões humanitárias». A explicação, contudo, segundo um diplomata ocidental, «não enganará ninguém na China, nem no estrangeiro». Parece evidente a diplomatas e analistas que o PCC ao deixar sair o seu «inimigo público número um» do refúgio na embaixada, teve que engolir um sapo particularmente grande, na esperança de obter o levantamento das sanções impostas pelo Ocidente na sequência do esmagamento da Primavera de Pequim. As análises dos observadores vão mesmo mais longe, afirmando que o gesto visa primeiramente os sete países mais industrializados, que de 9 a 11 de Julho se reunirão em Houston, para voltar a examinar, entre outras coisas, as medidas contra Pequim.

De resto as primeiras reacções de Washington e Tóquio deixam desde logo entrever os claros intentos da estrátegia do Partido Comunista Chinês. Washington qualificou a libertação do catedrático como uma «contribuição importante» para a melhoria das relações EUA/China. No entanto, e em jeito de recado, deixou claro que o gesto das autoridades chinesas não teria nenhuma contrapartida.

A iniciativa do Governo Chinês constituiu, por outro lado, a remoção do principal obstáculo a um levamento puro e símples das medidas

contra as autoridades chinesas no sentido de as forçar ao respeito, em primeiro lugar, dos Direitos Humanos.

Mas a libertação de Fang não é a primeira nem a única iniciativa tomada pelo Governo chinês nesse âmbito. Já na terça-feira a agência oficial

confirmava também, pela primeira vez, a libertação do pintor chinês, não conformista, Wang Du. Casado com uma jornalista francesa, ele terá reconhecido os seus «crimes» após ter cumprido nove meses de prisão, por ter sido acusado «de incitação e propaganda contra-revolucionária». Essa acusação baseou-se no facto de aquele artista plástico ter ousado tomar a palavra durante uma manifestação antigovernamental.

O PCC que continua a declarar-se fiel ao socialismo e decidido a não recuar perante as pressões provenientes do exterior, levantou a lei marcial em Pequim (Janeiro) e na capital do Tibete a 1 de Maio. Afirma ter libertado 670 activistas da «Primavera», que se arrependeram este ano, acrescentando que nos acontecimentos de Tiananmen haviam sido detidas apenas 355 pessoas. Este número é contestado pelas associações internacionais de defesa dos direitos humanos que se interrogam sobre a sorte de milhares de pessoas após o eclodir da repressão.

Paralelamente, as declarações radicais em matéria de adesão firme ao marxismo-leninismo e à planificação parecem ter cedido o lugar, no decorrer dos meses, a uma aproximação mais pragmática no que se refere às relações internacionais e às realidades económicas, segundo os observadores.

No entanto, «deixar Fang Lizhi sair do país sem ser incriminado é, para os chineses, tão importante como o foi para os soviéticos a libertação de Alexander Soljenitsyne», declarou um diplomata leste-europeu.

Redacção «DL»/AFP

Rublos? Não, obrigado

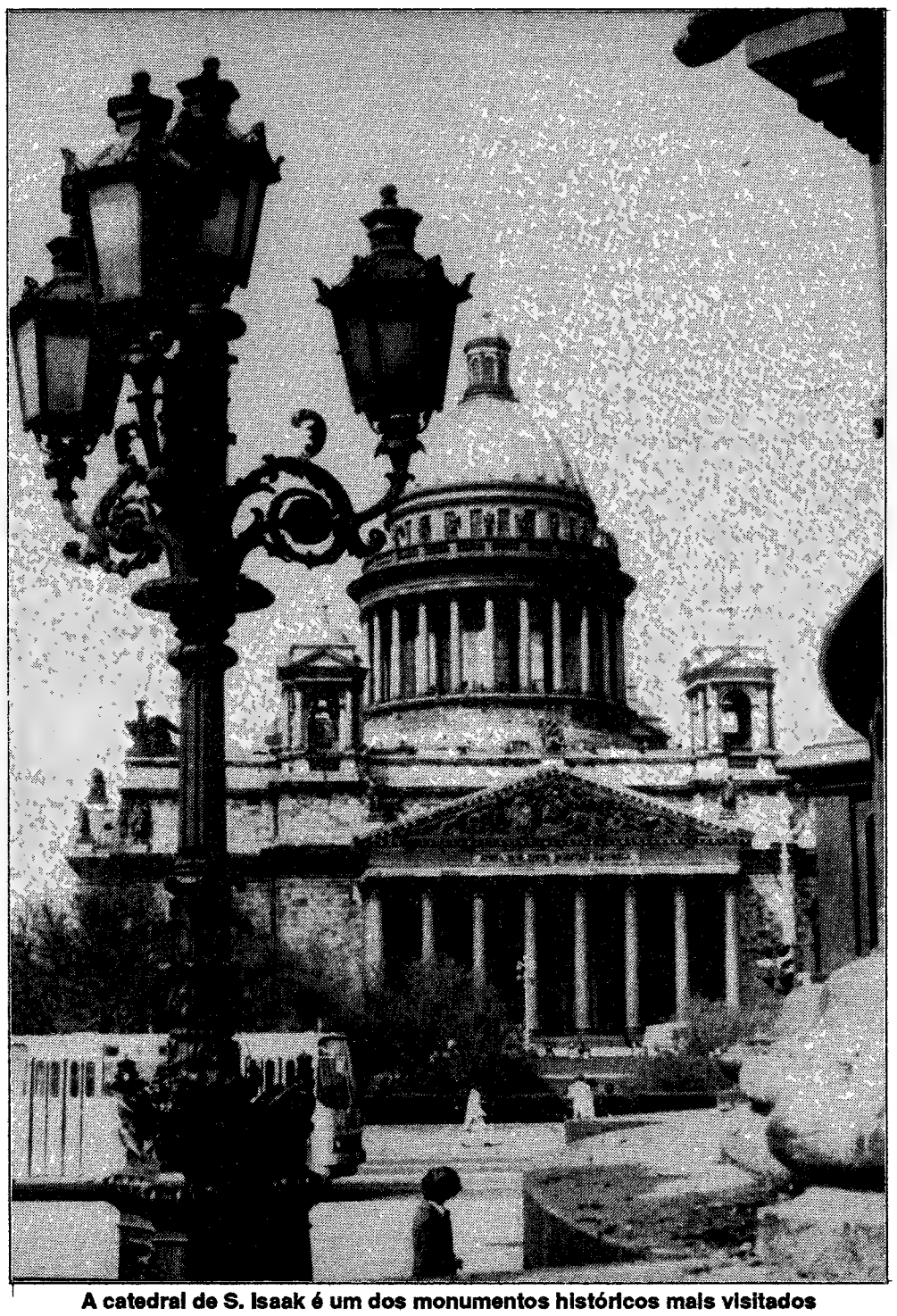
Caça aos dólares afasta turistas de Leninegrado

Diante do hotel Sovietskaya, um marinheiro impinge aos turistas cintos de cabedal a 10 dólares cada. Num táxi, não se avançam 100 metros sem que o motorista exiba ao passageiro um verdadeiro *bric-a-brac* ambulante. Em Leninegrado, as noites brancas têm por corolário o mercado negro.

Se, em Moscovo, o comércio clandestino tende a florescer, em Leninegrado, segunda cidade da União Soviética, já é rei. Com os seus canais, os seus palácios e as suas colecções de quadros antigos, a «Veneza do Norte» é uma cidade-museu que atrai os turistas do mundo inteiro. A começar pelos finlandeses que regularmente se deslocam à cidade - a fronteira entre os dois países encontra-se a 70 quilómetros da cidade - em busca de exotismo e bebidas baratas.

Por isso, sobretudo durante os meses de Junho e Julho, os monolíticos e pardacentos hoteis do Intourist, o organismo estatal de Turismo, encontram-se completamente lotados.

À entrada do rio Neva, como num plano de Alexandre Nevski, porteiros filtram o acesso a um cenário de restaurantes que oferecem espectáculos de music-hall, orquestra e «champanskoie», o champanhe local. Logo no bengaleiro, o visitante é assediado com ofertas de caixotes de caviar a cem dólares o quilo ou produtos tão variados como tecidos de seda floridos e chapkas pretos de coelho a 10 dólares. Estes vendedores só têm acesso ao hall graças à cumplicidade do pessoal do restaurante.



A catedral de S. Isaak é um dos monumentos históricos mais visitados em Leninegrado

O caviar dos pobres

Os preços do cardápio deveriam ser, em princípio, estabelecidos em rublos, mas o empregado apressa-se a advertir que, por 30 rublos (48 dólares no câmbio oficial), o cliente não poderá comer caviar mas apenas "zakouskis" (ovas de um peixe mais comum) e bife de porco seco e frio.

Em contrapartida, por 10 dólares - a utilização de divisas como forma de pagamento é interdita pela lei - o repasto compreenderá também ovas de esturjão, diz-se. O caviar é, desta forma, consumido sob o olhar furioso dos clientes soviéticos, que só podem contentar-se com refeições «pobres».

Evidentemente que não são passados quaisquer recibos deste género de despesas. Para os empregados, o negócio é rentável e chorudo: 10 dólares trocam-se, no mercado negro, por 150 ou mesmo 200 rublos. Numa mesa com três clientes, um empregado consegue, num único serão, duplicar o seu vencimento mensal.

Nos hotéis, os negócios avançam também de vento em popa. Uma unidade hoteleira exclusivamente reservada a grupos de excursionistas recusa-se a servir os «individuais», salvo, evidentemente, quando aqueles dispõem de notas verdes em quantidade suficiente para convencer o pessoal a servir pequenas refeições.

Síndroma anti-rublo

«Como querem que eu estude ou trabalhe noutro ramo? Com 18 anos ganho três mil rublos por mês, 10 vezes mais que o meu pai, que é director de fábrica» diz Serguei, motorista privado. Serguei conduz visitantes franceses e norte-americanos, ou seja, a nata da elegância na União Soviética. Ao volante do seu velho Jigouli, que já percorreu 400 mil quilómetros, o jovem transporta turistas pela cidade, aproveitando o ensejo para lhes vender caviar e chapkas. «Os italianos são os que mais compram, mas os outros também são bons para o negócio», assegura.

Centro de tráficos, Leninegrado é também uma cidade onde a segurança deixa muito a desejar. Os responsáveis da Intourist reconhecem que as carteiras e jóias roubadas constituem já um rol infinito. «A situação criminal na cidade inquieta-nos da mesma maneira que a má qualidade do serviço de hotelaria», afirma Tatiana Petrova, uma delegada da Intourist em Leninegrado.

«Os taxis já não aceitam rublos. No entanto, a utilização de divisas em território soviético é oficialmente interdita», acrescenta. «O mercado negro campeia por todo o lado e os nossos turistas são a cada passo confrontados com essa realidade. Oferecem-lhes caviar em tudo quanto é sítio. O pessoal hoteleiro passa a vida metido em negócios escuros. Os turistas são tentados a cometer ilegalidades, e muitos deles aceitam as ofertas, à excepção de pessoas muito idosas que já não suportam tais assédios».

Turistas começam a rarear

No entanto, o número de turistas baixa a tal ritmo que Leninegrado, cidade que em média acolhe um milhão de pessoas por ano, contenta-se agora com 10 por cento da procura potencial.

«É preciso fazer renascer o centro histórico, modernizar os museus, e melhorar a formação do pessoal. É difícil porque tal empresa envolve muito dinheiro e, sobretudo, mudança de mentalidades. Temos que reaprender tudo do princípio», desabafa Tatiana Petrova.

Paola Messana/AFP

QUOTIDIANO

Bancos insistem na abertura ao sábado

A Associação Portuguesa de Bancos (APB) pretende, essencialmente, numa proposta de revisão do ACTV do sector entregue aos sindicatos, a possibilidade de transferência de trabalhadores de Lisboa para os concelhos limítrofes e que determinados balcões possam abrir aos sábados.

Os sindicatos, por sua vez, fazem «finca pé» na conquista do 15º mês e nas promoções nas carreiras profissionais. O meio termo entre estas duas posições está em discussão, tendo-se entrado, com a reunião que hoje decorre, na «semana decisiva», segundo afirmou ao DL uma fonte sindical.

Quanto à tabela salarial, à proposta patronal de um aumento de 12 por cento, os sindicatos respondem: «Queremos um aumento que cubra a inflação».

Depois da suspensão dos trabalhos a pedido da parte patronal para estudo da contraproposta sindical, as reuniões recomeçaram hoje. «Consoante a proposta que nos for apresentada, ou a aceitamos ou ganha peso a possibilidade de enveredarmos por formas de luta», disse ao DL Paulo Alexandre, do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, estrutura que se apresenta nas negociações conjuntamente com o Sindicato do Norte e com o do Centro.

A comissão negociadora da APB (banca pública) apresentou «um pacote» com as alterações que pretende introduzir no ACTV do sector: a possibilidade de transferência de bancários de Lisboa para os concelhos limítrofes (Oeiras, Amadora e Loures); a diversificação de horários permitindo que determinados balcões abram ao sábado («com o consentimento expresso dos trabalhadores», segundo fonte sindical); entraves ao exercício sindical, através da redução do número de elementos do secretariado sindical a tempo inteiro, e acabar com o subsídio de função integrando-o no vencimento dos trabalhadores que o auferem.

Em contrapartida, as entidades patronais «predispuseram-se a dar-nos 12 por cento na tabela salarial e a aumentar em 30$00 o subsídio de refeição», explicou Paulo Alexandre.

Outras contrapartidas são a subida de um nível na admissão dos novos bancários (com reflexo nas reformas) e, «caso aceitassemos o 'pacote', ficava também contemplado o 14º mês para os reformados, uma vez que no sector são os bancos que pagam as reformas», disse o sindicalista.

Aquela proposta patronal responderam os três sindicatos com outra: a exigência do 15º mês; promoções nas carreiras profissionais (subida de um nível no topo de cada um), promoções por mérito extensivas aos quadros e técnicos e a passagem das diuturnidades a anuidades. A redução da idade de reforma e o princípio da não discriminação dos activistas sindicais são pontos de honra.

Quanto à tabela salarial, a exigência sindical inicial era de um aumento de 16,1 por cento. No entanto, segundo Paulo Alexandre, «à mesa de negociações utilizámos sempre o princípio de que queremos uma tabela que cubra a inflação verificada, que poderá ser 12, 7 ou 12,8 por cento». Esta posição prende-se com o facto de o sector não ter perdas de poder de compra relativamente à tabela negociada o ano passsado.

Neste momento, os sindicatos estão «na expectativa quanto à nova posição das instituições de crédito e, de acordo com ela, tomaremos uma atitude, que poderá chegar a formas de luta, embora preferissemos uma solução negociada à mesa», afirmou Paulo Alexandre.

Elsa Andrade

Conselheiros de Imprensa na hora da despedida

Em jeito de despedida de um órgão que o Governo decidiu extinguir, actuais e antigos membros do Conselho de Imprensa reuniram-se num jantar de confraternização onde não foi pronunciado nenhum discurso fúnebre, nem foram feitas referências à herdeira Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Estavam presentes cerca de quarenta das muitas individualidades que, durante quinze anos, passaram graciosamente pelo Conselho, entre os quais, Augusto Abelaira, Mário Neves, Eduarda Dionísio, Viriato Soromenho Marques e Arons de Carvalho, ou jornalistas como Maria Antónia Palla, Adelino Cardoso, Silva Costa, Veiga Pereira, Eduardo Mascarenhas. Dos ausentes foram recebidas mensagens de Francisco Balsemão, Mário Mesquita, Helena Roseta, Sarmento Moniz e Vilhena de Andrade.

Francisco Paraíso

Luta contra toxicodependência recebe 60 mil contos

O Ministério da Justiça entregou esta manhã, no âmbito do Dia Internacional da Luta Contra a Droga, uma verba no valor de 60 mil contos destinada ao combate à toxicodependência e alcoolismo. Este montante será distribuido a 19 instituições privadas, cuja actividade se destina ao combate da dependência da droga e do álcool. Entre as instituições contempladas estão, designadamente, associações de profilaxia, prevenção, recuperação e reinserção socail de alcoólicos e toxicodependentes, uma organização desportiva e um grupo de teatro.

Internacionalmente, o combate à droga é hoje motivo de destaque, através da comemoração do Dia Internacional contra o Abuso da Droga. O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Perez de Cuellar, enviou uma mensagem a todas as delegações da ONU no mundo, onde apela aos organismos não-governamentais para que tomem parte nesta luta, e proclama 1991/2000 a década das nações unidas contra contra o abuso da droga.

Perez de Cuellar salienta ainda, através da sua mensagem, que «é cada vez mais necessário obter apoio para esta luta junto das escolas e dos lares». O tráfico de droga em grande escala, que muitos pensavam ser uma actividade de cidadãos de outros países, envolve igualmente portugueses. Prova disso são os três cidadãos nacionais implicados como presumíveis colaboradores de Laureano Oubinha, preso da semana passada na gigantesca «Operação Necora» contra o narcotráfico na Galiza. Segundo um documento do Serviço de Luta Contra os Estupefacientes da Guarda Civil, o principal colaborador português de Oubinha é Eduardo Maria Santos, proprietário dos estaleiros Edumar e sócio do presumível narco-traficante galego.

BREVES

População de Barqueiros assinala aniversário de morte

A população de Barqueiros (Barcelos) assinala hoje o primeiro aniversário da morte de Carlos Simões ocorrida num confronto com forças da GNR, durante um protesto contra a exploração de caulino realizada com efeitos nocivos para o ambiente da localidade. Depois de uma missa é descerrada uma lápide no local em que Carlos Simões foi atingido, seguindo-se uma romagem ao cemitério. Fernando Pereira, membro da assembleia de freguesia de Barqueiros, afirmou ontem que a maioria da população não concordou com a benevolência da pena aplicada ao soldado da GNR que alvejou Carlos Simões (nove meses de prisão). Sublinhou ainda que «o principal responsável» pelo sucedido «não foi o guarda condenado».

Supressão de comboios na Linha de Sintra

A CP iniciou esta manhã um período em que procede à supressão de vários comboios na Linha de Sintra, devido a trabalhos de revisão e manutenção da cantenária, anunciou a empresa. Os trabalhos obrigam a eliminação, entre as 10 e as 12 horas, até sexta-feira, de alguns comboios entre Cacém e Queluz. Assim, não se efectuam as composições das 9.36, 9.52 e 10.52, com partida do Rossio e as que partem do Cacém às 10.11, 10.27 e 11.51. No fim de semana não se efectuam entre Sintra e Queluz os comboios com partida do Rossio às 9.57, 10.29, 11.01, 13.40, 14.12, 14.44 e 15.16. Serão também suprimidas, no mesmo percurso, as composições que partem de Sintra às 9.51, 10.23, 10.55, 11.27, 14.07, 14.39 e 15.11.

Arquitecto da pirâmide do Louvre constrói em Lisboa

O arquitecto norte-americano de origem chinesa I. M. Pei aceitou o convite da Fundação Oriente para conceber o futuro Museu do Oriente, na Praça de Espanha, em Lisboa. Carlos Monjardino, dirigente da da referida fundação revelou que I. M. Pei começará a trabalhar no projecto quando a Câmara de Lisboa tiver aprovado o plano de reordenamento da Praça de Espanha. O museu será a primeira obra em Portugal de I. M. Pei, um dos maiores arquitectos contemporâneos, em cujas construções se contam a pirâmide do Louvre e o novo edifício do Banco da China, em Hong Kong.

Homicida de cabo da GNR preso na Caparica

A Polícia Judiciária de Setúbal desenvolve uma grande actividade tendente à captura do segundo indivíduo que, no fim-de-semana, na Charneca de Caparica, esteve envolvido numa cena de tiros, em que foi alvejado mortalmente um cabo da GNR e gravemente ferido um cadastrado presumível autor dos disparos que vitimou o agente de autoridade. O cabo Manuel Cruz, com outros elementos da GNR, montaram uma operação para captura dos autores do furto de um automóvel. Quando tentavam a detenção foram recebidos a tiro e, na resposta, foi ferido José Estrela. de 27 anos, já com registo criminal por assalto à mão-armada. O cabo da GNR morreu a caminho do hospital de Almada e o preso encontra-se em estado grave no hospital de S. José.

Lotaria Popular

1º - 480132	3 000 000$00
2º - 047854	750 000$00
3º - 494653	500 000$00
4º - 035405	250 000$00
Terminações em 0132	85 000$00
Terminações em 132	60 000$00
Terminações em 854	15 000$00
Terminações em 653	4 000$00
Terminações em 405	1 500$00
Terminações em 09,17,35,41,69 e 80	500$00

QUOTIDIANO

Jorge Sampaio solicitou urgência na realização do ramal até ao Cais do Sodré. As obras para a abertura da galeria do metropolitano não porão em perigo as fundações dos edifícios que irão ser reconstruídos

Chiado à espera do metro

Com o Plano de Pormenor de Recuperação do Chiado e o respectivo Regulamento aprovados por unanimidade na sessão extraordinária de ontem na Câmara Municipal de Lisboa, tudo se perfila para que as obras de reconstrução do Chiado avancem. Aproveitando a oportunidade, o presidente da edilidade, Jorge Sampaio, apresentou na reunião uma proposta, também aprovada por unanimidade, na qual se sublinha a urgência do prolongamento do ramal do metropolitano até ao Cais do Sodré.

No documento, Sampaio recomenda à tutela, o Ministério das Obras Públicas Transportes e Comunicações, que estabeleça como prioridade o arranque das obras de prolongamento daquele ramal.

Os argumentos que estiveram na base da recomendação assentam segundo Sampaio, na «importância de garantir melhor acessibilidade à zona do Chiado» bem como na vertente dissuasora do tráfego que um novo terminal do metropolitano na zona da Baixa pode representar.

Para Siza Vieira, a construção de uma nova estação de metro é um factor importante no plano que elaborou para a reconstrução do Chiado e com o qual está a contar. O arquitecto do Porto garantiu que o prolongamento do ramal não vai atrasar o andamento das obras. «Está tudo preparado para receber a estação. Até uma das saídas está prevista para perto do edifício do Chiado», disse. Confrontado com a hipótese de daqui a três anos o ramal ainda não estar construído Siza Vieira respondeu: «Penso que não devem surgir problemas porque as máquinas que executam as galerias do metro trabalham rápida e independentemente das obras de reconstrução não interferindo nem pondo em perigo as fundações dos edifícios», acrescentou.

Siza Vieira negou ao «DL» a possibilidade de virem a ser demolidas fachadas. «Não deverão ser demolidos mais edifícios.

Proceder-se-á sim à intensificação dos trabalhos de consolidação de fachadas de certos prédios», sublinhou Siza Vieira.

O regresso do comércio tradicional ao Chiado é um dos aspectos contemplados por Siza Vieira no âmbito de revitalização do Chiado. «O custo do metro quadrado daquela zona está fixado num protocolo assinado entre a Câmara e os proprietários e, em princípio devem regressar os comerciantes que lá estavam antes do incêndio, à excepção de um ou dois.»

Na reunião de ontem, além dos técnicos responsáveis pelo Plano de Recuperação do Chiado, participaram os presidentes das juntas de freguesia do Sacramento, S. Nicolau e Mártires, autarquias directamente relacionadas com a área em reconstrução.

Aqueles responsáveis disseram aos jornalistas que prentendem ver alargada a área crítica do Chiado, com vista a recuperarem uma zona muito mais envolvente incluída no perímetro das freguesias de que são responsáveis. Sobre esta matéria a opinião de Siza Vieira não destoa das posições defendidas por aqueles autarcas. «Há uma área classificada como sinistrada, que é aquela que abrange os edifícios ardidos, mas a zona envolvente tem de ser considerada pois o Chiado não pode ser uma ilha», afirmou.

No final da reunião extraordinária, Siza Vieira mostrou-se muito satisfeito com a aprovação do Plano elaborado pela equipa que chefia.

«Fiquei contente pela aprovação por unanimidade e porque todo o Plano foi analisado até ao ínfimo pormenor tendo depois recebido o apreço de todos», concluiu.

L.A.B.

Jorge Sampaio propôs ao Ministério das Obras Públicas que acelere o projecto de prolongamento do ramal do metro até ao Cais do Sodré para melhorar os acessos ao Chiado

Meninos de ninguém

Na Baixa de Lisboa vagueiam crianças, sozinhas ou em pequenos bandos. Os únicos meios de subsistência são as esmolas, a venda de pequenas coisas, pensos rápidos, lápis ou réguas, e a prática de roubos. Segundo o Instituto de Apoio à Criança (IAC), estes míudos estão a «descoberto» dos serviços institucionalizados. Razão que levou aquele organismo a desenvolver acções de reintegração social, projecto integrado no programa Pobreza 3, da CEE.

Pobreza 3 é uma iniciativa de acção comunitária a médio prazo, até Junho de 1994, que tem como objectivo a integração dos grupos de pessoas económica e socialmente menos favorecidas.

Nos países membros da Comunidade Europeia existem mais de 44 milhões de pessoas na pobreza, que, segundo aquela instituição, «vivem nas periferias urbanas desfavorecidas, nas áreas rurais ou nas regiões industriais em declínio».

Portugal está envolvido com quatro projectos: «Mundo rural em transformação», «Aldeias de montanha apostam no seu desenvolvimento», «Zona histórica da Sé e Barredo» e, o já citado «Trabalho de rua com crianças em risco ou situação de marginalidade». O orçamento previsto é de um milhão e 700 mil contos. Este último trabalho enquadra-se na rubrica iniciativa inovadora, acção de dimensão mais reduzida que se dirige a um grupo etário e problemas específicos. São seus objectivos gerais «fornecer aos menores quadros de referência valorativa para a sua integração na família e na comunidade», «contribuir para interromper ou evitar» o ciclo marginalizante destes e «proceder com a eficácia possível, a um processo educacional em regime aberto».

Entre 16 de Outubro e fins de Abril, os «animadores de rua» contactaram 300 crianças, tendo iniciado acções de desmarginalização com 230. Destas, cerca de metade foram recuperadas: 26 regressaram à família, 16 entraram em instituições/lares, 34 estabilizaram o seu modo de vida, 12 regressaram à escola, 17 foram para a Formação Profissional e quatro para actividades dos tempos livres.

Zona de risco

Os outros projectos portugueses têm a designação de «acções modelo». São iniciativas junto dos grupos mais desfavorecidos, visando promover as condições de vida local através de estratégias de desenvolvimento socioeconómico. Duas delas situam-se na zona rural interior do País e uma desenvolve-se no coração do Porto. O concelho de Almeida é uma das zonas visadas. Segundo o Centro de Acolhimento e Integração Social de Vilar Formoso, promotor do projecto, esta localidade «apresenta um atraso de desenvolvimento considerável em relação ao resto do País. Este é fruto de diversos factores, entre outros, de ordem física - solo pobre e clima rigoroso -, geográfica - distante dos principais centros de decisão -, humana - emigração maciça nos anos 60/70 -- e histórica - em particular, a persistência de uma actividade agrícola inadequada.

Entre os objectivos do trabalho a desenvolver no projecto «Mundo rural em transformação», destacam-se: aumento de investimento nos sectores de infra-estruturas básicas e produtivas, crescimento da oferta de emprego, criação de cursos de formação profissional, maior acção social, melhoria das condições de saúde e higiene e reforço da identidade cultural local.

A metodologia adoptada assenta no contacto com as populações alvo e influentes locais, para em conjunto encontrarem respostas para os problemas existentes. Com finalidades e formas de acção idênticas, o projecto «Aldeias de montanha apostam no seu desenvolvimento» é promovido pelo Movimento de Solidariedade Rural e cobre Cortes de Meio, Erada, Paul e Unhais da Serra, concelho da Covilhã. Os principais problemas destas freguesias são constituídos por baixo rendimento das famílias, precaridade de emprego, fraca qualificação profissional e recursos naturais subaproveitados.

O último programa de intervenção situa-se no Porto, freguesias da Sé e S. Nicolau, e é desenvolvido pelo Centro Regional de Segurança Social local. Caracteriza estas localidades a pobreza material e sociocultural da população que passa de geração em geração.

Este projecto chama-se «Zona histórica da Sé e Barredo» e propõe-se desenvolver acções de emergência junto dos grupos particularmente frágeis (crianças, jovens, mulheres e idosos), atacando os problemas de alcoolismo, toxicodependência, prostituição e marginalidade, desencadear uma operação de reabilitação urbana e articular programas de formação socio-profissional.

C.N.

EXTERNATOS

MP **MARQUÊS DE POMBAL**
RUA MORAIS SOARES, 93 (AO CHILE) T. 834658

AC **ÁLVARES CABRAL**
AV. GRÃO VASCO, 1 (BENFICA) T. 706974

REGIME NORMAL: 7.º, 8.º e 9.º ANOS
10.º, 11.º e 12.º ANOS

CURSO GERAL PLANOS PRÓPRIOS - em 2 anos e no regime de UNIDADES CAPITALIZÁVEIS

REGIME INTENSIVO: GERAL
COMPLEMENTAR

30 ANOS AO SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

MUNICÍPIO DE LISBOA

AVISO

Avisam-se todos os interessados que no próximo dia 4 de Julho de 1990, pelas 15 horas, se realiza no Pavilhão Carlos Lopes (antigo Pavilhão dos Desportos), ao Parque Eduardo VII, a praça para a arrematação dos locais vagos nos seguintes Mercados:
Bairro Padre Cruz, Bairro Santos, Bairro Quinta das Furnas, Campolide, Encarnação Sul, Forno do Tijolo, Picheleira, Rato, Rio Seco, S. Domingos de Benfica, 31 de Janeiro e Mercado 24 de Julho.
Para mais esclarecimentos, poderão os interessados contactar a Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo, sito na Rua do Machadinho n.º 20, ou os próprios Mercados.

Lisboa, 1990/06/19

O Chefe de Divisão
F. Neto Correia

«DL» – 25/6/90

QUOTIDIANO

Hoje, o marido tradicional perde a calma cerca de quatro vezes por semana, ou seja, o dobro das vezes do que acontece com a mulher. Um trabalho de investigação realizado por sociológos visa saber porque hoje há tanta irritação

O que é que faz perder a cabeça?

De dia para dia o mundo está a tornar-se cada vez mais temperamental. E, entre todos os tipos de estatutos sociais, são os maridos que perdem o controlo com maior facilidade...

Foi esta a conclusão a que chegaram os cientistas da Universidade da Califórnia, ao concluírem um estudo realizado sobre nove nações, com o qual pretendiam apurar a situação em que se encontra o temperamento.

«O ritmo de vida cada vez mais acelerado está bastante ligado a isso», afirma o dr. Richard Eyams, responsável pela equipa de estudo. «Bem como, a crescente falta de inibição.

Todos nós atingimos os nossos limites muito mais rápida e frequentemente do que o que acontecia com os nossos pais», acrescenta.

No conjunto, essa situação nem é uma coisa assim tão má. De acordo com o professor Sam Bossard, do internacionalmente conhecido Hospital Heart na América, uma pessoa que perca regularmente o seu sangue-frio tem menos propensão para ter um ataque cardíaco do que aquela que está sempre a conter as suas emoções.

O que significa que os galeses, os escoceses, os italianos e franceses, devem ser bastante saudáveis - eles estão todos perto do topo dos povos com pior temperamento.

Segundo um especialista de Dublin, que de há dez anos para cá estuda os carácteres humanos, o dr. R.L. Rossiter, o marido tradicional perde a calma cerca de quatro vezes por semana - isto é, o dobro das vezes que isso sucede com a sua mulher!

Ele diz que os maridos têm tendência para se zangarem devido a coisas insignificantes como manchas nos punhos das camisas, pneus furados, lâminas de barbear rombas e telefones estragados.

«Os homens detestam igualmente ver modificado o lugar das coisas em cas a- por exemplo, se falta uma chave do chaveiro familiar. Isso pode ser o suficiente para transformar um homem normal num outro com um acesso de mau carácter!»

Por seu turno, as mulheres, de acordo com o dr. Rossiter, têm tendência para perder o controlo com algo que os maridos fazem ou dizem - como a crítica aos seus cozinhados, à sua lide caseira, ou em relação ao seu controlo sobre os filhos.

A influência do tempo

Também o tempo é uma das razões para a perda de controlo - estamos muito mais susceptíveis a perder a calma antes do pequeno-almoço, ou até, antes de qualquer refeição.

Outros dois entendidos, o dr. Sean Rhorton e o dr. Pat White, que dirigem uma clínica de comportamento humano em Dublin, admitem que tomar o pequeno-almoço com má disposição é muitas vezes o resultado de se acordar sem ter terminado um sonho.

Razão pela qual dizem que um bom sonho é tão importante para quem dorme, que se se é interrompido e obrigado a levantar, é provável que a pessoa fique zangada.

Como é natural, não há qualquer pesquisa sobre o actual afluxo de mau temperamento que tenha sido feita num curto espaço de tempo. Numa clínica de Tóquio, por exemplo, o Dr. Fan Wan Yip passou cinco anos a estudar as fúrias de milhares de pessoas.

Este especialista admite que os procuradores, os médicos, e os directores de bancos são aqueles que atingem mais lentamente os estado de fúria.

Os caseiros e trabalhadores agrícolas, segundo apurou, atingem também mais lentamente o estado irrascível. Mas os empregados de escritório não demoram muito tempo para que a sua paciência chegue aos limites, nomeadamente aqueles que trabalham em secções de contabilidade, ou numa em que não estabelecem muito contacto com outras pessoas.

Todos nós atingimos os limites da calma mais rápida e frequentemente do que acontecia com os nosso pais

Ao que parece, os trabalhadores fabris também possuem um temperamento difícil, pelo que uma firma de componentes electrónicos japonesa, em Osaka, criou uma sala de descanso com esfinges em plástico dos seus patrões.

Ali, os empregados, sob tensão, podem dar um soco no patrão à sua escolha... e em seguida, voltarem ao trabalho com melhor humor!

Excelente para a moral

O psiquiatra da companhia diz que tal comportamento é excelente para a moral. Ele considera que deste modo, a firma tem menos preocupações que em geral são gerados pelo sistema industrial, não há disputas mesquinhas entre os subordinados e a produção aumentou.

Os trabalhadores russos podem ter a mesma terapia ao cortarem a madeira que está guardada nos grandes armazéns. «a técnica japonesa é, sem dúvida, decadente, não produtiva, e ainda reduz o estatuto do trabalhador. Nós sentimos que o nosso método é mais útil, produtivo, e menos exposto ao rídículo.»

É do conhecimento geral que conservar o sangue-frio é mau e que pode, inclusive, conduzir quem o faz a explosões de todo o género, em geral ligadas aos vasos sanguíneos e artérias.

Contrariamente àquilo que em geral fazemos — reduzir os nossos temperamentos aos seus níveis mais baixos — os especialistas afirmam que se o partilharmos com um amigo, isso ajuda.

Em alternativa, pode-se tentar ver-se livre desse acesso de fúria dando uma volta ao quarteirão, ou jogando um qualquer jogo.

É por esta razão quehoje em dia muitas firmas instalam cortes de *squash*, onde os empregados e patrões se podem livrar de todo o seu mau humor.

Nos Estados Unidos, há até um medicamento anti-temperamental, desenvolvido pelos cientistas espaciais da Nasa.

Os especialistas declaram que um astronauta com mau humor não é bom para si nem para os seus colegas.

Daí que os comprimidos fizessem parte do menu diário de comida dos astronautas, durante o programa da nave Apollo, de viagem à Lua.

Agência Europeia de Imprensa

Regras de apreciação em causa

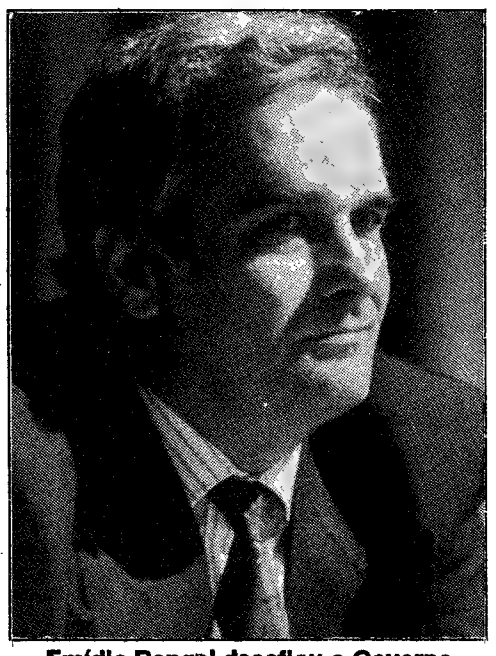
Director da TSF acusa Comissão da Rádio

O director da TSF, estação preterida na atribuição de frequências de rádio regionais, afirmou ontem que a Comissão da Rádio «violou as regras de apreciação» dos processos sujeitos a concurso público. Com efeito, Emídio Rangel referiu, em declarações feitas à Lusa, que a Comissão levou cerca de duas horas e meia a decidir sobre projectos que «tinham mais de dez mil páginas» o que, na sua opinião, revelou «um total desprezo» por processos que «custaram muitos milhares de contos».

Assinalou que tem conhecimento de que houve «representantes de secratarias de Estado que tinham ordens superiores para votar na Comissão de determinada maneira, embora a sua posição pessoal pendesse para outros projectos».

«O Governo tinha conhecimento da forma enviezada como decorreram os trabalhos da Comissão e apesar disso tomou uma decisão de tal natureza», sublinhou Emídio Rangel, referindo-se à confirmação da atribuição das frequências regionais.

De facto, as frequências, o despacho que atriui as referidas frequências ao «Correio da Manhã Rádio» (Sul) e à Rádio Press (Norte) foi assinado pelo secretário de Estado Albimo Soares na passada sexta-feira e enviado imediatamente para publicação em suplemento ao «Diário da República» de sábado.



Emídio Rangel desafiou o Governo a fazer um inquérito aos trabalhos da Comissão da Rádio

Neste contexto, o director da TSF defendeu que o Governo «deveria ter feito um inquérito» aos trabalhos da Comissão da Rádio, antes de ter emitido o respectivo despacho.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

ANÚNCIO

Processo N.º 1466
2.ª Secção

FAZ-SE SABER Por este tribunal correm, éditos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando o réu INÁCIO ANTÓNIO LOPES, com última residência na Rua Conde Almoster n.º 100 2.º Dt.º 1500 Lisboa, para no prazo de VINTE dias, findo o dos éditos, contestar a acção ORDINÁRIA n.º 1466 na qual o Autor NUNO JOSÉ DE OLIVEIRA SANTOS pede a condenação do réu, tal como duplicado da petição inicial que fica nesta secção a aguardar o seu levantamento.

Lisboa, 8 de Junho de 1990.

O Juiz de Direito,
Guilherme Augusto Igreja
A Escrivã Adjunta,
Madalena Rodrigues

«DL» — 2.ª Pub. 26/6/90

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA (Por Unidade)	VENDA (Por Unidade)
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$15	45$15
ALEMANHA FED. (marco)	86$70	87$90
ÁUSTRIA (xelim)	12$30	12$50
BÉLGICA (franco)	4$039	4$289
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$30	125$80
(notas de 5 a 1000)	123$80	126$30
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA	1$374	1$494
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145$50	149$00
(notas de 5 a 1000)	146$00	149$50
FINLÂNDIA (marka)	36$85	37$45
FRANÇA (franco)	25$85	26$55
HOLANDA (florim)	77$10	78$20
IRLANDA (libra)	233$95	237$95
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$893	$948
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	252$70	257$20
SUÉCIA (coroa)	23$95	24$45
SUÍÇA (franco)	103$35	104$85
VENEZUELA (bolívar)	2$630	3$430

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

AS FERIDAS DE ÁFRICA

CONCLUSÃO

Trinta anos após a independência, a África agita-se. Atingida pelo ven
vindo da Europa do Leste, também reivindica o direito de tomar nas mãos o

Matérias primas: do milagre à

Que resta das «nossas» Áfricas? Nas aulas do pós-guerra, o professor, de ponteiro na mão, traçava o mosaico colonial do continente negro. África Equatorial francesa, África Ocidental francesa, Congo Belga, possessões ainda britânicas, ou, outrora, alemãs, italianas. Flechas de ponta aguçada jorravam em direcção do Norte, levando riquezas: algodão do Egipto, fosfato marroquino, café, cacau, amendoim do Oeste africano, ouro e diamantes de Kimberly.

Do Cairo ao Cabo, a mancha negra, de formas irregulares, lançava a abundância sobre a Europa. Uma fonte de juventude para o Velho Continente, à base de tesouros vegetais, minerais, humanos também. Pois toda a África era matéria-prima, sangue e seiva. A «madeira de ébano», outro nome dado aos escravos votados à prisão das plantações. Abolida a escravatura, proclamadas as independências, restavam os recursos naturais renováveis, que os colonos não tinham tido tempo de esgotar. Trinta anos depois, as peças do «puzzle» estão invertidas. As potências do Norte já não têm necessidade das riquezas do Sul, ou muito pouco. O tesouro ficou, mas já não é um tesouro.

Riquezas sem saída

Quando, em 1987, o Mali e o Burkina Faso, pobre entre os pobres, se confrontaram pela posse de improváveis filões auríferos, o combate não durou muito, mas o mito do tesouro escondido continuou. A África acreditava no milagre: a hora da miragem tinha soado.

Em meados da década de 80, os preços das matérias-primas atingiram os seus mais baixos níveis históricos. Os produtos de substituição invadiram o domínio do monopólio dos recursos naturais. O mundo moderno prefere a fibra óptica ao cobre, as fibras e a borracha sintéticas ao algodão e à goma, as gorduras vegetais à manteiga de cacau, o plástico aos metais, o edulcorante ao açucar de cana, o laboratório à mina e à plantação. A África libertou-se das potências coloniais, mas não se libertou do seu potencial «primário», o que a priva, agora, de uma autêntica liberdade de manobra. Mais de dois países em cada três, no continente negro, dependem de dois ou três produtos de base para dois terços das suas receitas de exportação. A dependência económica ocupou o lugar da autonomia política. Os preços das matérias-primas africanas são fixados em Paris, Londres e Nova Iorque, ao sabor dos humores, da especulação e dos consumidores. A África subsariana só representa 1,3 por cento do comércio mundial. As suas riquezas já não têm saída. Ei-la fora do jogo, depois de ter sido, durante tanto tempo, a parada do jogo.

O apetite do Ocidente pelas matérias-primas deste continente não se alimentou apenas de lendas, de sonhos exóticos povoados de diamantes e de riquezas vegetais. A África constituiu uma provisão de guerra para todo o terreno, ora económica, ora militar. Até à crise de sobreprodução da década passada, falava-se de zona estratégica. Em 1937, a Sociedade das Nações publicou um documento onde distinguia os Estados entre os «have» e os «have not», segundo eram detentores ou não de matérias-primas. Atribuia a estes últimos (Alemanha, Itália, Japão) intenções belicosas para conseguir acesso aos recursos naturais. Foi, assim, que interpretou os avanços alemães no Sudoeste Africano, recheado de vanádio, «o metal do rearmamento». Mussolini via a Etiópia como a «Manchúria de Itália», uma reserva de matérias-primas ditas sensíveis.

A caça ao tesouro

Também os aliados souberam tirar partido do subsolo de África para orquestrar a apoteose mortífera da II Guerra Mundial. Quando, em Julho de 1945, os homens de Robert Oppenheimer construiram a bomba atómica, no deserto do Novo México, faltavam-lhes o urânio indispensável para pôr a funcionar o engenho. Embora pouco conhecido na Europa, havia um soberbo jazigo desta matéria na Boémia, mas situava-se numa pequena vila dominada pelos alemães. Os geólogos americanos sabiam, todavia, que havia uma mina semelhante no floresta virgem do Congo Belga, e concluiram os acordos necessários, com Bruxelas para assegurar a sua produção. As bombas lançadas sobre Hiroxima e Nagasaki estavam, assim, cheias de metal congolês.

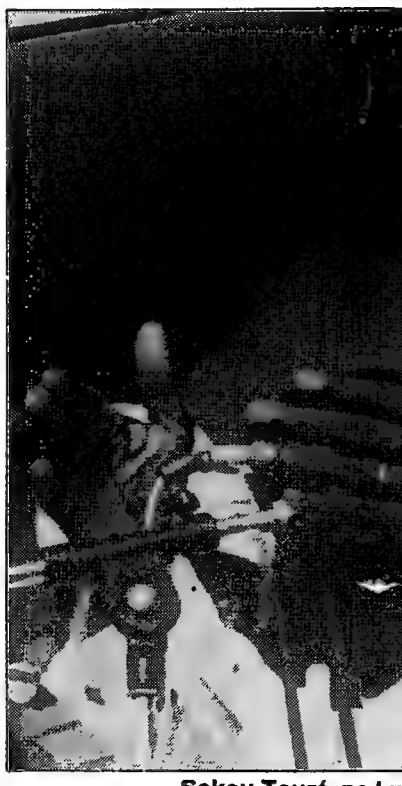
Mas foram os anos 70 que deram às matérias-primas africanas a sua ressonância militar e industrial. Cresceram as esperanças de poderio e de nova ordem económica estabelecida com base nestes produtos, finalmente pagos ao seu justo preço. O Exército francês protegia os comboios de minério de ferro mauritano contra os ataques da Polisário. Os emiratos do petróleo, todo poderosos em 1973, exortavam a África a multiplicar os cartéis de combate, com o cobre, o café, o cacau.

A América apanhada desprevenida

A Guiné de Sekou Touré foi esvaziada da sua bauxite pelo «grande irmão» soviético, em nome da solidariedade fraternal. E houve o pânico de uma possível penúria de cobalto, quando os rebeldes se apoderaram da capital mineira do Zaire, Kolwesi, dando início à segunda guerra do Shaba. Calculou-se que este país da África Central detinha um terço das reservas mundiais de cobalto, matéria-chave para a indústria aeronáutica. A América, cujo principal

O aeroporto de Kolwesi, no Zaire, com restos de aviões destruídos por ataque dos reb
com medo de ficar sem cobalto, cujas principais minas mundi

O monstruoso cogumelo atómico de Hiroxima cresce à custa de urânio do então Congo Belga

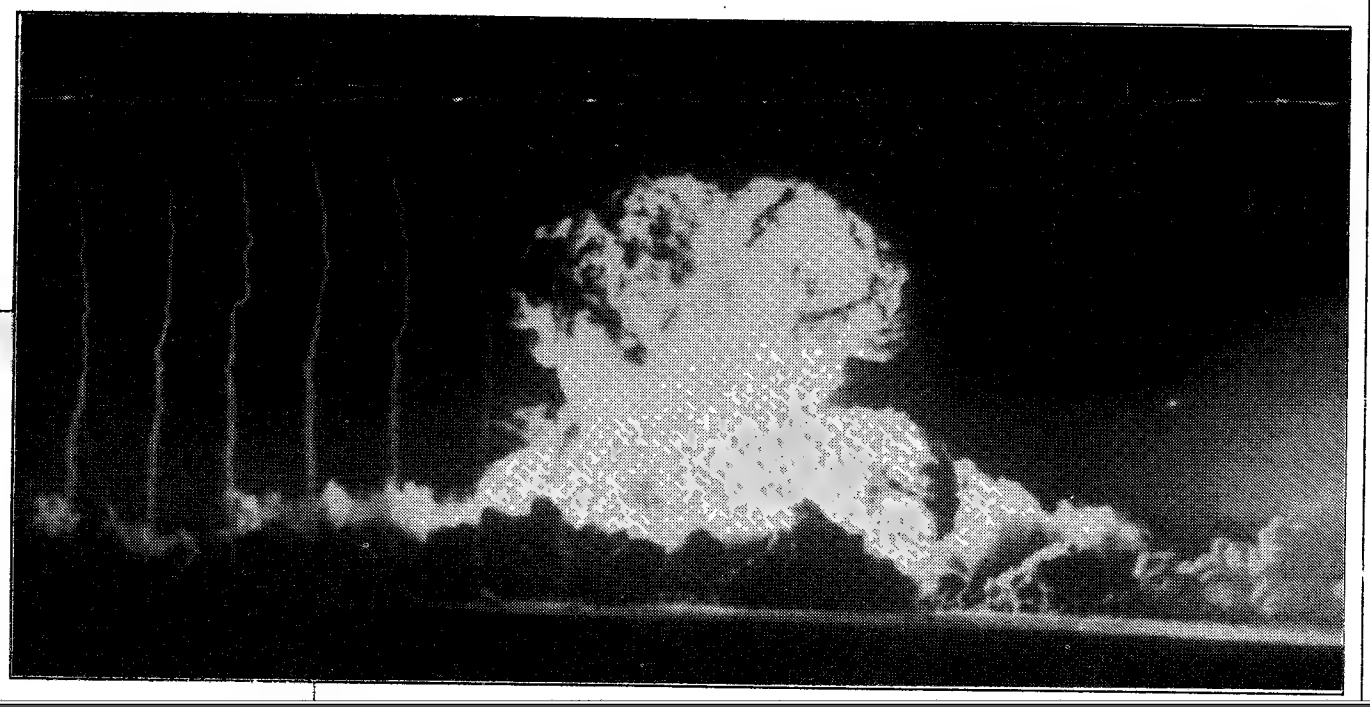


Sekou Touré, na im
que foi esvaziada da su

A.M.A.
Auto Monumental do Arcozo S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

o vento de liberdade
ãos o seu próprio destino

à miragem



ALTERAÇÃO DE ESTATUTOS

No dia oito de Junho de mil novecentos e noventa, no Décimo Quinto Cartório Notarial de Lisboa, perante mim, Notária, Licenciada em Direito, Amélia Josefina de Queiroz Lopes, compareceram, como outorgantes:

a) Dr. ANTÓNIO DOS SANTOS LABISA, casado, natural da freguesia e concelho de Albufeira, residente na Avenida Infante Santo n.º 53, 4.º, dt.º, em Lisboa; e

b) Dr. JOSÉ JORGE GONÇALVES TRACANA DE CARVALHO, que também usa José Jorge Tracana de Carvalho, casado, natural da freguesia da Sé, concelho da Guarda, residente na R. Mariano Pina 9, 7.º, esq.º, em Lisboa,

que intervêm na qualidade de membros da Direcção, em exercício, e em representação da cooperativa denominada «C.E.U. — COOPERATIVA DE ENSINO UNIVERSITÁRIO, C.R.L.», com sede em Lisboa na Rua de Santa Marta, número cinquenta e seis, freguesia de Coração de Jesus, da qual são, respectivamente, Presidente e Vogal, constituída por escritura de treze de Dezembro de mil novecentos e oitenta e cinco, lavrada a folhas cento e dezanove do Livro número vinte e cinco-L do Décimo Nono Cartório Notarial de Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, sob o número trezentos e cinquenta e nove do Livro J-dois, com o capital social mínimo de um milhão de escudos.

E disseram:

Que, pela presente escritura, e de harmonia com o deliberado em Assembleia Geral extraordinária da referida cooperativa realizada em vinte e um de Dezembro de mil novecentos e oitenta e nove, alteram o seu objecto somente no que respeita ao número UM do respectivo artigo que é o segundo, a alínea a) do artigo sexto, os artigos décimo quinto, décimo sétimo, décimo oitavo, e vigésimo segundo, aditando ainda aos respectivos estatutos a disposição transitória, os quais passam todos a ter a seguinte readacção:

NÚMERO UM (do artigo segundo): A Cooperativa dedica-se de forma organizada e sistemática à investigação e à docência no âmbito do ensino superior particular;

ALÍNEA a) (do artigo sexto): Os docentes que deixarem de estar ligados durante um ano lectivo consecutivo, por razões que lhe sejam imputáveis e não justificáveis, à actividade dos estabelecimentos de ensino da Cooperativa;

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

NÚMERO UM: A mesa da assembleia geral é constituída por um presidente, um vice-presidente e um secretário;

NÚMERO DOIS: O presidente da mesa da Assembleia Geral pode assistir às reuniões dos órgãos sociais da Cooperativa, emitindo pareceres ou opinões, mas sendo-lhe vedado participar nas deliberações;

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO

NÚMERO UM: Os membros da Cooperativa podem fazer-se representar por outro membro nas reuniões da Assembleia geral, bastando para o efeito, documento escrito, donde conste a representação;

NÚMERO DOIS: É admitido o voto por correspondência, sob condição de o seu sentido ser expressamente indicado em relação ao ponto da ordem de trabalhos;

NÚMERO TRÊS: A Assinatura do mandante em qualquer das hipóteses referidas nos números anteriores deve ser reconhecida notarialmente ou mediante exibição do bilhete de identidade;

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

NÚMERO UM: A direcção é o órgão de gestão da Cooperativa e é composta por cinco membros, sendo um presidente, ou tesoureiro, um secretário e dois vogais, dispensados de caução;

NÚMERO DOIS: A direcção poderá delegar numa Comissão Executiva constituída por três membros, os poderes necessários para assegurar a gestão corrente da Cooperativa, e, em especial, os respeitantes à execução do plano de actividade, financeiro e orçamento anuais, à aprovação e aplicação das normas relativas ao pessoal e respectivo estatuto, à representação da Cooperativa em juízo e fora dele, activa e passivamente e à constituição de mandatários com os poderes que julgar convenientes;

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO

Para obrigar a Cooperativa é suficiente a assinatura de dois membros da Direcção, devendo uma das assinaturas ser a do tesoureiro quando estejam em causa actos ou contratos que impliquem a realização de despesas.

DISPOSIÇÃO TRANSITÓRIA

NÚMERO UM: O mandato dos actuais órgãos sociais e mesa da Assemblei Geral caduca com o registo definitivo da escritura de alterações e do seu registo no Ministério da Educação, iniciando-se então e imediatamente novo processo eleitoral;

NÚMERO DOIS: Até à tomada de posse dos novos eleitos, mantêm-se em funções de gestão corrente os actuais órgãos sociais e mesa da assembleia geral.

Fiz a advertência da obrigatoriedade do registo deste acto, no prazo de noventa dias.

ARQUIVO:

a) Certidão expedida pela mencionada Conservatória do Registo Comercial de Lisboa; e

b) fotocópia da mencionada acta de Assembleia Geral, documentos pelos quais verifiquei as qualidades e poderes de representação dos outorgantes.

Exbiram:

a) Certificado de admissibilidade de denominação, emitido pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas, em 21 de Fevereiro deste ano; e

b) Cartão de identificação de pessoa colectiva com o n.º 501 641 238, emitido pelo Gabinete de Registo Nacional.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pelos seus bilhetes com os n.ºs 320 517 de 29 de Outubro de 1984, e 656 883 de 30 de Março de 1987, emitidos pelo Centro de Identificação Civil e Criminal,

Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo aos outorgantes em voz alta e na presença simultânea de ambos, tendo-os prevenido do aumento de emolumentos, por de harmonia com a sua requisição este acto ter sido celebrado fora das horas regulamentares, nos termos do número dois do artigo vinte e quatro da Tabela Emolumentar, e foi começada a folhas cem do livro imediatamente anterior, onde, por falta de espaço não pode ser concluída. EM TEMPO: Por não ter comparecido o outorgante identificado na alínea a), interveio como membro da Direcção, em exercício, da qual é Tesoureiro, o Sr. Eng.º FRANCISCO JOSÉ DE BETTENCOURT CORREIA GUEDES, casado, natural de Lisboa, freguesia de Santa Isabel, residente nesta cidade na R. de Buenos Aires, n.º 30, 4.º, que conjuntamente com o outorgante identificado na alínea b), representa a mencionada Cooperativa, qualidade e poderes que também verifiquei pela certidão da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa e fotocópia da acta da Assembleia Geral, já referidos, e a respectiva *identidade* pelo seu bilhete com o n.º 210 720, emitido pelo Centro de Identificação Civil e Criminal, em, digo *identidade*, por ser do meu conhecimento pessoal.

Este aditamento foi também lido e explicado na forma legal.

(assinaturas ilegíveis)

Conta registada sob o n.º 46

(assinaturas ilegíveis)

«DL» — 26/6/90

QUOTIDIANO

Instantâneo

Acertar os ponteiros do relógio (do trabalho)...

As horas de trabalho prestado diferem significativamente de país para país. Na lista, compara-se o número anual de horas dos trabalhadores da indústria, no ano passado. Os japoneses confirmam o seu zelo e os portugueses aparecem em primeiro lugar, na Europa

A nova fase de paralisações conta com a participação de sindicatos da CGTP, UGT e independentes, prolongando-se até 2 de Julho. Na Carris, o exemplo pode ser seguido

Rodoviária inicia greves parciais

Os trabalhadores da Rodoviária Nacional iniciaram hoje um novo período de greve que se prolongará até ao dia 2 de Julho. O pré-aviso tem a particularidade de ter sido enviado ao conselho de administração pela Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru-CGTP) e subscrito por todas as estruturas sindicais com representação na empresa, desde as filiadas na UGT a independentes.

O processo reivindicativo na RN relativo às negociações de revisão do Acordo de Empresa (AE) prossegue esta semana, «aproveitando» a «jornada de luta» pela redução do horário de trabalho para um máximo de 40 horas semanais promovida pela CGTP.

As paralisações serão cumpridas seguindo um esquema «de certa forma parecido com o utilizado pelos maquinistas da CP», afirmou ao «DL» uma fonte sindical.

De entre os sindicatos da UGT subscritores do pré-aviso de greve, para além do Sitra (rodoviários) que por diversas vezes tem participado em acções conjuntas com a federação da CGTP, é de salientar os casos da Fetese, do Sitese e do Sima.

A luta será efectuada de forma diferente pelos trabalhadores dos vários sectores da Rodoviária. Assim, o pessoal do movimento (motoristas) estará em greve «5 horas no último período de trabalho que antecede a folga semanal», enquanto os administrativos e oficinais cumprirão 1 hora de greve por dia - a última hora do último período de trabalho - até perfazer 5 horas por trabalhador. Para além disso, todos os trabalhadores se recusarão a prestar horas extraordinárias durante o período compreendido pelo pré-aviso. Segundo uma fonte sindical, esta acção de luta

Um esquema de paralisações semelhante ao dos maquinistas da CP

«provocará grandes transtornos na circulação, pois as 5 horas de greve dos motoristas antecedendo a folga atinge 20 por cento dos trabalhadores por dia, e com a recusa às horas extraordinárias 40 por cento da frota da Rodoviária será afectada diariamente».

José Brandão, do Sitra, afirmou que se «desistiu da ideia inicialmente prevista de mais três dias de greve consecutivos, optando-se por esta forma de luta - semelhante à dos maquinistas da CP -, que provoca uma agitação laboral na empresa durante cinco dias e com menores custos para os trabalhadores e população».

Aquele sindicalista adiantou ainda que se pretendeu fazer coincidir a greve com a «semana de luta» da CGTP, tanto que ela deveria ter-se iniciado ontem, mas «devido ao atraso na entrega do pré-aviso, só pôde começar hoje».

Devido à denúncia do conselho de administração da RN, a Festru enviou um *fax* aos responsáveis da empresa afirmando que «acolhendo a tese dos cinco dias, prazo que por respeito com os utentes é por nós habitualmente utilizado, e tendo em atenção que o pré-aviso é um acto jurídico, a nulidade parcial não envalida todo o acto (...), razão pela qual o pré-aviso é válido, devendo a greve considerar-se lícita a partir das zero horas do dia 26» de Junho.

Os trabalhadores da RN lutam por «uma revisão justa do AE», pela redução do horário de trabalho, correcção salarial de 1989 e 90, manutenção dos direitos adquiridos, defesa da empresa e passagem a efectivos dos trabalhadores contratados a prazo.

Do «êxito» destas formas de luta na RN estará dependente a aplicação - ou não - do mesmo esquema na Carris, onde foi já entregue o pré-aviso para a realização de um plenário de 4 horas (das 10 às 14 horas) na quinta-feira , com recolha da frota.

Na Carris, ao contrário da RN, apenas os filiados na Festru e no Sitra (sindicatos maioritários na empresa) se encontram em luta, uma vez que as restantes estruturas assinaram a tabela salarial proposta pela administração.

Amanhã, as duas organizações reúnem-se para estudarem uma proposta de formas de luta a apresentar aos trabalhadores durante o plenário e, segundo José Brandão afirmou ao «DL», «se a recusa às horas extraordinárias tiver bom acolhimento entre o pessoal da RN, é provável que propunhamos o mesmo esquema para a Carris, o que implica uma paralisação diária de 30 por cento da frota da empresa».

Elsa Andrade

CULTURA

Em sessões organizadas pelo Instituto Franco-Português

Vídeo-jazz de França em Lisboa

Ao todo são oito horas de jazz, num suporte que lhe é habitualmente estranho, o vídeo. A pérola do conjunto é protagonizada por um quarteto de jazz (Jazz? Será apenas isso?) constituído por Michel Portal, Henry Texier, Louis Sclavis e Jean-Pierre Drouet, com a função de ilustrar musicalmente uma mostra de fotografias assinadas por Richard Kalvar, Rio Branco, Hervé Gloaguen, Leonard Freeb, Danny Lyon, Alex Webb, Michel Delluc e Harry Gruyaert. Ou talvez seja o contrário, e as fotos é que são o complemento das improvisações daqueles quatro grandes da cena francesa, inspirados em modelos variados e um tanto exóticos, das modinhas brasileiras aos ritmos da Martinica, do blues negro-americano à música judaica, dos sons do Sul da Itália à *valse-musette*. O trabalho, excelente e inédito apesar da sua extrema simplicidade, data de 1984 e foi realizado por Cantal Bury segundo uma ideia de Guy Le Querrec. «De l'eau dans le jazz» será apresentado a quem interessar no próximo dia 29, pelas 18 e 30, na teleteca do Instituto Franco-Português, em Lisboa.

Na mesma ocasião poder-se-á assistir a uma parte da participação de Claude Nougaro, um intérprete da *chanson française* desde sempre próximo do jazz, no 10º Printemps de Bourges, em 86. A curiosidade ganha maior relevo se soubermos que no acompanhamento instrumental do cantor constam nomes do velho como do novo jazz francês, Pierre Michelot e Bernard Lubat, músicos com percursos diversos (Lubat esteve recentemente em Lisboa, com a sua Compagnie, mais arrojada nos desempenhos) mas este ponto em comum.

Outros vídeos, no entanto, já puderam ser vistos (e ouvidos, claro) naquela mesma sala, com algumas insistências notórias - Daniel Humair, Jean-François Jenny Clark e o alemão «parisiense» Joachin Kuhn, o último apanhado nestes metros de vídeo-jazz em belíssimos momentos da sua arte pianística. São as eminências pardas do que por lá se faz...

Aparecem eles nas três partes da série «Jazz Français à New York», dirigida por Christian Palligiano, que documenta a ida, em 1988, de uma delegação francesa ao JVC Jazz Festival, organizado pelo famoso George Wein.

Os vídeos em questão registaram as prestações musicais de Martial Solal, Didier Lockwood, Michel Portal, Marc Ducret e Helène Laborrière em Nova Iorque, com o sustentáculo rítmico dos acima referidos, intercalando-as com passagens de reportagem que têm o mérito de lançar umas quantas pistas de leitura ou releitura sobre o que é isso de «jazz francês» ou «jazz europeu», como os próprios preferem dizer. Desde um «sim, talvez esta música se esteja a tornar académica», segundo Ducret, à consideração feita por Kuhn de que o jazz de hoje não é com certeza o que vai aos festivais dos EUA, passando pela efabulação do fascínio americano, encontramos um pouco de tudo o que necessitávamos para suficiente esclarecimento.

O documentário enquanto género televisivo é repetido em três outros episódios que, na presente programação do Instituto Franco-Português, nos deram já conta de uma instituição da música francesa, a Orchestre National de Jazz, mais conhecida por ONJ - não por acaso, aliás, o seriado tem o carimbo do Ministério da Cultura, assim como «Jazz Français à New York» fora apoiado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Ao que parece, o jazz tem em França aquilo que em Portugal pareceria um sonho, isto é, uma vocação de poder.

Enquanto realização vídeo, o trabalho deixa muito a desejar, dadas as derivas inconsequentes por intermináveis viagens de comboio ou por pouco motivadores ensaios da orquestra. Se «VariatiONJ» ronda o período correspondente à coordenação de Antoine Hervé naquele colectivo, portanto em 1988, já um outro vídeo nos mostrou a Orchestre National de Jazz num contexto anterior e indubitavelmente mais feliz, quando à frente dos seus destinos estava François Jeanneau.

Foi este saxofonista o personagem principal da segunda melhor produção do lote, com sequências de entrevista e de concerto registadas em 85.

Jeanneau surge em várias formações: com a orquestra Pandemonium mais convidados (George Lewis, Mino Cinelu), por si formada, que se atreveu a liberdades impossíveis na ONJ, em trio com Humair e Texier, em quarteto com o mesmo Humair, Jenny Clark e Kuhn, e ainda com o Quatour de Saxophones, ao lado de Jean-Louis Chautemps, Philipe Maté e Jacques Donato.

Com o estofo dos maiores do jazz internacional, Jeanneau afirma defronte das câmaras o que segue, preto no branco: «O termo jazz não nos serve de muito. Deixa demasiadas coisas de fora.» Um convite para maiores controvérsias, em suma...

E houve mais. O jazz-jazz de René Urtreger, com Christian Escoudé, o nórdico Niels-Henning Oersted Pedersen e três jovens convidados sobre quem, na altura em que espectáculo foi filmado (87), se disse muito prometerem: Stephane Belmondo, Hervé Mechimet e Sylvain Beuf.

Depois, a Portal Unit, muito solta, «intelectual», erudita sim, mas energética e expressiva.

E lá estavam, fatidicamente, os três ritmistas - Daniel Humair, gestual, Joachin Kuhn, percussivo ou labiríntico, e Jenny Clark, retórico mas sóbrio.

Rui Eduardo Paes

Carnaxide nas Festas de Oeiras

Uma marcha etnográfica

É ponto assente - julgamos - que a História se vai fazendo das pequenas histórias. É precisamente uma destas últimas que nos propomos de seguida contar. Passada em Carnaxide, uma freguesia do concelho de Oeiras hoje mais conhecida como um dos "dormitórios" da capital, mas cujas origens, segundo rezam as crónicas, remontam ao ano de 1171.

Mas factos são factos, e estes, muito objectivamente, transportam-nos, através dos bolores de mais de oito séculos, até aos tempos que correm. Impiedosa, esta "máquina do tempo"...

Acontece que uma colectividade de Carnaxide, fundada mais ou menos no Verão quente de 1975 (o seu nome diz tudo: Associação de Moradores da Luta pela Casa, LUPECA para os amigos), resolveu este ano participar nas Festas de Oeiras - correspondendo a um convite da respectiva Câmara Municipal - com uma marcha popular.

Todavia, há marchas e marchas.

E daí, os organizadores da Marcha de Carnaxide, conscientes da riqueza histórica e etnográfica da terra em que se inserem, pensarem logo numa participação em termos socioculturais. Assim, fugindo à ideia corriqueira da marchinha tradicional, optaram por um desfile de base etnográfica, naturalmente amenizado por uma percentagem razoável de fantasia, mas tentando sempre evocar as várias épocas e características da região. «Carnaxide antigo, histórico, fidalgo, trabalhador e devoto, vai nesta marcha» - como diz Fernando Antão, um morador de Carnaxide que, embora não pertença à LUPECA, colaborou activamente em todos os trabalhos de preparação da marcha, desde a pesquisa etnográfica até à criação dos figurinos e dos arcos. Aliás, contando com preciosos colaboradores: marchantes, coreógrafa, pintores e desenhadores, para não falar da direcção e de outros sócios da Associação de Moradores da Luta pela Casa. Em boa verdade, todos lutaram para que a presença de Carnaxide nos festejos concelhios saísse dignificada.

No próximo dia 30, no Mercado de Algés, a Marcha de Carnaxide sai à rua pela vez derradeira, este ano. Antes, apresentara-se dia 12 em Oeiras, dia 13 em Carnaxide, dia 23 em Tercena e no dia seguinte de novo em casa. Sempre muito aplaudida, certinha, muito inovadora.

Efectivamente assim foi, se calhar em grande parte porque os arcos e os trajes se apresentam com pinceladas coloridas e alegres. E têm a ver com os motivos mais relevantes do passado histórico de Carnaxide.

Dezassete arcos e 78 marchantes

Na marcha etnográfica de Carnaxide participam para cima de setenta marchantes, apoiados pela presença musical de um «cavalinho». Arcos, todos eles alegóricos, são dezassete: o primeiro é de homenagem a Oeiras, encimado pelo brazão concelhio, os marchantes com fantasias ao estilo do século XVIII.

O segundo arco é Carnaxide em festa, Carnaxide a cantar! E depois os chafarizes da terra, o primeiro dos quais D. José I mandou erigir em 1766; segue-se S. Romão, o patrono dos lavradores: as pequenas fazendas, as courelas, os hortos saloios e os pomares; os velhos moínhos de Carnaxide, as boas terras de semeadura e os campos dourados do trigo e também a pastorícia são representados neste arco por moleiros, pastores, padeira, queijeira e leiteira; depois do arco alusivo às lavadeiras do Rio Jamor, o destaque do oitavo arco vai direitinho à Nossa Senhora da Rocha: a sua imagem foi achada em 1822 por um grupo de crianças numa gruta junto ao rio Jamor e desde logo se criou uma devoção popular a ponto de se construir um templo e se criar uma importante romaria. A imagem acabou por ser transferida para a Sé de Lisboa, onde esteve cerca de sessenta anos, apesar dos protestos da população. Na luta para que a imagem regressasse a Carnaxide - onde se encontra na igreja local - muito contribuiram duas mulheres, a Isidora e a Galharda, esta mais conhecida por Maria Cintroa. A acompanhar este arco, os marchantes envergam fatos garridos, a reflectir a alegria da festa, dançando no terreiro.

Na segunda parte do desfile, ocasiões para recordar outras quantas tradições locais. Exemplos: as Quintas de Carnaxide (locais outrora preferidos para o descanso de famílias endinheiradas, fidalgos de alta estirpe, políticos, escritores e até célebres pândegos do século passado...). Quatro arcos ao todo.

Os quatro seguintes fazem parte de um conjunto com o qual se pretende homenagear a Sociedade Filarmónica Fraternidade de Carnaxide, colectividade fundada em 1866 e que dedicou grande parte da sua actividade ao teatro amador e às artes plásticas, salientando-se neste sector o mestre José Bazalisa, que em 1913 ofereceu à colectividade um pano para a boca de cena subordinado à legenda "Glória ao Trabalho".

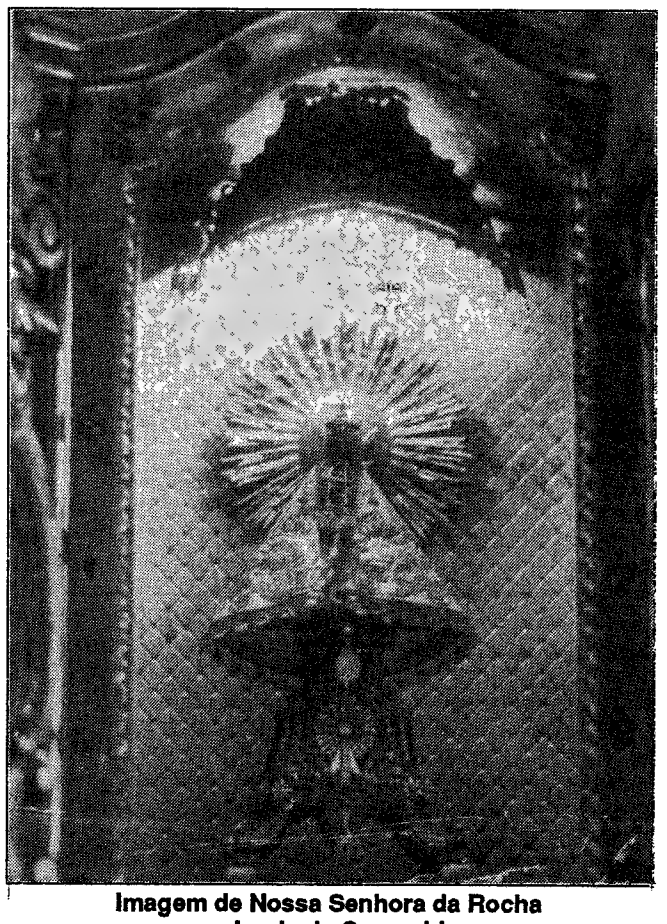


Imagem de Nossa Senhora da Rocha na Igreja de Carnaxide

Para encerrar o desfile da Marcha de Carnaxide - e como mandaria a lógica - lá vai o arco dos «lupecas», onde impera a desinibida descontracção da juventude a par da cor rosa, a mesma das casas do seu bairro. Para além dos objectivos originais, que continuam a ter muito a ver com a «luta pela casa», esta prestimosa associação de cultura popular demonstrou agora que também se interessa pela história da sua terra e do seu povo. Em boa hora. E que o exemplo dê muitos frutos.

Rodrigues Borges

Vozes no feminino *- Raquel Oliveira, pintora (Curso de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto), professora do ensino secundário, mestrado em História de Arte (UNL). Pinta descalça para captar as profundidades da terra-terra. Dá-se à apreensão do invisível, mas a figura humana preenche as suas telas. Confessa: «É um fantasma de que ainda me não consegui libertar...»*

Os pés nus

- O que é para mim a pintura...? Olhe, antes de responder à sua pergunta, vou confessar-lhe um pequeno segredo. Vou torná-lo, por um curto lapso de tempo, meu confidente...

- Meu confidente...?

- Bem, há coisas que nem sempre se dizem a qualquer pessoa. Mas a si vou dizer mesmo...

- Confunde-me, francamente...

- Ora nada! É uma coisa simples... Só isto: pinto sempre descalça.

- Descalça...?

- Mesmo de Inverno...?

- De Inverno, quando faz mesmo muito frio, calço umas meias. Mas nunca sapatos...

- E porquê tal atitude...?

- É que descalça, os pés nas tábuas, sinto-me mais em contacto com a terra (com *T* maiúsculo e com *t* minúsculo), sinto-me mais despida, estou em contacto com todas as verdades que se escondem nas profundidades. Pode parecer uma brincadeira, mas acredite que não é... Só dessa maneira é que me sinto um prolongamento do planeta que habitamos. Pronto: esta a confidência, este o meu pequeno segredo...

Quem assim nos fala, quem assim se abre com toda a simplicidade e saber, chama-se Raquel Oliveira, pintora e professora (curso da Escola Superior de Belas Artes do Porto e mestrado na Universidade Nova de Lisboa), investigadora no campo da História de Arte e bolseira do Instituto Nacional de Investigação Científica. Quantas exposições. Que nunca as contou...

- E nunca as contarei - acentua.

- Isso é o que você pensa. Deixemo-nos, Raquel, desta conversa fluente - e permita que lhe faça uma pergunta...

- Todas!

Estas minhas mãos...

- Não se ofenda com a simplicidade da pergunta. Pintura, para si, o que é...?

- É um sentimento. Eu explico: é como pintora que me sinto e não como investigadora de História de Arte. Nem, aliás, como professora, embora (obviamente...) preze os meus alunos. Imaginemos a seguinte hipótese... Suponha que era actriz e me propunham três papéis: professora, investigadora de Arte e pintora. Que papel escolheria eu...? Pois, pois, sem dúvida que o de pintora. Nesse papel, sim, nesse papel eu *sou*. Tenho a noção de ser, de essência, de existência... Seria para mim, sem dúvida, o papel mais feliz. E isso porquê...? Simplesmente por me sentir verdadeiramente feliz quando manipulo tintas em busca do real e do que ultrapassa o real. Ou por outras palavras: é no campo da pintura que eu sou criadora. Olho o que há e *vejo* o que não há. Através da pintura é que me identifico com esses dois mundos. Quando olho, acredite, para estas minhas mãos, sinto-me perturbada. Como é possível que estas minhas mãos, com as quais me visto, e pego nos talheres, e arrumo coisas, meu Deus!, como é possível que elas consigam lidar com as cores, e lidando com as cores se opere o milagre de nascerem coisas, novas ou não, mas que sinto, sei lá como dizer, como filhos saindo de dentro de mim...? Eu sei, eu sei, há o intelecto, a busca do pensamento, o estudo, isto e mais aquilo - mas as minhas mãos, *estas mãos*, são a coisa mais maravilhosa que tenho no meu corpo, uma vez que elas transformam em palpável todo e qualquer mundo imaginário...

- Mas será assim mesmo...? Não toma em consideração a intuição, a clássica inspiração, o raciocínio no campo do abstracto...

- É claro que tomo tudo isso em consideração. Mas sabe uma coisa...? Estas coisas no campo da pintura tocam 80% com os sentidos e 20% com o intelecto. Daí, como lhe disse, eu pintar descalça. A fim de sentir o solo, a terra, as profundidades... Não é que eu seja realista-realista, mas há que buscar o silêncio, que está muito no fundo das coisas, através de todos os nossos sentidos. E isso porque...

Elogio do silêncio

- Diga, que estou a ouvi-la.

- E isso porque, e referindo-me ao meu campo de actividade artística, pintura é essencialmente silêncio. Porque ao fim e ao cabo é no silêncio que a pintura se materializa, se produz, irrompe - e só, mas só!, só no silêncio é que ela pode ser conquistada, absorvida, encontrada...

- Não só a pintura, claro...

- Evidentemente que não. Acho que em termos de criação (o que escreve, o que faz música, o que esculpe, etc.) estamos todos no mesmo barco. Na mesma onda. No mesmo silêncio... No mesmo campo magnético. Os formulários são diferentes, mas por detrás desses formulários, o que está subjacente a esses formulários, é esse silêncio criador em todos. Logo: uma semelhança, um entendimento, uma certa comunhão... Um entendimento profundo: os diferentes mundos da arte interligam-se - e é assim que sinto pintura num poema de António Ramos Rosa, e ele provavelmente um poema num quadro deste ou daquele pintor...

- Raquel, agora uma pergunta abjectamente concreta. Pode ser...?

- Mas claro que sim!

- Quais são, no campo da pintura, os motivos que a atraem...?

Coisas e coisas

- Eu não penso antes de pintar. Enquanto pinto, vagueio simplesmente... E é nesse vaguear que as coisas se encontram comigo e eu me encontro com elas. Daí nasce uma força enorme que leva as coisas para a superfície da tela...

- As coisas. Que coisas...?

E Raquel, as mãos distraídas por diversos catálogos:

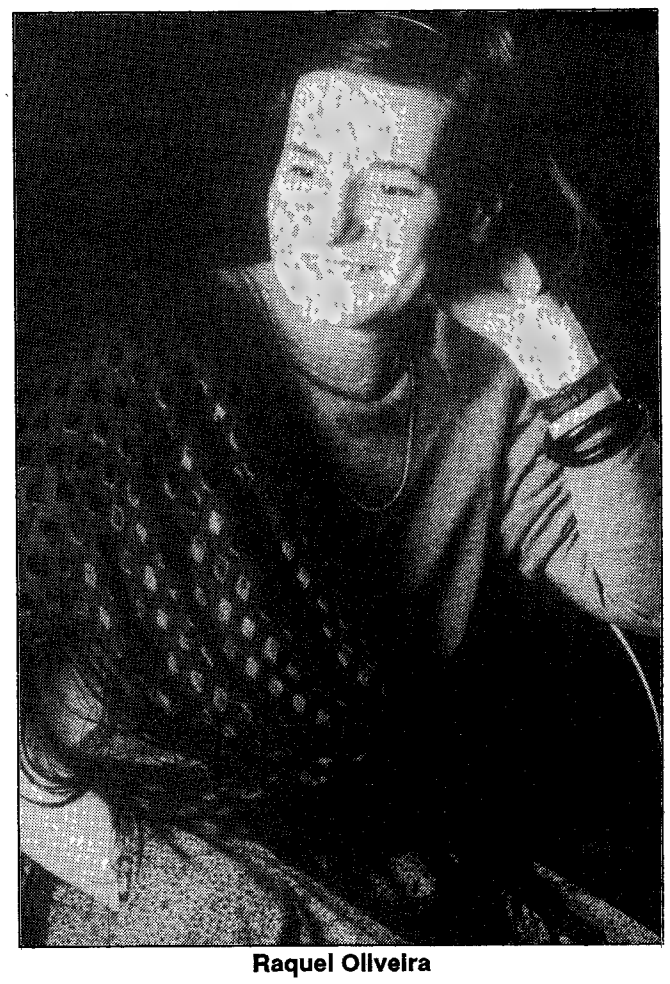
- Há mais coisas na criação do que as coisas visíveis. Afinal, o que é que é *visível*? Eu não visualizo o cheiro, mas ninguém o pode negar. Só por que os olhos não vêem, não podemos negar a existência de outras coisas. Nós temos outros sentidos para além dos sentidos que nos ensinam na escola primária.

- Sete cores são as cores existentes. Como concebe, Raquel, a oitava cor...?

- Quando estou com uma cor, é óbvio que não posso prescindir da luz. Ora quando a luz incide nessa cor... Bem, quando a luz incide nessa cor, eu imagino-a, eu vejo essa outra cor. E se a consigo materializar, então... Difícil, porque os meios físicos da minha arte nem sempre os consigo dominar a ponto de... Ou melhor: o homem, noutros campos do saber, ainda não conseguiu descobrir esses outros meios que suplantem os seus sentidos naturais. Logo: impossível materializar esse novo tipo de cor, esse novo tipo de luz... É por isso que o artista abandona a lógica, e se imiscui no ilógico, na estética - e utiliza inclusive novos materiais, outras técnicas, um fazer que não é o tradicional.

- Que novos materiais...?

- Em vez de os especificar, optarei por um conjunto de eventos que ilustram essa inquietação do artista quando em busca de um novo modo de dizer. Ora como...? São as luzes de *néon*, os vazios das esculturas em pedra, a utilização de tintas para sapatos, etc. É uma procura extremamente importante dentro do mundo físico. Objectivo: a concretização de uma outra linguagem a fim de que novas coisas sejam ditas. Repare-se que vem aí o terceiro milénio, exigindo novas letras, outra expressão do ser humano...



Raquel Oliveira

- O artista, por consequência, tem o dever de...

- Isso! Intuíu bem... O artista (pintor, escritor, cineasta, escultor...) tem de possuir uma linguagem, diferente da quotidiana, que leve outra pessoa a dizer «Eu gosto...», «Eu quero...», «Eu sinto...» O artista diz aos outros o que eles ainda não tinham descoberto, não tinham visto, não tinham pressentido... Numa palavra: o estádio de artista é um estádio não de superioridade, mas de maior desenvolvimento em relação ao comum das pessoas. É o que sai da norma, das regras, dos quadros estabelecidos...

Fantasmas...

- Nos catálogos que trouxe, Raquel, detecta-se, nas reproduções, a figura humana. Quase sempre a figura humana... Quer isto dizer que ainda não...

- A figura humana e a figura de animais. Não, não quer dizer que não tenha ultrapassado o homem e o animal, e não procure captar outras *realidades*. Acontece, no entanto, que homens e animais são fantasmas com uma força ainda demasiado poderosa, presentes até mais não, pelo que ainda os não consegui destruir. Ou então ainda não consegui apoderar-me deles na sua máxima totalidade. É uma ambivalência: destruo-os em certa medida por já os possuir (e então busco outras realidades) - e não os destruo (com eles me contentando) por ainda os não dominar de maneira ampla.

- Não se julga ímpar, pois não...?

- De jeito nenhum! Admito influências na minha pintura... Apesar de eu ser extremamente individualista (isto é, tenho noção de mim), sei que vivo num mundo em que tudo se toca. Há uma envolvência que a todos abraça... Influências mútuas são de admitir. Não, não... Não me considero um ser único! Aquilo que produzimos (nós, os artistas...) tem coincidências, encontra-se impregnado de uma expressão comum. Admito, pois, estar inserida em determinada corrente, escola, estilo... Tal é-me indiferente, pode crer!

- Por muito descalça que pinte...

- Oh, sim! Por muito descalça que eu esteja, as tintas na mão, admito que faço parte dos outros. Até um simples objecto me pode influenciar...

- Este cinzeiro, por exemplo...?

- Esse cinzeiro, sim. Se ele me apanha, me agarra, eu também o agarro. Ou então influencia-me o fumo do seu cigarro... Até o seu modo de falar... Enfim - o homem é um fantasma a que a minha pintura ainda não consegue escapar. O homem, a figura humana, a respiração, o gesto simples da sua mão...

- Raquel, não é que está a recitar...?

- Não, não! Estou só intimamente a pintar...

Pedro Alvim

VIDEO

Mulheres...

Sabe-se que, para a maioria dos filmes, as mulheres são peças fundamentais. Mesmo que se limitem a adornar uma película que, na verdade, não tem muito mais para oferecer.

Este é o caso de um filme abominável, significativamente intitulado «T-Shirts Molhadas». Foi editado pela Dopervídeo e pretende relatar a história (se é que história há) de um proprietário de bar que pretende melhorar o negócio com um concurso de t-shirts molhadas junto das jovens da cidade. Mas o que, na verdade, o espectador tem por diante é um subproduto que não tem coragem para ser pornográfico, que não tem nível para ser erótico e não sabe como fazer comédia. E tudo o que se consegue é o desprestígio da mulher, tratada como objecto acéfalo.

Isto não é felizmente o que sucede com os outros dois filmes do mais recente lançamento da Dopervídeo. «Terras do Fim do Mundo» é uma produção australiana, demasiado próxima da estética e do espiríto das séries televisivas exportadas por este país da Oceânia. Realizado em 1985, este filme procura aproveitar um pouco do megassucesso que foi «África Minha». Tal como a personagem de Karen Blixen, interpretada por Meryl Streep, a protagonista de «Terras do Fim do Mundo» é uma mulher de boas famílias, habituada às comodidades que a civilização podia proporcionar no século XIX.

O amor que nutre pelo homem com quem vai casar e a determinação que a caracteriza permitem-lhe, no entanto, superar as dificuldades e os obstáculos colocados pela vida num meio hostil. Neste meio próprio para homens de «barba rija», estes não aceitam que uma mulher resolva assumir papel tão determinante quanto o deles próprios. À imagem de Karen Blixen, ela baseia muita da sua força no ascendente que conquista junto dos nativos, através de um comportamento de que ainda se faz o elogio neste filme de 1985.

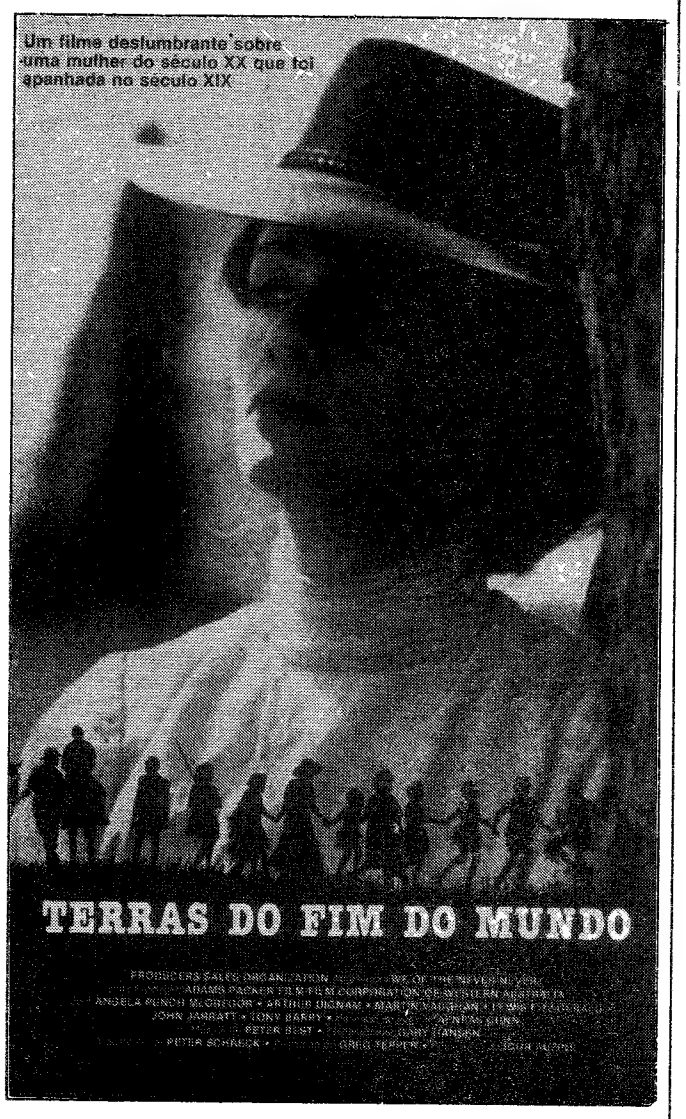
Mas a triste verdade é que tais mensagens de filiação retrógada vão passando em produtos de «pronto-a-comer», familiares aos espectadores da RTP.

Filme de um nível superior é «A Leitora». Mas também nem outra coisa seria de esperar de uma película realizada por Michel Deville e interpretada por Miou-Miou (ver coluna «Cinco Estrelas»).

Com efeito, esta popular actriz francesa encontra em «A Leitora» um papel perfeitamente à altura do que ela fizera com Tanner em «Jonas que terá 25 anos no ano 2000».

A não perder.

M. J. M.



CINCO ESTRELAS

Os filmes, os livros e os espelhos

Era uma vez uma rapariga de cabelo cortado à moda de Jean Seberg e com voz de sonho. Deitava-se na cama e lia alto, para que o namorado não cansasse os olhos. Lia-lhe histórias sobre uma rapariga de voz de sonho que arranjava emprego de leitora ao domicílio e que, em busca de livros que agradassem aos seus clientes, encontrava outras histórias sobre outras raparigas particularmente dadas à leitura. Como num jogo de espelhos que reflectem até ao infinito a imagem original. No caso, a de Miou-Miou, aparentemente alheia aos desejos que a sua voz desperta nos homens e à expectativa que cria nas mulheres sempre que espraia a voz por um poema de Baudelaire ou por um romance de Zola. Dir-se-ia a personificação da inocência, não no sentido puritano do substantivo mas de acordo com o que de mais livre e poético ele sugerir...

«A Leitora» é o mais recente filme de Michel Deville, o homem que, em pequeno, encontrou uns quantos centímetros de fita no meio da rua e o guardou no bolso, certo de que, com ele, guardava também o seu destino. E é também aquele que vai mais longe na exploração estética da imagem, da música e das formas. Vista sob este prisma, a cena que acompanha o genérico da película é desde logo genial. O namorado da leitora está deitado a ler, ela está provavelmente no duche e a música que se ouve é interpretada por uma voz feminina, de estranhas modulações. Uma voz que depois acompanhará a personagem (as personagens?) compostas por Miou-Miou durante as suas viagens pedestres entre as casas ricas, as casas pobres e os hospitais onde exerce a sua arte.

Mas as imagens elas próprias, mesmo quando despojadas da música, são reveladoras. Veja-se o plano em que a imagem do médico do jovem deficiente se reflecte numa mesa de vidro e os gestos dele, bem como os da leitora, passam a ser vistos aí. Um pouco como toda a intriga do filme, no meio da qual o espectador se perde, deliciado, sem saber ao certo onde acaba o reflexo e começa a realidade.

Maria João Martins

Cinema de Paris

Luas de Fellini e de Lelouche

«La Voce della Luna», ou seja «A Voz da Lua», mantido no original italiano por favor habitual concedido aos títulos de Fellini, é o último filme do afamado realizador, uma comédia dramática com inevitáveis recordações de infância, e uma humorosa crítica de sociedade de consumo, entre lunáticos - espécie de poema em vários cantos, que como tal o romance originário se chamava também. Depois de tanta obra de Fellini, as luas, suas ou nossas, não acrescentam grande coisa, numa impressão de já visto e repetido, por alusão - ou fadiga.

Apresentado fora de competição no Festival de Cannes, «La Voce della Luna», apelo do astro maligno aos mortais maníacos ou alienados que todos, mais ou menos, somos (sabdodo-o ou não) não tem estrutura narrativa, nem personagens construídas, nem psicologia, como naturalmente declara o autor. Um «cândido» atravessa assim a cena de uma pequena cidade, mundo miniaturizado com seus costumes e seus vícios, vítima dos outros, amoroso de uma diva loira que com a lua se confunde. Há um ministro, padres e autoridades estranhas, turistas japoneses, uma festa de massas alimentícias, e uma «miss» eleita em confusão, para reclame de um industrial gordo: de tudo um pouco, melhor ou pior...

Palavra final e moralizante, na grande cacofonia do mundo que se chama «Publicidade», lança-a Fellini em grandes letras também, e é «Silêncio» - em italiano, como em português também seria.

Ou será, quando o filme em Portugal for visto...

A esta lua italiana, outra francesa faz companhia nos ecrãs de Paris, último filme, também, de Claude Lelouche: «Il y a des Jours... et de Lunes».

Nele, os efeitos da Lua cheia no psíquico das pessoas são de outro modo danosos. Pedaços de vida, como sempre no cinema deste pequeno génio francês (pequeno génio como pequeno burguês), o filme, como sempre também, tem uma elaborada, ou alambicada, estrutura narrativa que se deixa adivinhar.

Fatalidades da Lua, em estilos diferentes, de algum barroco ou do pior classicismo, entre Roma e a província francesa, elas moveram dois filmes que o acaso juntou - sem vantagemn para qualquer das partes...

José Augusto França

RÉGIE COOPERATIVA - SINFONIA -

ORQUESTRA DO PORTO

Aula Magna

27 de Junho (4.ª feira) 21.30 horas

Maestro

Jan Latham-Koenig

Trio

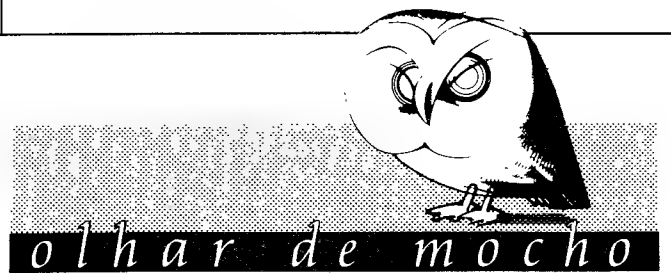
Golub/Kaplan/Carr

(Piano, Violino e Violoncelo)

R. Vaughan Williams — *Fantasia sobre um tema de Thomas Tallis*
L. v. Beethoven — *Concerto para Piano, Violino e Violoncelo em Dó Maior op. 56 (Triplo)*
L. v. Beethoven — *Sinfonia n.º 8 em Fá Maior, op. 93*

Para o Concerto de Lisboa
Bilhetes à venda na Secretaria de Estado da Cultura — Av. da República, 16, Agências de espectáculos. No dia do concerto estão à venda a partir das 14 horas no local do concerto

Preços: Doutorais-1500$00, 1.º Anf.-1000$00 e 2.º Anf.-750$00
Descontos de 60% p/jovens até 18 anos ou portadores de Cartão Jovem e p/todas as pessoas a partir dos 60 anos de idade nos lugares de 1.º e 2.º Anfiteatro. Os alunos das Escolas de Música terão direito a desconto de 80% também nos lugares de 1.º e 2.º Anfiteatro.



Os duros da CEE

Nos boletins informativos, a RTP avisou de véspera: na cimeira de Dublin, Portugal pertence ao grupo dos duros e irá ser um «duro» nas negociações dessa mesma Cimeira.

Já antes o público fora informado pelo Presidente da República que Portugal está na vanguarda das Nações que traçam os rumos do admirável mundo novo. Agora, para além de vanguardistas passámos a «duros». Ora como os principais problemas do encontro de Dublin dizem respeito a uma ajuda económica à URSS e à unificação alemã, o Zé Povinho ficará provavelmente a chuchar no dedo à espera que lhe expliquem qual irá ser a dureza lusitana tanto na primeira como na segunda questão. É certo que com o Abril de 74 incendiámos o rastilho que ao atingir o barril de pólvora fez estoirar o Muro de Berlim, e que os padrões que implantámos em Angola e Moçambique estão a ser plagiados nas novas relações a criar entre o Ocidente e o Leste europeu. Ainda não tínhamos reparado nisso, mas o final da guerra fria está a copiar os antagonismos de Angola e Moçambique. Tudo motivos para reacender a chama nacionalista, 50 anos depois de 1940, se a ressureição do nacionalismo não é ao terceiro dia, como mandam as escrituras, ela acontece, a prazo, ao meio século.

Acontece, porém, que nestes dias que precederam a Cimeira de hoje, um grande órgão de Imprensa escrita que nas regiões centrais da Europa tira um milhão de exemplares e tem cinco milhões de leitores, publicava em meia longa página, em relação à protecção da Natureza, o seguinte gráfico acompanhado de pertinentes comentários: no mundo Ocidental, Portugal ocupa o último lugar - sublinhe-se o *último* - no que respeita aos tratamentos dos esgotos domésticos. Apenas 13 por cento da população portuguesa é servida por esgotos tratados. A seguir vem a Espanha - 29 por cento, mais do dobro de Portugal. E depois, a subida é em flecha, com a Suécia no topo, país em que 100 por cento da população é servida por um sistema público de tratamento de esgotos. O comentário do articulista é pertinente: Portugal é o país mais porco do mundo ocidental, quase toda a porcaria (nestes documentos científicos não convém utilizar a palavrinha das cinco letras...) que é produzida pela população regressa sem tratamento à Natureza. Ou então, o que os portugueses por necessidades fisiológicas são obrigados a deixar em casa, vai ao encontro desses mesmos portugueses quando, se gozam dos prazeres da praia, pretendem passar férias nas proximidades do mar.

Como se vê, estamos mesmo na vanguarda e temos sobejas razões para nos considerarmos «duros». Este patriotismo nacionalista que nos estão a injectar seria relativamente inócuo, se ele não vivesse paredes meias com o «orgulhosamente sós». Qualquer dia, todos nos chamam os mais porcos da Europa e nós respondemos: «porcos, mas orgulhosamente sós».

José Sousa Monteiro

Teatro de animação no metropolitano começou ontem

Três actores fora do palco

A verdade é para ser dita: Lisboa tem uma rede metropolitana tão detestável que Catherine Deneuve facilmente torceria o seu narizinho de vedeta ante a possibilidade de nela filmar «O Último Metro». Mas, como também em matéria de transportes só para a morte é que não há remédio, o Metropolitano de Lisboa decidiu tornar um pouco menos cinzenta a passagem diária de vários milhares de pessoas pelos seus túneis e carruagens. Mesmo que não haja bem que sempre dure e mesmo que as boas intenções se limitem, neste caso, ao período das Festas da Cidade.

Para o conseguir, ou pelo menos para o tentar, o Metropolitano, contando com o apoio da Crianima, está nestes meses de Junho e Julho a pôr em cena programas de animação interpretados por dois grupos de jovens actores que, em pleno bulício do quotidiano, retratam algumas das figuras mais características da vida «alfacinha» e do Metro. As sessões iniciaram-se ontem, com breves *sketches* assinados por António Fontinha, Manuela Pedroso e Fernando Candeias, todos eles muito novos, mas já integrados em companhias profissionais.

Tal como referiram ao «DL», esta história ter-se-á iniciado quando a Crianima os convidou a apresentarem uma proposta de animação para os átrios do Metropolitano. O mesmo terá sucedido com a Companhia de Teatro do Tejo, que no dia 29 de Junho e 6 de Julho mostrará as suas habilidades teatrais nas estações do Rossio, Restauradores, Rotunda e Colégio Militar. Se esta Companhia desenvolve um espectáculo que evoca a gente mais castiça da rua lisboeta (as varinas, os cegos, os negros e os pelintras orgulhosos), os três jovens que ontem actuaram naquelas estações (repetindo os espectáculos até depois de amanhã), preferiram encarnar a fiscal, o empregado de manutenção e, como não podia deixar de ser, o carteirista, personagem que, refira-se, terá gerado algumas reacções menos agradáveis por parte de passageiros pouco prevenidos sobre o que se estava a passar.

Segundo referiram à nossa reportagem, é ainda muito possível que, no contexto destas sessões , venha a surgir uma quarta personagem que à partida pouco ou nada tem a ver com o Metropolitano enquanto meio de transporte e realidade social. D. Carlos, rei de Portugal, agradável aos três actores pela sua faceta de *bon vivant* e também pelo facto de Fernando Candeias já o conhecer de outros textos, acorda um belo dia e decide meter-se no Metro para encontrar o cemitério dos Prazeres. É, conforme se imagina, o cabo dos trabalhos.Ante a encenação, o utente do Metropolitano tende a surprender-se, questiona-se e sorri a tempo de se esgueirar, ainda que de estomâgo encolhido, para o interior de uma carruagem de lotação esgotada. Alguns chegam-se a incomodar quando o artista esboça um gesto de aproximação. São aqueles para quem isto de ver três actores fora do palco é coisa que, francamente, não passa pela cabeça de ninguém.

Maria João Martins

Barbara Hendricks

Maria João Pires

Barbara Hendricks e Maria João Pires, finalmente!

O tão esperado recital de Maria João Pires com a soprano Barbara Hendricks, adiado há um tempo por doença da cantora, vai mesmo realizar-se e já depois de amanhã, na Fundação Gulbenkian.

Os compositores escolhidos pelas duas grandes intérpretes dos clássicos são Mozart e Schubert, de «Das Velilchen K476» ou «Abendempfindung K523» do primeiro a alguns dos seiscentos *lieders* do segundo. O grande momento está marcado para as 18 e 30, no Grande Auditório...

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE BENILDE

Subsídio SEC

2.º mês

«...Imagina-se José Régio entusiasmado — ia ele lá perder este tão belo retrato da sua Benilde pela Alexandra Lencastre! —...» — Eugénia Vasques — «Expresso».

«Alexandra pontifica em encenação inteligente.» — Tito Lívio — «A Capital».

«O elenco é seguramente de grande nível, com Alexandra Lencastre numa belíssima figuração de Benilde». — M.ª Helena Serôdio — «O Jornal».

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTÍN, RUY FURTADO

Última semana só até dia 30.

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos **domingos** às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

teatro da Cornucópia

UM POETA AFINADO

Manuel de Figueiredo

últimas semanas — só até dia 8/7

«Deliciosamente provocatório»
«Expresso»

«Aquela maestria a que a Cornucópia nos habituou»
«Diário de Lisboa»

«Como, mais uma vez, a partir de um texto fraco, se pode pôr de pé um bom espectáculo»
«Público»

TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A — 1200 Lisboa
Telef.: 396 15 15/396 92 05

De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa **pontualmente**
Não é permitida a entrada na sala depois do início

MUNDIAL

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Faltam dois clientes para a esplanada

É um ver-se-te-avias: logo no 1.º comboio, embarcaram Áustria e Estados Unidos, despediram-se União Soviética e Escócia, disseram adeus Suécia e Emirados Árabes, apressaram-se a correr para a estação o Egipto e a Coreia do Sul.

A 2.ª composição ainda está na linha, mas já tem lugares ocupados: Colômbia e Costa Rica acompanham Brasil e Uruguai para além-Altântico, Holanda volta para o cultivo das túlipas, romenos tornam a embrenhar-se apenas nos problemas intestinos do seu país.

Em contrapartida, na esplanada do castelo, há quem viva entre sonhos e felicidades: Camarões deliciam-se com marisco, checoslovacos, argentinos e alemães-federais saboreiam a tenra carninha com um palmo de alto, irlandeses atestam a refeição com o seu «iris cofee», italianos (senhores de todos os cantos da casa) atiram-se ao «spaghetti» com o fino queijo de Parma, e, à porta de entrada, já pedindo passagem, Espanha e Jugoslávia, Inglaterra e Bélgica, com o chefe de mesa lamentando apenas poder dispor de duas cadeiras, *vocês vejam isso entre os quatro e digam-me a resposta até logo à noite. Sabem: a casa serve muito caro mas é pequenina. Não dá para toda a clientela que queira aqui estar...*

Por isso, quem está sentado não se levanta. Os mais recentes clientes vieram (mesmo) todos *empenados:* cansados, deitando bofes pela boca, pedindo (quase angustiosamente) um refresco com muita água e gelo. O irlandês mal podia com as pernas: duas horas a correr, de um lado para o outro, depois aquele sobressalto dos «penalties», defende, não defende, como vai ser isto? Deu para o certo, mas Charlton não ganhou para o susto: e embora, cá por fora, o seu ar polido aparentasse calma e fleuma, só os santinhos saberão o que ia lá por dentro do monumento. Quanto ao freguês italiano bem se pode dizer que entrou de braço dado com várias «ragazzas», tocando tarantela e todo aberto em sorrisos galhofeiros: no fim de contas, a loja pertence-lhe, convém não ser incorrecto para quem ali vai deixando o dinheiro mas, nem tanto ao mar, nem tanto à terra: depois de aviados, de se refastelarem um pouco para alívio dos esforços despendidos na caminhada, podem pedir a factura, pagar a despesa, enfiarem o recibo na carteira e, passem muito bem, até daqui a quatro aninhos, se não nos virmos antes, num europeu qualquer.

Uruguaios durinhos

Aqui para nós: fiquei com pena dos romenos. Moços atinadinhos, alguns excelentes executantes: Hagi, Lacatus, Lung, Mateut, Balint e Lupu tiveram todo o direito a morar na fugidia bolsa de valores e até alguns dos moços não perderam migalha de tempo: já se governaram com outros clubes, e, quanto a Bucareste, só um ou dois dias, o bastante para fazer as malas e virar costas às discussões e à barafunda nas ruas ou em gabinetes.

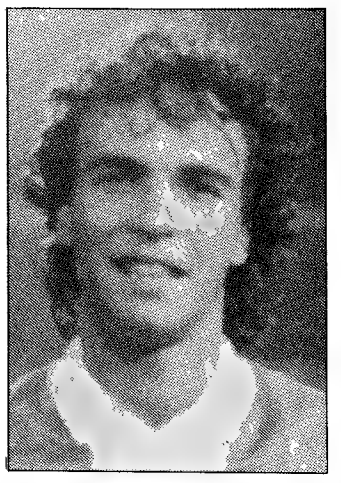
São durinhos os uruguaios, a história fala disso desde 1930, do seu 1.º título, viveu longos anos Henrique Fernandez, que era o médio centro dessa «squadra celeste» e uns tempos, bastante mais tarde, andou por cá como feliz treinador do Sporting, quase ao virar da década de 50, ainda por Alvalade era comum morarem campeões.

Pois, como ia dizendo, Ruben Sosa, Aguillera, Perdomo e Gutierrez, todos óptimos executantes com a redondinha, não se excusam de, quando a coisa está dando para o torto e o peixe foge pelas malhas, mostrarem o cartão-de-visita com arame farpado na beirinha da bota. Só que os italianos não viram a cara ao osso: e, como estão entre família, descarregam a fundo o potencial.

Logo, ficando paritários os esquadrões, teve de vir ao de cima a classe dos embuscadores, dos pisteiros, dos caçadores de feras. Uma vez mais, Totó Schillaci, endoideceu o pagode. Novamente ficou provado que Serena está ali, a postos para os mais altos voos. E, se fosse ainda necessário provar o mérito a qualquer incrédulo, ou mesmo para estarrecer um leigo, lá está Baggio, o 3.º mosqueteiro da «azurra» que, por acaso, tem quatro (Baresi), com um nadinha de boa-vontade, inclui outros excelentes espadachins do Quirinal: Zenga, Bergomi, Maldini, Giannini, De Agostini, todo esse naipe que é o ai-Jesus de Itália quando se entra no percurso que conduz à recta que mora entre flores, aplausos, beijos e fortunas.

Atacam-se hoje os dois únicos lugares disponíveis na refrescante esplanada que neutraliza esforços e emoções, prepara a arrancada até ao melhor ouro e a todos os diamantes. Dos fracos terá (ainda e forçosamente) que falar a história, toda a vasta clientela, dos já derrubados, que a estas horas faz e refaz equipas, apaga e reescreve contas do que se fez ou (melhor) do que deveria ter sido realizado. Mas a caravana mais opulenta só travou para um refresco à beira do caminho: o mapa manda seguir depois de pequena travagem para se contarem espingardas, recargar a pólvora, verificar as dobradiças da carruagem. A mina ainda fica para além do horizonte. A terra da promissão ainda vem longe.

Schillaci e Baggio: os novos reis



«Portugueses» nos jogos de hoje

A Jugoslávia, de Ivkovic, e a Bélgica, de Demol, tentam hoje a qualificação para os quartos de final do Mundial de futebol Itália-90, frente à Espanha e à Inglaterra, respectivamente, nos últimos dois jogos dos oitavos de final.

Tomislav Ivkovic, o guarda-redes jugoslavo do Sporting, e Stefan Demol, defesa do FC Porto a caminho do Toulouse (França), são os únicos «sobreviventes» do lote de «portugueses» escalados para o Campeonato do Mundo.

O seleccionador espanhol tem mostrado confiança na passagem aos quartos de final, afirmando que chegou a hora de a sua equipa «mostrar o que realmente vale», até porque os espanhóis «estão a gostar de estar no Mundial».

Suarez fez já questão em frisar, tal como o seleccionador jugoslavo Ivica Osim, que apenas divulgará a lista dos seus jogadores no último minuto, embora dando a entender que o «onze» não deverá ser muito diferente daquele que venceu e convenceu frente à Bélgica, com uma vitória por 2-1, colocando os espanhóis na frente do grupo E.

Suarez debate-se, no entnato, com um problema: alguns dos seus pupilos continuam longe do fulgor de outrora, entre eles o «capitão» Emilio Butragueño, ainda em «branco» nos três jogos que disputou.

A contrastar com a dúvida que paira sobre Butragueño está a certeza da utilização de Michel, um dos melhores marcadores da prova, com quatro tentos, que também por isso deverá ser alvo de redobradas atenções da defesa jugoslava e de Ivkovic.

Quanto a Osim, a principal preocupação parece prender-se com a recuperação da lesão no joelho do avançado Srecko Katanec, que está em dúvida para o encontro com os espanhóis.

Ingleses temem Scifo

Por entre receios, sempre justificados da violência dos «hooligans», Inglaterra e Bélgica defrontam-se à noite, numa partida que será apitada pelo árbitro dinamarquês Peter Mikkelsen.

A Inglaterra, que ainda não exibiu o futebol de outros tempos neste Mundial, apesar de ter obtido o primeiro lugar no complicado grupo F na fase preliminar, reúne maior dose de favoritismo, tanto mais que a Bélgica apenas logrou vencer por uma vez nas 17 partidas entre os dois países.

Particularmente temido pelo seleccionador inglês, Bobby Robson, parece ser o criativo médio Enzo Scifo. Robson chegou mesmo a afirmar que «a Bélgica possui jogadores tecnicamente dotados, mas Scifo é especial. Foi e continua a ser um excelente jogador».

Sem poder contar no meio-campo com o seu «capitão» habitual, Bryan Robson, que regressou a Inglaterra para eventualmente ser sujeito a intervenção cirúrgica devido a uma lesão no tendão de aquiles, a Inglaterra conta com o seu novo «herói», Pauld Gascoignel, e Steve MacMahon para vencer a batalha do meio-campo.

Gascoigne esteve em particular evidência no encontro diante do Egipto, frente ao qual os ingleses obtiveram a sua única vitória no Mundial Itália-90, por 1-0, resultado que lhes assegurou o primeiro posto no grupo F.

Guy Thys, o seleccionador belga, tem feito questão em avisar os seus jogadores das dificuldades que os esperam terça-feira, só ultrapassáveis com uma grande concentração do princípio ao fim.

A equipa do ex-«dragão», Stefan Demol, poderá, entretanto, contar com a presença do veterano Eric Gerets, que já cumpriu um castigo disciplinar. Leo Clijsters, Georges Grun e Bruno Versavel, três «pedras» importantes na acção da selecção belga, estão também recuperados de lesões.

OS JOGOS NA TV

HOJE

ESPANHA - JUGOSLÁVIA

RTP 1 16H00

INGLATERRA - BÉLGICA

RTP 2 20H00

Peter Shilton	1	Philippe Albert
Gary Stevens	2	Gilbert Bodart
Stuart Pearce	3	Jan Celeumans
Neil Webb	4	Nico Claesen
Des Walker	5	Lej Clyster
Terry Butcher	6	Marc Degryse
Bryan Robson	7	Stephane Demol
Chris Waddle	8	Jean de Sart
Peter Beardsley	9	Filip de Wilde
Garry Lineker	10	Michel de Wolf
John Barnes	11	Marc Emmers
Paul Parker	12	Eric Gerts
Chris Woods	13	Georges Grun
Mark Wright	14	Pascal Plovie
Tony Dorigo	15	Michel Preudhomme
Steve McMahon	16	Enzo Scifo
David Platt	17	Lorenzo Staelens
Steve Hodge	18	Fanky van der Elst
Paul Gascoigne	19	Marc van Derlinden
Trevor Steven	20	Bruno Versavel
Steve Bulu	21	Patrick Vervoort
David Seamon	22	Marc Wilmots

Quartos de final nos dias 30 de Junho (sábado) e 1 de Julho (domingo), com jogos às 16 e 20 horas. Dia 30 jogam Irlanda - Itália e Argentina - Espanha / Jugoslávia. No dia 31: Camarões - Inglaterra / Bélgica e Checoslováquia - RFA.

Irlanda, 5 - Roménia, 4 (em «penalties»)

Força e sorte no último fôlego

Ao parar a grande penalidade atirada pelo romeno Timofte, o guarda-redes irlandês, Pat Bonner, garantiu a passagem dos alunos de Jack Charlton para degrau inédito na história do país: quartos de final de um Campeonato Mundial de futebol sem qualquer derrrota, nos 16 jogos cumpridos nos últimos 19 meses, os irlandeses seguem em frente num torneio onde contam por empates os embates realizados e somente dois golos registados no período normal dos espectáculos. Tiveram felicidade no tempo extra do duelo com romenos mas aos jogadores de Leste resta a consolação de terem colocado em diversos emblemas de aquém-Europa os seus melhores valores: Hagi no Real Madrid, Blint no Crystal Palace, Savau no Bari, Lacatus na Juventus, fora outros nomes que estão conversando com o Génova (onde podem ser parceiros do jugoslavo Skuhuravy) ou a Sampdoria (onde já está o soviético Mihailichenco). A montra de valores rendeu bons cobres aos romenos.

Alegria irlandesa nas bancadas

Actuação inicial demasiado paternal do brasil;eiro José Wright, a certa altura virando subitamente para dureza nas mais leves apreciações. Carlos Valente foi o 4.º árbitro.

IRLANDA: Pat Bonner; Chris Morris, Steve Staaunton (David O'Leary, 93), Mick McCarthy e Kevin Moran; Paul McGrath, Ray Houghton, Andy Towwnsend e John Aldridge (Tony Cascarino, 22); Kevin Sheedy e Niall Quinn.

ROMÉNIA: Silviu Lung; Mircea Rednuic, Michael Klein, Ioan Andone e Gheorghe Popescu; Iosif Rotariu, Ioan Sabau (Daniel Timofte, 97), Gheorghe Hagi e Ionut Lupescu; Florin Raducioiu (Danut Lupu, 76) e Gavril Balint.

Com o resultado em 0-0 ao fim dos 90 minutos de jogo e da meia hora suplementar, foi necessário desempatar por «penalties». Marcadores: Hagi, Sheedy, Lupu, Houghton, Rotariu, Townsend, Lupescu, Cascarino e O'Lear. Falhou o romeno Timofte. Cartão amarelo para Aldridge, McGrath, Hagi e Lupu.

urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

Av. D. Nuno A. Pereira, 46, r/c Esq.
2800 ALMADA — PORTUGAL
☎ 274 45 57 — 274 42 56
Telex. 61004 TRIALM P • Fax. 274 36 53

VENDEMOS

LISBOA

AV. JOSÉ MALHOA, 2 lotes aprovados, área construção acima solo 24 300 m², área de construção das caves 15 300 m², para 510 viaturas, área de implant. 3060 m² o corpo mais alto tem 15 pisos para escritórios e 4 pisos para comércio. Possibilidade construção hotel 5 estrelas.

AV. BERNA, AV. REPÚBLICA, lote devoluto com 13,40 m de frente e 26 m de fundo.

BAIXA POMBALINA, Vários prédios de rendimento, c/ andares e lojas devolutas.

R. ROSA ARAÚJO (esquina c/ R. CASTILHO), lote c/ 450 m², 3 c/v estac. 2, c/v loja c/ 426 m², 1. c/v entrada e loja c/ 426 m², r/c loja c/ 426 m², 8 andares p/ escrit. c/ 3918 m² total. Área construção acima do solo 4350 m².

CAMPO GRANDE, lote c/ 464 m², 16×31 m, aprov. 2 c/v, r/c e 9 pisos, r/c T1 para port. e loja c/ 78 m². 1.ª e 2.ª c/v para 20 parq. e 9 T5. Habit. ou escrit.

Gaveto entre R. SALITRE, BARATA SALGUEIRO e RODRIGO DA FONSECA, lote aprov. c/ 900 m² área total de const. 7516 m², r/c e 1.ª c/v c/ 32 lojas, 4 c/v para 62 parq. Cada c/v c/ 692 m² e 6 pisos para escrito. c/ área de 587 m² cada. Bom preço.

ALMADA

Zona central (PP7). Lote c/ 16,5 m de frete e 12 m empena. Aprovado para 10 fogos + 2 lojas.

AV. BENTO GONÇALVES, andares c/ 2 e 3 ass. Crédito Jovem.

FEIJÓ, lote c/ 343 m², aprovado para moradia c/ infra-est.

JUNTO novo edifício CMA, r/c c/ 3 ass., e grande logradouro, viabilidade escrit. ou comércio.

Edifício do Trib. Trabalho, andar c/ 4 ass.

COVA DA PIEDADE, armazém c/ 200 m².

CORROIOS, Est. Nac. 10, urbaniz. aprov. 310 fogos.

C. CAPARICA – VIA RÁPIDA, terreno c/ 10 000 m², confrontando c/ via rápida, acessos c/ infra-est.

SOBREDA DE CAPARICA, 2 lotes destacados c/ 580 m² cada, c/ armazém implantado c/ 150 m², gaveto, acesso para indústria.

COVA DA PIEDADE, unidade industrial c/ 1000 m², pronta a laborar. Bons acessos e localização.

C. CAPARICA – QTA. S. ANTÓNIO, apart. c/ 2 grandes ass., hall, coz., desp. e garagem. Bom preço.

AROEIRA – PRAIAS DA CAPARICA, propriedade c/ 105 ha, viabilizado para empreendimento c/ fins turísticos e habitacionais. Grande oportunidade em zona altamente valorizada.

ALGARVE

VILAMOURA – ALDEIA DO GOLFE, 42 lotes p/ moradias no melhor local. Aprovado, c/ infra-est. e serviços.

PRAIA DO VAU – ROCHA – ALVOR, terreno c/ 57 000 m², frente p/ praia, viabilidade fins turist. e habit.

FERRAGUDO, junto à praia, terreno c/ 92 500 m², área a urbanizar 57 000 m² aprov. para 148 apart., centro comerc., piscinas, courts de ténis. Oportunidade única.

VÁRIOS

VERDIZELA, lote c/ 1050 m² urbanizado c/ infra-est.

CRUZ DE PAU – AMORA, moradia, central, r/c amplo c/ 400 m², 1.º e 2.º andares c/ 5 ass. cada.

FERREIRA DO ZÊZERE – LAGOA DE DORNES, quinta c/ 30 000 m², casa c/ 10 ass., adega, estábulos, pomar e vinha, água, electri. e telefone, junto estrada.

Itália, 2 - Uruguai, 0

Há novos reis no quirinal

Empolgada por uma plateia quase completamente adepta das cores transalpinas, a Itália fez um 1.º tempo de desgaste aos uruguaios para depois, com a entrada de Serena, partir a louça aos sul-americanos graças (especialmente) a outra bela actuação de Schillaci, aquele a quem já chamam de «novo Paolo Rossi». O sensacional Baggio foi aproveitado até mais não poder: mas, na altura da rendição, apenas a sua equipa mandava no terreno, tornando-se fácil o derrube de sul-americanos onde apenas Alvez, Gutierrez, Ruben Sosa e Perdomo remavam contra uma maré avassaladoramente dominada por Schillaci, Baresi, Bergomi, Maldini, Serena, De Napoli, Gianni e pelo clamor da multidão que sublinhava com tremenda ovação cada avançada italiana. Parece que Vialli e Carnevale estão com os dias contados: toda a Itália quer agora ver na sua 1.ª linha os novos meninos de ouro (Schillaci, Baggio e Aldo Serena). Os alcatruzes de uma nora chamada fama.

O golo de Serena

Magnifica direcção do inglês George Courtney.

ITÁLIA: Walter Zenga; Franco Baresi; Giuseppe Bergomi, Riccardo Gerri, Paolo Maldini; Nicola Berti (Aldo Serena, 52), Fernando de Napoli, Giuseppe Giannini e Luigi de Agostini; Roberto Baggio (Pietro Vierchowod, 78) e Salvatore Schillaci.

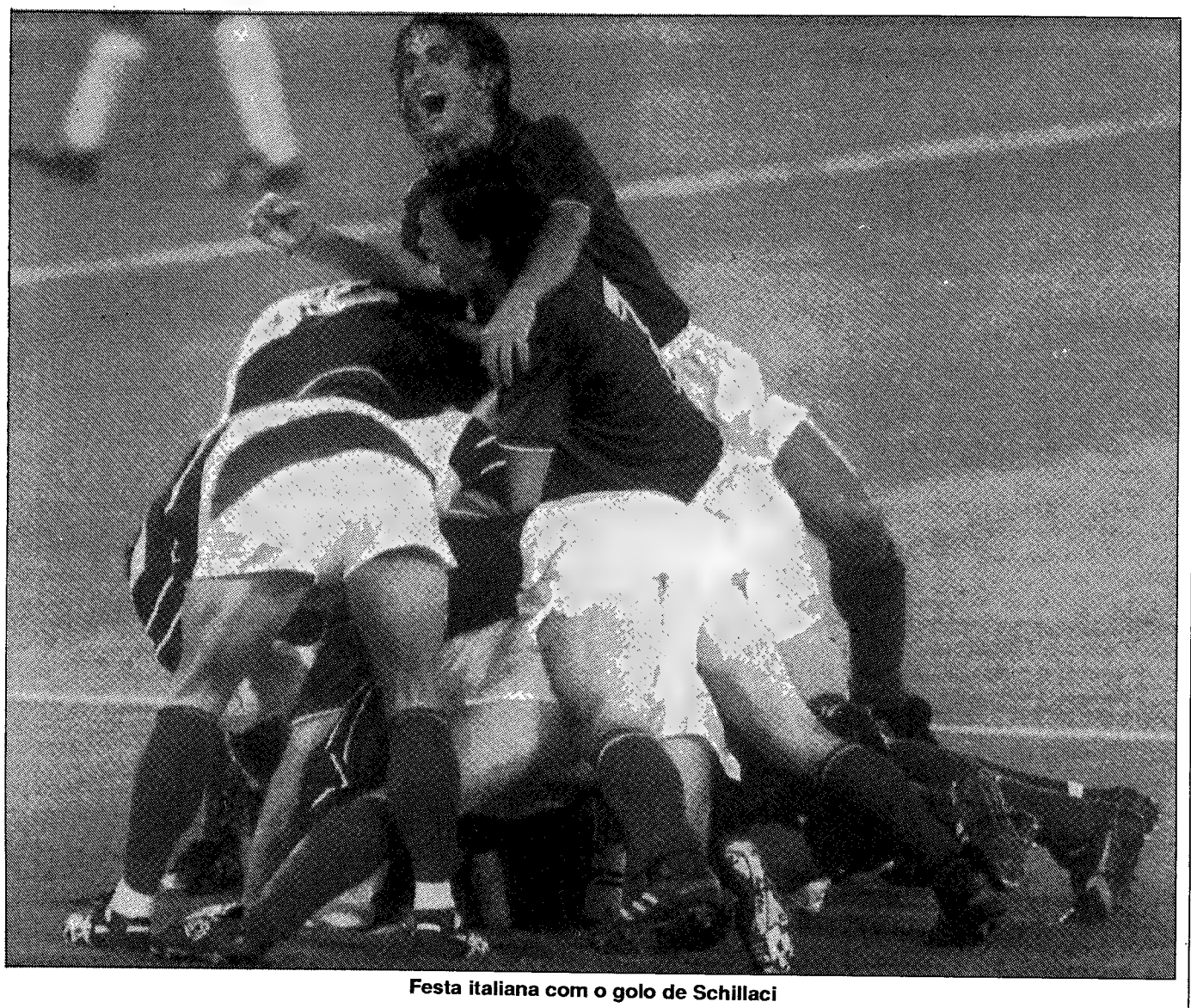
URUGUAI: Alvez; Herrera, Nelson Gutierrez, Hugo de Leon e Alfonso Dominguez; José Perdomo, Santiago Ostolaza (António Alzamendi, 79), Enzo Francescolli e Ruben Pereira; Carlos Aguillera, (Ruben Sosa, 55) e Daniel Fonseca.

Golos: Schillaci e Aldo Serena. Cartão amarelo para Aguillera Alvez, Perdomo, Berti e Gutierrez.

Schillaci entra no grupo dos melhores marcadores

Até à jornada de ontem foram marcados 95 golos (exceptuam-se os nove relativos às grandes penalidades do encontro Roménia - Irlanda) mantendo-se na liderança dos melhores «artilheiros» o checoslovaco Tomas Skuhravy con cinco tentos, seguindo-se o camaronês Roger Milla e o espanhol Michel com quatro. Com três remates certeiros estão os germânicos Matthaeus, Voeller e Klinsmann e o italiano Schillaci, com dois os seguintes: Michal Bilek (Checoslováquia), Marius Lacatus (Roménia), Gavril Balini (Roménia), António Careca (Brasil), Muller (Brasil), Davod Jozic (Jugoslávia), Darko Pancev (Jugoslávia) e Bernardo Redin (Colômbia).

Vem a seguir uma lista com 55 elementos autores de um remate com acerto.



Festa italiana com o golo de Schillaci

O Mundial de Futebol cativa a atenção de muita gente, mesmo dos que, normalmente, pouca importância ligam ao desporto-rei. «Fora de jogo» é uma secção onde, diariamente, damos a palavra a gentes das Artes, das Letras, do Espectáculo e da Política. São olhares diferentes sobre o espectáculo do momento

FORA DE JOGO

O Mundial pula e avança

Prometi que fazia o artigo e tenho que o fazer. Pediram-me, de modo bem gentil, que escrevesse um texto «a partir» do Itália-Uruguai. Não consegui despachar-me a tempo de ir ver o jogo a casa, apesar de ter prometido à minha mulher que desta vez estaria a horas para jantar.

Enquanto decorriam os belicosos 90 minutos, o mais que consegui foi ir espreitando para o ecrã do televisor ligado no meu gabinete... E ia espreitando enquanto tinha mais um «despacho» com um director-geral que, também mais uma vez, me exaltava as virtudes das entidades que solicitava subsídios, comparticipação, apoio ou como quiserem chamar ao que todos os dias me é solicitado à média de centenas de requerimentos por dia de trabalho.

Mas lá ia conseguindo ver alguma coisa, embora pouco. Chegou, todavia, para reter que a Itália ia jogando bem e o Uruguai ia «batendo» nas canelas dos italianos...

Não admira, é sempre assim: ninguém bate em quem joga mal, porque não incomoda, quem leva é quem joga bonito ou eficaz. Deu ainda para apreender o portento de querer e determinação daquele ponta-de-lança italiano que marcou o primeiro golo e que joga sempre de uma maneira que leva a crer que não pensa em mais nada na vida que não seja numa linda e fresca baliza...

Depois, fui para casa onde cheguei eram dez e meia da noite. Jantei, sentei-me no sofá, pedi à minha mulher para me trazer papel e caneta para escrever o artigo que viriam buscar às oito da manhã, mas já não vi chegar a «encomenda»... Adormeci profundamente e só acordei com a música do genérico do programa «Remate» (tal como acordamos a uma hora que metemos na cabeça quando, na véspera, nos deitámos). Vi então o resumo e tentei ouvir a explicação do locutor.

Dei comigo a pensar por que motivo «torcia» pela esquadra azul-escura e não pela esquadra azul-celeste e fiquei preocupado, tentando saber se seria já por causa da integração política europeia em discussão hoje em Dublin. Mas não, essa não, a razão tinha de ser outra. Ainda por cima estava aborrecido - estava mesmo, não é como aquelas declarações à chegada ao nosso aeroporto em que eles dizem que sempre quiseram visitar os tios-avós portugueses - pela eliminação do Brasil e não me apetecia apoiar mais ninguém.

Mas aí percebi o motivo. É que, já que Portugal não está lá, então o meu critério sentimental passou a ser o de apoiar quem mais feliz fique com a vitória. Já nos mostraram tantas desgraças por esse Mundo fora, que sabe bem ver um pouco de alegria.

E estando afastado o Brasil, que bate tudo e todos na importância que dá a estas coisas, então que não haja mais nenhum povo a sofrer muito por tal causa!...

Pedro Santana Lopes
Secretário de Estado da Cultura

E como toda a Itália deve todos os dias atirar bem de costas uma moedinha para a Fonte dei Trevi...

Quando um povo sonha o Mundial pula e avança como bola colorida nos pés de um ponta-de-lança.

PS - Ouviram o que disse o locutor do «Remate» durante o resumo? Primeiro falou em que «o golo tardava em não aparecer» (?...), o que levei à conta do sono, meu ou dele. Depois, numa judiciosa construção, sugerida pelo nome do jogador que entrou, deu um golo e marcou outro, Serena, de seu apelido, falou em «desestabilização serena»...

Eu, que ando à procura de um lema, ainda pensei em arrematar esse, com a devida autorização das entidades que velam pelos direitos de autor...

Mas não, na Cultura, não quero desestabilizar ninguém. São duas e um quarto da manhã e nem uma namorada italiana, de Milão, de seu nome Ellena, já lá vão uns bons anos, me fez escrever cartas a esta hora!...

Eusébio: «Lazaroni ainda não é bom treinador»

Eusébio, que se encontram em Itália integrando a comitiva lusa que ali se deslocou para «apresentar» o Mundial de juniores de 1991, tem (como habitualmente) sido assediado pelos jornalistas de todos os continentes para se pronunciar sobre a evolução do Mundial-90, tendo criticado, com alguma contundência, os processos de Sebastião Lazaroni que, na sua opinião, conduziram à eliminação do Brasil.

Eusébio considerou (em entrevista à agência EFE) que o seleccionador brasileiro transfigurou demasiado a equipa de um jogo para o outro, roubando-lhe coesão e continuidade no seu futebol. Ao insistir no modelo dos três defesas-centrais, Lazaroni deu a entender, sublinha Eusébio, que pode um dia vir a ser um bom treinador, o que não acontece agora.

Confessando a sua tristeza pela eliminação do Brasil «neste tão estranho Mundial», o «pantera negra» considerou que Gullit, Van Basten, Maradona e Butragueño já não foram as «estrelas» que se esperava ver confirmadas neste Mundial. Todavia, Eusébio apontou, mesmo assim, Diego Maradona como principal «culpado» da qualificação da Argentina.

Lazaroni não cede

Os futebolistas brasileiros continuam inconsoláveis pela sua eliminação nos oitavos de final do Itália-90, mas, apesar da derrota, o treinador Sebastião Lazaroni continuou a defender o seu sistema táctico.

«A derrota não significa o fim deste sistema de jogo. O principal problema foi a incapacidade da equipa para concretizar as oportunidades criadas. Nenhuma táctica é mais importante do que o talento dos jogadores e eu continuo a afirmar que os nossos deixaram de lado o seu melhor», afirmou Lazaroni.

O técnico brasileiro mostrou-se assim convicto de que tinha optado pelo melhor esquema táctico, o polémico sistema de 3-5-2 contestado ainda antes da derrota por 1-0 do «escrete canarinho» frente à Argentina nos oitavos de final do Mundial, domingo passado.

Um golpe de génio de Maradona, bem concluído por Claudio Canniggia, foi suficiente para a Argentina destruir o sonho brasileiro de conquistar o quarto título do Campeonato do Mundo e justificar o aviso de Pelé. «Se continuarmos a jogar desta maneira vamos perder com a próxima equipa de nível que defrontarmos», tinha prognosticado após a fase classificativa Edson Arantes do Nascimento, Pelé.

Na verdade, enquanto o Brasil falhou a finalização de lances sucessivos, a selecção argentina conseguiu, aos 81 minutos, concretizar a sua única oportunidade de golo da partida e garantir a passagem aos quartos de final.

Os jogadores «canarinhos» mostraram-se inconformados e o médio Alemão, por exemplo, referindo-se à «inesperada» eliminação da sua selecção afirmou: «Isto até parece uma anedota de humor negro.»

«Diego (Maradona) veio ao nosso balneário para me animar mas era impossível», lamentou ainda com as lágrimas nos olhos o brasileiro Careca, colega do capitão argentino do Nápoles. «Em 1986, no México, também fomos eliminados pela França, mas agora a derrota foi mais dura porque dominámos completamente os argentinos», acrescentou.

O antigo internacional brasileiro Zico, presente na selecção que disputou o Mundial do México, atribuiu a derrota de domingo à «falta de criatividade do meio-campo». «Careca está habituado a jogar com Maradona atrás dele e foi exactamente isso que lhe faltou agora», disse Zico.

Falcão apontado como sucessor

O antigo jogador brasileiro, Falcão, é dado como forte candidato à sucessão de Sebastião Lazaroni no comando técnico da selecção de futebol do seu país.

Os dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol só decidirão em definitivo sobre o nome do futuro seleccionador após o regresso da selecção brasileira na sequência da sua eliminação perante a Argentina nos oitavos de final do Itália-90.

Sebastião Larazoni havia anunciado antes do início do Itália-90 a sua intenção de se afastar após a conclusão do Mundial, sendo dado como certo no comando técnico da Fiorentina, clube da Primeira Divisão italiana.

Segundo a Imprensa do Rio de Janeiro, apenas existem duas possibilidades para a sucessão de Lazaroni: Falcão ou Carlos Alberto Parreira.

Parreira, que esteve à frente do «escrete» durante 14 jogos em 1983 e 1984, é actualmente o seleccionador dos Emirados Árabes Unidos, equipa que acabou em último lugar no Grupo «D» do Itália-90.

Falcão foi figura de destaque na selecção brasileira durante o Mundial de Espanha em 1982, tendo estado em Itália como comentador da TV Manchete, não possuindo qualquer experiência como treinador de futebol.

DIGEST

Deng Xiaoping é «cliente» da TV

O líder chinês Deng Xiaoping não perde uma transmissão em directo dos jogos do Mundial de futebol, mesmo que se prolongue pela madrugada, apesar da sua idade e sem deixar os assuntos de Estado.

O filho de Xiaoping, Deng Pufang, disse a um diplomata acreditado em Pequim, que ele e o pai são espectadores atentos aos jogos do Mundial de futebol de Itália-90, referindo que ambos discutem depois os principais lances dos encontros e as tácticas das equipas.

Apesar da selecção chinesa ter sido eliminada na fase de qualificação do Mundial, o torneio a decorrer na Itália tem uma audiência de milhões de espectadores na China, mesmo com a diferença horária entre os dois países.

«Hooligans» ingleses prosseguem na ribalta

«Hooligans» ingleses embriagados envolveram-se em confrontos físicos com adeptos transalpinos que comemoravam, num bar de Rimini, o apuramento da sua selecção para os quartos de final do Mundial de futebol Itália-90.

A Polícia local interveio energicamente, fazendo uso de bastões e lançando gás lacrimogéneo para suster os cerca de 60 adeptos ingleses que arremessavam copos, garrafas e cadeiras contra os italianos presentes no estabelecimento.

Segundo uma testemunha ocular, pelo menos seis adeptos ingleses ficaram feridos nos tumultos, com um deles a ser hospitalizado de ambulância, depois de ter ficado a sangrar da nuca.

A Polícia italiana estimou em cerca de quatro mil o número de adeptos ingleses instalados ao longo da costa adriática, que se preparam para apoiar a sua formação no jogo de hoje frente à Bélgica.

Abortos e enfartes

Duas mulhers abortaram e dez pessoas sofreram enfartes do miocárdio em Lima, devido à emoção que nelas provocou o último jogo Brasil-Argentina, para o Mundial de futebol Itália-90, e ao qual assistiram através da televisão.

Irlandeses comemoraram passagem aos quartos de final

«Sinto-me nas nuvens»

O primeiro-ministro irlandês, Charles Haughey, presente na cimeira da Comunidade Europeia, em Dublim, festejou de forma exuberante a vitória por grandes penalidades da Irlanda frente à Roménia nos oitavos de final do Mundial de futebol Itália-90.

Exultando a difícil vitória da República da Irlanda no átrio do Palácio de Dublim, onde decorre a cimeira, após ter assistido pela televisão ao encontro do Mundial, Haughey afirmou aos jornalistas «*sentir-se nas nuvens*».

Sorrindo de contentamento pela proeza da selecção irlandesa no Mundial, Haughey acrescentou: «*foi um dia bastante longo e estive sempre a rezar para que pudéssemos passar aos quartos de final, e já lá estamos.*»

O primeiro-ministro irlandês conseguiu acompanhar os desenvolvimentos do encontro de Génova, apesar das conversações com os seus colegas dos países comunitários.

Aliás, a «febre» da presença dos «verdes» no Mundial de Itália, a primeira vez no historial do futebol irlandês, parece ter-se estendido aos restantes representantes na cimeira. «*As conversações decorreram de forma normal. Mas, de facto, todos os chefes de Estado e de Governo estavam tão interessados como eu no desfecho do encontro*», *ironizou Haughey.*

A marcação das grandes penalidades foi também acompanhada pela primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher, tendo no final do jogo um porta-voz da «dama de ferro» afirmado: «a euforia reina. A primeira-ministra está muito satisfeita com a vitória da Irlanda.»

Curiosamente a vitoriosa participação da Irlanda no Mundial coincide com o termo da presidência irlandesa da Comunidade Europeia, sendo agora substituída na «chefia» da CEE pela Itália, cuja selecção é uma das grandes favoritas do Mundial.

Charles Haughey afirmou ainda que vai fazer todos os possíveis para estar presente no próximo encontro da sua selecção, afirmando ainda que a equipa precisa do apoio de todos os irlandeses.

FIFA e Coca-Cola prolongam acordo

Ontem, em Roma, a Federação Internacional de Futebol (representada por João Havelange) e a Coca-Cola (através de Donald Keough) renovaram contrato de patrocínio por por mais dez anos, o que significa que, até ao ano 2000, se manterá a ligação comercial entre aquela importante empresa multinacional e a FIFA, destinada essencialmente à promoção do futebol juvenil.

O montante do acordo não foi referido, mas poderemos adiantar de que será de vários milhões de dólares.

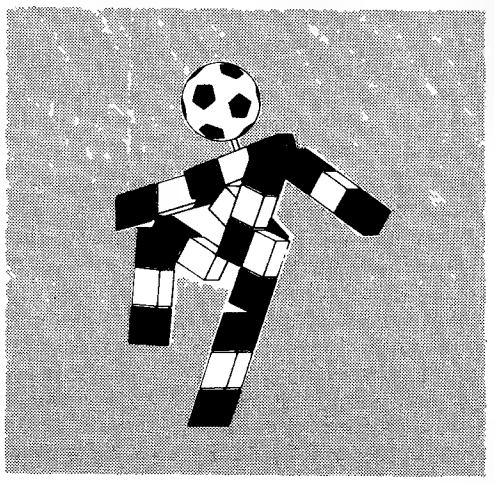
RFA-Holanda na modalidade da «tijolada»

As polícias da Holanda e da Alemanha Federal dispersaram centenas de adeptos de futebol dos dois países, que se envolveram à pancada na fronteira dos dois países, pouco depois de terminar o encontro do Mundial em que a Alemanha Federal venceu a Holanda por 2-1.

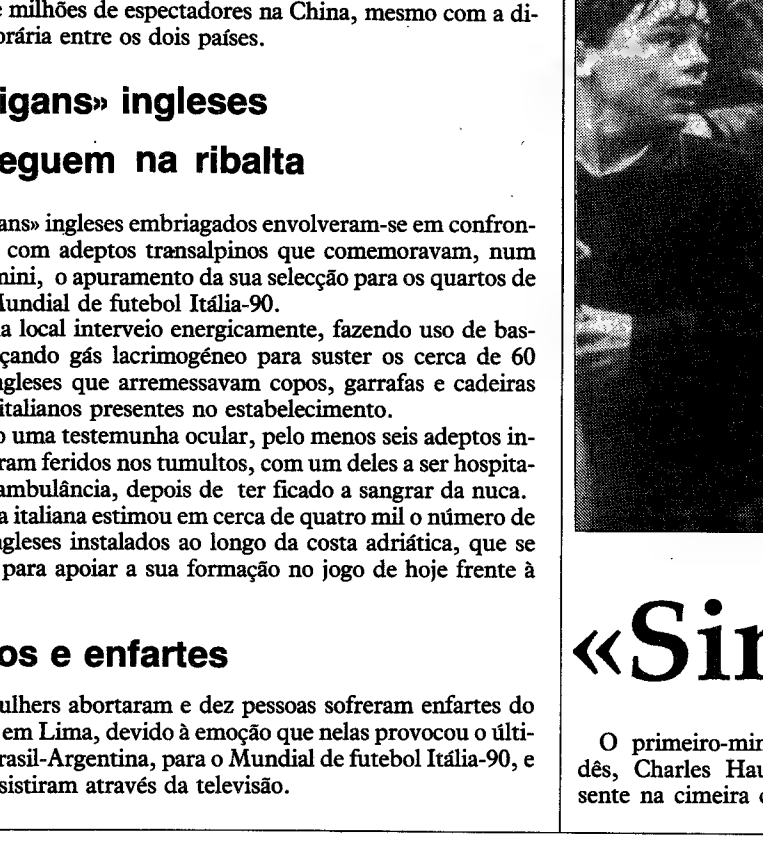
Centenas de adeptos dos dois países envolveram-se em pancadaria na rua central da cidade de Kerkrade, que serve de fronteira entre a Alemanha Federal e a Holanda e divide a cidade ao meio.

A «batalha campal» durou cerca de três horas, com os dois grupos a atirarem tijolos e garrafas de cerveja.

A Polícia de choque dos dois lados utilizou bastões para disperssar os adeptos, tendo sido detidos nove holandeses e um número indeterminado de alemães-federais. Pelo menos quatro pessoas ficaram feridas, e os prejuízos são avultados.



ESTA SEMANA, MAIS UM MEMBRO
DO CLUBE DOS MILIONÁRIOS DO TOTOLOTO
É EMIGRANTE NA SUÍÇA



NÃO LHE CONHECEMOS A CARA
MAS CONHECEMOS-LHE A FORTUNA
MAIS DE

186 000 000$00

totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

CINEVOZ

DESPORTO

Os atestados de incompetência, acusações, denúncias, suspeições e muitas dúvidas fazem apertar o cerco à direcção da Federação Portuguesa de Futebol

Mandato em queda picada

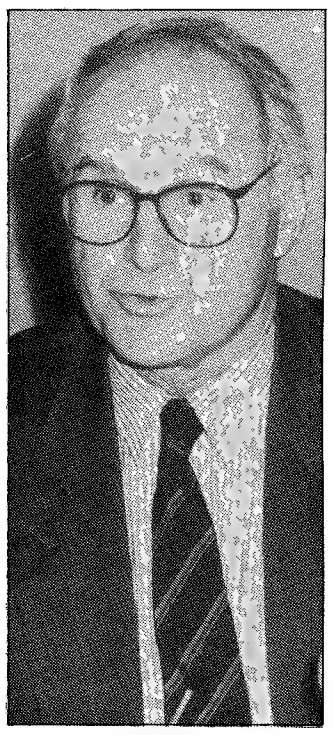
O cerco vai-se apertando em torno do condutor do executivo da Federação Portuguesa de Futebol, sendo previsível que a duração do tão ansiado mandato de João Rodrigues seja antecipado, relativamente ao prazo institucionalmente consagrado. Os atestados de incompetência vão surgindo, as acusações multiplicam-se, as denúncias avolumam-se, as suspeições crescem, as dúvidas adensam-se. A tudo isto cola-se a rara apetência do líder João Rodrigues, para atitudes de prepotência e o seu agrado em desprezar regras de sã convivência, nomeadamente com os jornalistas, aliás bem evidentes quando, na passada sexta-feira, ordenou que, os nossos companheiros destadados para recolher o resultado das decisões do Conselho de Justiça sobre o processo «Veiga-Famalicão» abandonassem as instalações da FPF forçando-os a esperar longas horas na rua, pouco lhe cuidando saber se chovia ou se o frio incomodava. Mais grave ainda: o dr. João Rodrigues escudou-se em atribuir tão bizarra atitude aos membros do Conselho de Justiça que depois teriam a dignidade de desmentir.

Um mandato que tem o negativismo como corolário e daí que importe moralizar os costumes e, como melhor solução, nada mais eficiente do que dar uma vassourada, limpar a casa, arejar os hábitos, para que tenhamos moralização nos gabinetes onde o futebol deverá ser prestigiado. Há que sacudir os prepotentes e afastar os incompetentes.

Em entrevista concedida ontem ao jornal «A Bola» o presidente da Associação de Futebol de Leiria (António Matias) aborda, com inquestionável vigor e singular clareza, alguns dos muitos atropelos cometidos pela direcção da FPF e promete que outros mais serão «despejados» na assembleia geral do próximo sábado. Vejamos alguns dos caso apontados por António Matias: o caso-César Grácio continua por esclarecer; o cargo de secretário-geral está por preencher; ninguém foi informado das razões porque foi despedida a secretária do presidente; o caso dos treinadores das selecções continua enigmático; despedimento de Nortom de Matos; viagens constantes protagonizadas, em conjunto, pelo presidente e presidente substituto, criando um vazio no executivo; «caso» de Toulon; relações Federação-Liga dos Clubes. Na verdade trata-se de um somatório que ilustra um alto grau de insuficiência e, como adianta o presidente da AF Leiria, *«às federações cumpre colocar travão a tanto desmando»*.

Não se ficam por aqui as acusações a João Rodrigues e seus pares. Elas surgem em cascata e esta vem de um dirigente nortenho: *«Há coisas que não podem acontecer. Coisas de certo modo graves e que retiram dignidade à Federação e a quem a dirige.»* Por tudo o que se vai constatando, as associações serão responsáveis pela manutenção de anarquia, da desordem, do descrédito e da desconfiança. E convirá recordar aos dirigentes «encartados» pelas associações para participarem na assembleia geral da FPF, de que mais não são do que mandatados pelos clubes, cumprindo-lhes assumir posições que defendam e prestigiem as instituições.

Alves Henriques



Fernando Pedrosa: «Existe em nós alguma insatisfação. Não sei se é desencanto ou descontentamento»

Futebol por cá

Aquisições e dispensas dominam as atenções

Futebolisticamente o epicentro das atenções situa-se lá para as bandas de Nápoles, Milão, Génova, Roma, Turim e Florença onde se vão registando as mais fortes emoções com muitas desilusões e agradáveis surpresas. Por cá temos os presidentes do Sporting e do FC Porto a serem chamados a prestar declarações perante responsáveis da UEFA por «obra e graça» do sr. Tapie que terá formulado denúncias sobre eventuais tentativas de corrupção. Nos relvados, a bola ainda vai saltitando para se apurarem os campeões das II e III Divisões e algumas categorias jovens.

O que mais agita o interesse dos adeptos, são as dispensas e aquisições. No *Benfica* está firme a vinda do brasileiro Isaías e do sueco Schwartz e quanto a saídas o destaque vai para Chalana, Álvaro e Diamantino (todos sem destino definido, mas com Álvaro e Diamantino muito desejados na Amadora); no *FC Porto*, estará hoje o búlgaro Kostadinov (avançado do CSKA com 23 anos de idade) a rubricar contrato, sendo provável que brevemente esteja nas Antas o seu colega Gueorguien (médio de 26 anos), Demol já abalou, Plácido retornou e Geraldão e Branco poderão continuar. Sobre Rui Águas ignora-se o seu destino ainda que os dirigentes do Benfica venham insistindo em afirmar que o jogador interessa mas que não haverá negociações com o clube das Antas.

No *Guimarães*, para colmatar a saída de Neno (que regressa à Luz) verificou-se o acerto com Jesus que voltará ao clube minhoto.

No *Sporting*, apenas são conhecidas as contratações de Rosário (Olivais e Moscavide) e do jovem boavisteiro Miguel Simão.

Outras notícias do nosso futebol: ontem, em Roma, os dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol acompanhados por Mirandela da Costa, Toni e Eusébio, apresentaram o Mundial de juniores que o nosso país irá organizar; o treinador Vaqueiro — que foi adjunto de João Alves no Leixões — mudou-se do Rio Ave para o Leça: Botelho (antigo guarda-redes do Sporting e do Benfica) será o futuro técnico do Marinhais; em jogo realizado à porta fechada (na Malveira), o Lourinhanense venceu o Musgueira por 1-0 conquistando o título distrital de Lisboa; o Estrela da Amadora pretende a contratação do jovem portista Domingos tendo já havido conversações com o jogador e com o presidente do FC Porto, mas consta-se que o Belenenses também está na corrida.

Trabalhadores do Calçado

PARTICIPA nas concentrações pelas 40 horas

A semana de 25 a 30 de Junho, é a SEMANA DE LUTA PELAS 40 HORAS, à qual vão aderir e participar centenas de milhar de trabalhadores a nível nacional.

NO SECTOR DO CALÇADO VAMOS COMBINAR AS NEGOCIAÇÕES DO CONTRATO COM A SEMANA DE LUTA PELAS 40 HORAS

O Sindicato do Calçado exorta todas as trabalhadoras e todos os trabalhadores a aderir e participar nesta SEMANA DE LUTA PELAS 40 HORAS, CONCENTRANDO-SE NAS CONCENTRAÇÕES CONVOCADAS PELO SINDICATO NAS PRINCIPAIS ZONAS INDUSTRIAIS, NOS BAIRROS E OUTROS LOCAIS.

AS CONCENTRAÇÕES DEVERÃO MOSTRAR A NOSSA FORÇA PARA AS NEGOCIAÇÕES DO CONTRATO COLECTIVO. PARTICIPA!

Nessas concentrações o Sindicato irá prestar todas as informações sobre o decorrer do Contrato Colectivo e também sobre a semana de luta pelas 40 horas.

A luta é de todas e de todos.

Semana de 40 horas no máximo

REDUÇÃO GERAL DO HORÁRIO DE TRABALHO

adere!

S. João da Madeira 21 de Junho de 1990
A Direcção
(assinatura ilegível)

NÃO GUARDE PARA AMANHÃ O QUE PODE PENSAR HOJE

Externato Flor do Campo

Contacte-nos
Para garantir vaga
no próximo ano lectivo

Temos:
- Transporte próprio
- Infantil – Primário
- Ciclo Preparatório e Secundário
- Parque infantil e campo de futebol
- Música – Natação
- Ginástica

Aberto todo o ano das 7 às 20h

Quinta da Carochia, Lt. 4 – B.º Bons Dias
Casal dos Apréstimos – 2675 ODIVELAS
☎ 932 74 22 – 931 54 63

I Série N.º 145
Dia 26 de Junho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças

Portaria n.º 471/90:
Fixa o índice 100 da escala remuneratória da carreira de técnicos de diagnóstico e terapêutica.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 206/90:
Altera o Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 442-A/88, de 30 de Novembro (5.ª alteração).

Ministério da Educação

Portaria n.º 472/90:
Autoriza a Universidade Técnica de Lisboa, através do Instituto Superior de Agronomia, a conferir o grau de mestre em Nutrição Vegetal, Fertilidade dos Solos e Fertilização e regula o respectivo curso especializado.

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério da Educação para o ano de 1989 no montante de 4 780 145 contos.

PESSOAS & FACTOS

Olivetti, Sanyo e Mitsui com novas instalações de facsimile

Foi recentemente inaugurada em Pozzuoli, perto de Nápoles, uma importante fábrica para a produção de telecopiadoras (fax). Esta fábrica resulta de um acordo entre a Olivetti, a Sanyo e a Mitsui e prevê uma produção anual de, aproximadamente, 200.000 aparelhos de fax por ano.

A nova empresa tem o nome de OSI (Olivetti Sanyo Industriale) e é comparticipada em 51 por cento pela Olivetti, 39 pela Sanyo e 10 pela Mitsui, tendo por objectivo o desenvolvimento, produção e venda de sistemas de facsimile. Pertence à Olivetti Office a empresa do Grupo que opera na área dos produtos para escritório.

Os investimentos planeados para a nova fábrica cifram-se, até agora, em mais de 40 biliões de liras e, uma vez completamente operacional, proporcionará trabalho para 330 pessoas.

A Olivetti Sanyo Industriale é um dos prjectos do 'Contrato di programa Olivetti', estipulado com o Governo italiano para o desenvolvimento industrial no sul da Itália.

Novo edifício-sede da Time Sharing

O novo edifício-sede da «Time Sharing», recentemente inaugurado, dispõe do primeiro auditório multimedia interactivo instalado em Portugal e na Península Ibérica, tendo em conta as suas modernas características tecnológicas.

Com uma capacidade para 44 pessoas, este novo auditório está equipado com um sistema de projecção diascópia (cinema 16 milímetros, rectroprojecção, diaprojecção e multivisão), com um sistema de projecção vídeo a três écrans e projecção via computador (com sistema 'barco') em todos os sistemas (PAL, SECAM e NTSC) e formatos vídeo mais utilisados e correntes no mercado.

As novas instalações da «Time Sharing», com os seus oito pisos na Rua Tenente Espanca, 34, em Lisboa, constituem o mais recente edifício inteligente inaugurado na capital, em que se investiu meio milhão de contos.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte
Céu muito nublado. Possibilidade de aguaceiros em Trás-os-Montes. Vento fraco soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral Oeste. Pequena descida das temperaturas máximas.

Regiões do Centro e Sul
Céu pouco nublado, podendo apresentar-se muito nublado durante a manhã no litoral. Vento fraco a moderado de Noroeste. Pequena subida da temperatura.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Regiões do Norte
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste no litoral oeste durante a tarde. Possibilidade de aguaceiros fracos.

Regiões do Centro e Sul
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado e com neblinas ou nevoeiros no litoral oeste durante a madrugada e manhã. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste no litoral oeste durante a tarde. Pequena descida de temperatura em todo o território.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste, sendo geralmente fraco no Funchal. Pequena descida de temperatura.

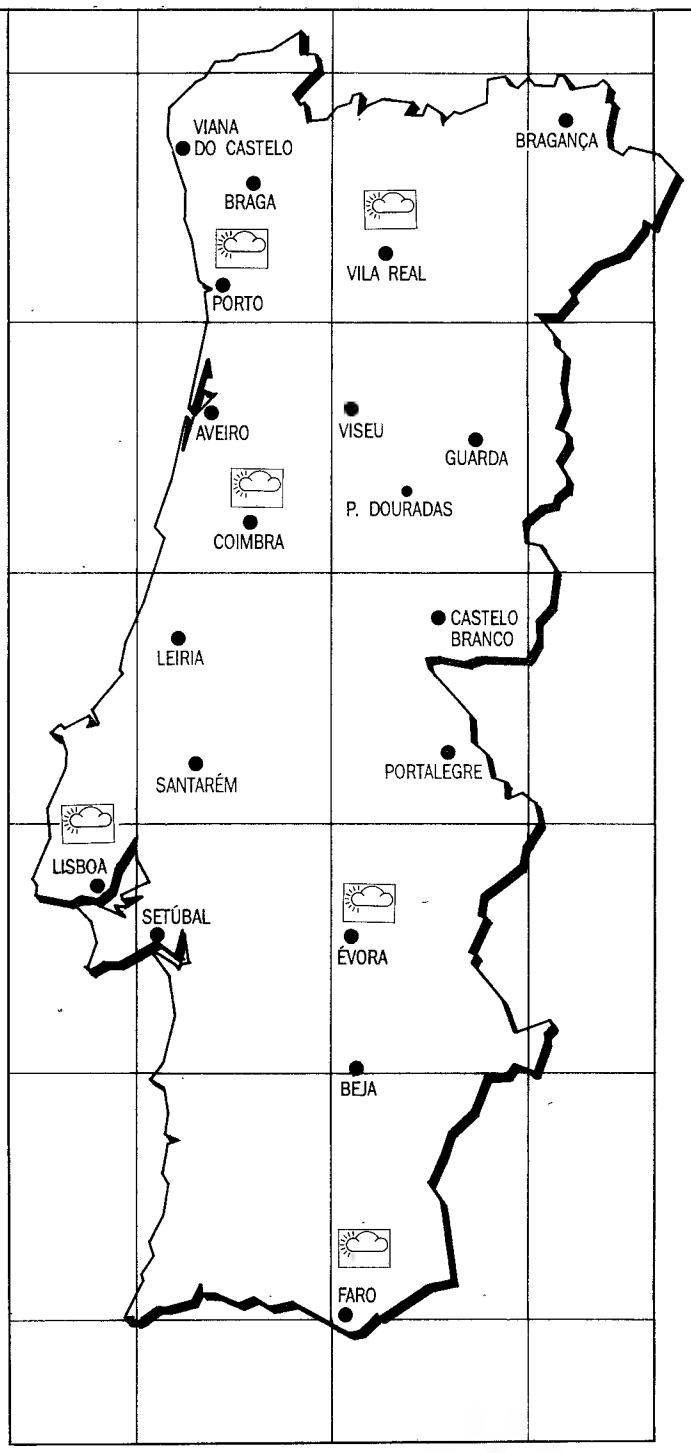
AÇORES

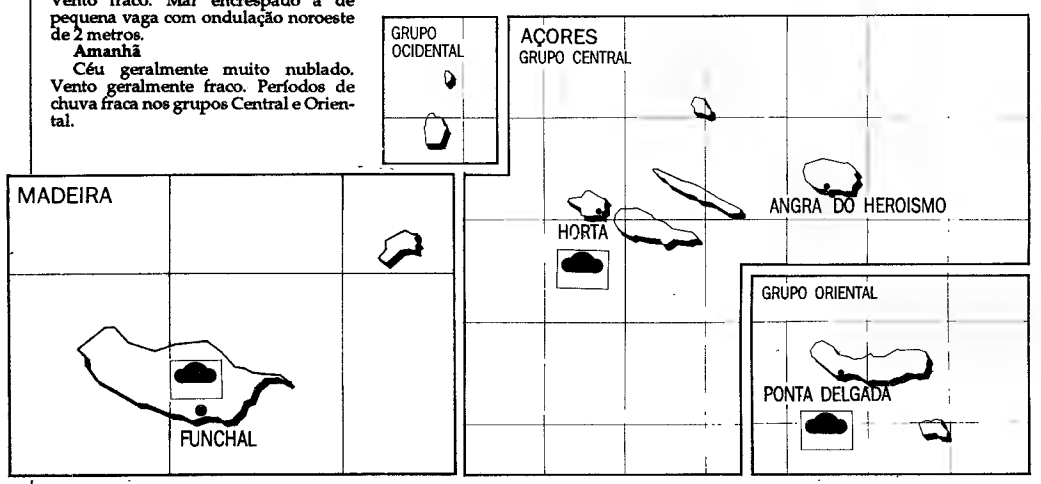
Grupo Ocidental
Céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sudoeste. Períodos de chuva fraca. A partir da tarde: - períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste. Aguaceiros fracos. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Grupo Central
Céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Sudoeste. Períodos de chuva fraca. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Grupo Oriental
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Amanhã
Céu geralmente muito nublado. Vento geralmente fraco. Períodos de chuva fraca nos grupos Central e Oriental.





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
06.36	3,5m	12.03	0,8m
18.52	3,8m	00.45	0,7m

Amanhã

07.21	3,3m	12.49	0,9m
19.37	3,6m	—	—

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	15	15	P. nub.
V. Castelo	16	17	Nevoeiro
Vila Real	16	16	Limpo
Porto	16	16	Nevoeiro
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	18	18	Nevoeiro
C. Carvoeiro	18	18	Encoberto
C. Branco	17	17	Neblina
Portalegre	18	19	Neblina
Lisboa	18	18	Neblina
Évora	15	15	Nevoeiro
Beja	16	16	Neblina
Faro	17	17	Neblina
Sagres	16	16	Nevoeiro
P. Delgada	14	14	P. nub.
Horta	19	19	M. nub.
Funchal	19	19	Encoberto
Sines	18	19	Encoberto

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 25; Porto, 23; Faro, 27; P. Delgada, 23; Funchal, 23.

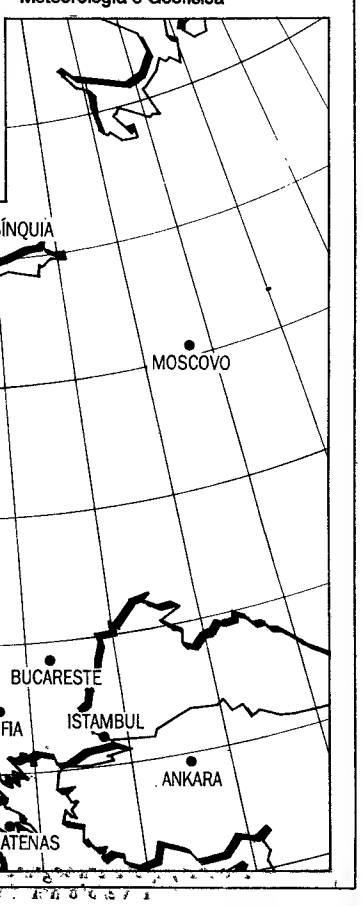
EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	17	20	P. nub.
Londres	16	16	Chuvisco
Paris	16	19	M. nub.
Bruxelas	14	19	P. nub.
Amesterdão	11	16	Neblina
Genebra	14	18	P. nub.
Roma	21	25	Limpo
Oslo	11	14	M. nub.
Copenhaga	10	17	M. nub.
Estocolmo	14	15	M. nub.
Berlim	17	18	M. nub.
Viena	15	18	M. nub.
Varsóvia	8	14	M. nub.
Atenas	25	27	P. nub.
Moscovo	14	19	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	20	31	Limpo
Houston	24	35	Limpo
Los Angeles	18	30	P. nub.
Montreal	16	26	Limpo
Nova Iorque	19	30	Quente
S. Francisco	12	19	P. nub.
Toronto	18	29	Trovoada
Vancover	12	20	M. nub.
Washington	21	31	M. nub.
Hong Kong	26	32	Aguaceiros
Melbourne	4	14	Aguaceiros
Pequim	21	32	Aguaceiros
Perth	6	19	Nublado
Singapura	26	32	Encoberto
Sydney	8	16	P. nub.
Tóquio	22	32	Encoberto
Wellington	7	13	Aguaceiros

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Bairro América: Costa Ferreira, Rua Fernão Magalhães, 33, Tel. 8149448; **Baixa:** Durão, Rua Garrett, 90, Tel. 3476185; **Campo de Ourique:** Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, Tel. 666206; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Estefânia:** Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5, Tel. 554808; **Estrela:** Martins, Calçada da Estrela, 165-167, Tel. 660823; **João XXI:** Onilda, Av. João XXI, 13-A, Tel. 886848; **Lumiar - Quinta das Mouras:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594179; **Marquês Pomal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21, B-C, Tel. 547385; **Olivais Norte:** Central Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C, Tel. 315539; **Palhavã:** Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 3469120; **Santo Amaro:** Correia Azevedo, Rua Luís Camões, 42-B, Tel. 363625; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Moscavide:** Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odivelas:** Catela Tavares, Rua Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Ajuda: Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170, Tel. 3637318; **Alvalade:** Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C, Tel. 897958; **Avenidas Novas:** Valle, Av. Visconde Valmor, 60-B, Tel. 773043; **Benfica - Igreja:** Marques, Estrada de Benfica, 648, Tel. 700096; **Campolide:** Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A, Tel. 680627; **Hosp. São José - Desterro:** Silmar, Rua São Lázaro, 128, Tel. 542829; **Infante Santo - Pampulha:** Infante Santo, Rua Olival, 290, Tel. 661003; **Palácio São Bento:** Micael, Rua São Bento, 380-382, Tel. 662162; **Penha de França:** Central da Penha, Rua da Penha de França, 58-60, Tel. 8149245; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Vale Formoso - Poço Bispo:** Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B, Tel. 8595180; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho - B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41, Tel. 280141. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Permanente; **Damaia:** Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Até às 22 h; Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz:** Azeredo, Av. Quit.ª Mirante, Lote 47, Tel. 435087. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 921403. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B, Tel. 2750242. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2244471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Moderna, R. D. Henriqueta G. Araújo, 12, Tel. 2073443. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

O pessoal dos CTT vai ter Sindicato

«Desde ontem que se encontra constituída uma Comissão Pró-Sindicato do pessoal dos Correios e Telecomunicações de Portugal» - disse-nos, esta manhã, o membro de uma comissão anterior que procedeu ao estudo daquela companhia agora tornada empresa pública.

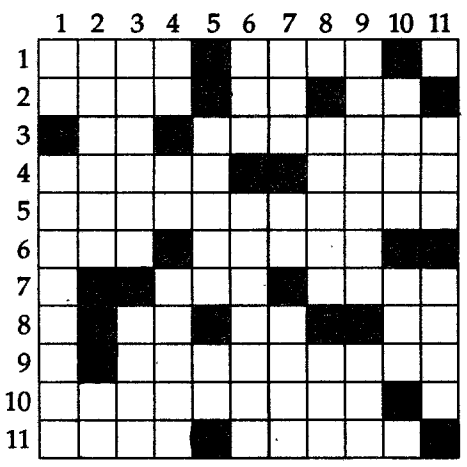
Os 25 anos da ONU

Espera-se que U Thant, o secretário-geral das Nações Unidas, declare hoje, em San Francisco, a estadistas mundiais que a organização se encontra numa encruzilhada de confiança.

Novo ataque do Vietnam do Norte

Um avião americano voltou ontem a atacar alvos militares no Vietnam do Norte, sendo este o segundo incidente do género nos últimos dois meses.

PALAVRAS CRUZADAS



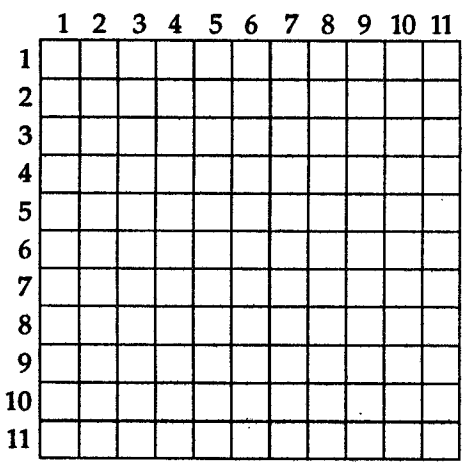
PROBLEMA N.º 17 946

HORIZONTAIS:

1 - Preposição. Aquele que. Tempo do berbo ser.
2 - Transpiras. Pátria de Abraão. Artigo definido (ant.).
3 - Antiga unidade monetária da Alemanha. Colheita e exame (ao microscópio) de tecidos, como processo de diagnóstico médico.
4 - Terreno inculto. Tosta.
5 - Suportarias.
6 - Calote. Pontão de areia em frente de Setúbal.
7 - Dá queda. Guarnecei de asas.
8 - Mulo. Em a. Preposição.
9 - Atacara.
10 - Perseguirias com apupos.
11 - O mesmo que urso (ant.). Gorgulhos tropicais.

VERTICAIS:

1 - Post scriptum. Nome de peixe.
2 - Madrugada. Post scriptum.
3 - Nome de dois reis de Aragão. Ruins.
4 - Arsénio (s.q.). Cobalto (s.q.). O mesmo que saliva.
5 - Chega! (Interj.). Apelido.
6 - Letra grega. Gorjeara.
7 - Boi selvagem. Preposição e artigo. Combino.
8 - Hilote. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
9 - Reformador social (fig.). Guarneço de asas.
10 - Plana. Prefixo que designa ar.
11 - Colina na Suécia. Magnetes naturais.



PROBLEMA N.º 16 756

HORIZONTAIS:

1 - Aqui. Enterra. Osmio (s.q.).
2 - Pomposos.
3 - Suspiros. Solitários. Sufixo que designa pequenez.
4 - Interjeição designativa de uma pancada, queda ou de um procedimento rápido. Basta! Reis.
5 - Tempo do verbo estar.
6 - Autor (fig.). Artigo definido (ant.). Nota musical.
7 - Esmoncar. Carta de jogar.
8 - Matizara.
9 - Venderias a crédito. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
10 - Arsénio (s.q.). Nome do deus-peixe a quem os Caldeus atribuíam o mérito de ter civilizado o seu país. Sádia.
11 - Sobem ao cume.

VERTICAIS:

1 - Cidade do Paraguai. Freguesia do concelho de Esposende.
2 - Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Cidade de Itália.
3 - Tostais.
4 - Crómio (s.q.). Naipe das cartas de jogar.
5 - Seguirias o rasto ou a pista de.
6 - Levas à sirga. Poeta e gramático grego autor de epigramas e de poemas místicos.
7 - Pronome pessoal. Pronome pessoal. Guarneço de asas.
8 - Arsénio (s.q.). Guardar segredo. Apelido.
9 - Interjeição brasileira. Pequeno símio do Brasil.
10 - Moluscos comestíveis. Campeão.
11 - Distingues.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 945

HORIZONTAIS: 1 - Pagarão. PÃO. 2 - Abar. Aira. 3 - Ofir. Pois. 4 - Terá. Si. 5 - Bié. DDT. CC. 6 - Imitai. Irão. 7 - Dor. Cartas. 8 - Hora. És. 9 - TSF. As. Por. 10 - Dar. Iriaram. 11 - Alemanha. Os.

VERTICAIS: 1 - PROIBIDO. Dã. 2 - Imortal. 3 - Gaiteiras. 4 - ABRE. Fim. 5 - Cã. Aca. Ra. 6 - Arcadia. Ain. 7 - O. Has. 8 - APETITE. Ra. 9 - Piu. Raspa. 10 - Ariscas. Omo. 11 - Oásico. Sr.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 755

HORIZONTAIS: 1 - Bermudas. Nu. 2 - At. Amaremos. 3 - Bame. Sara. 4 - Às. Io. 5 - Lot. Alivia. 6 - Oca. Casando. 7 - Narro. Ar. 8 - III. Resta. 9 - AAA. Domo. Sm. 10 - Man. Saio. 11 - Colar. Nós.

VERTICAIS: 1 - Babilónia. 2 - Eta. Ocaia. 3 - Mataria. 4 - Mães. Ma. 5 - Um. Acordar. 6 - Dalila. Eon. 7 - Ar. Ois. SM. 8 - Sés. Vastos. 9 - Ma. In. An. 10 - Nortada. Sio. 11 - Usa. Oramos.

PROVÉRBIO:
PÃO PROIBIDO, ABRE O APETITE

EFEMÉRIDES

1541

• Francisco Pizarro, explorador e conquistador espanhol, é assassinado em Lima, Peru, quando procurava o ouro dos incas.

1945

• A carta que estabelece a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), é assinada em São Francisco, Califórnia, EUA, por 50 nações.

1962

• Na sequência da invasão do Estado português da Índia, pelas forças indianas, em 17 e 18 de Dezembro de 1961, as autoridades portuguesas em Moçambique concedem um prazo de três meses para os cidadãos indianos, libertados dos campos de internamento, abandonarem aquela colónia portuguesa.

1973

• A Câmara dos Representantes dos EUA emite uma lei proibindo a concessão de fundos destinados a operações de bombardeamento no Camboja e no Laos.

1975

• Morre em Roma monsenhor José Maria escriva de Balaguer, fundador do Opus Dei.

1984

Alessandro Natta, 66 anos, é eleito sucessor de Enrico Berlinguer na chefia do Partido Comunista Italiano.

1985

• É inaugurado, no Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa, (construído há 25 anos), o Centro Cultural das Descobertas.

1989

• Confrontos entre a GNR e a população de Barqueiros (concelho de Barcelos), surgidos na sequência da exploração de caulino na zona, provocam um morto a tiro.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
CADILLAC COR DE ROSA
Filme de Buddy van Horn
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM HOMEM INOCENTE
Filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
UM HOMEM INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
MEU PAI
Filme de Gary David Goldberg
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 10
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Filme de Sergio Leone
M/6 anos - Às 15.30, e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
ESQUECIDA E GOSTOSA
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
8 MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
Filme de Steve Roth
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
SALTEADORES DA SELVA PERDIDA
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalowsky
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A CONDESSA DEVASSA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
NO LIMIAR DA GLÓRIA
Filme de Frank Borzage, às 18.30
THAT'S MY MAN
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
O DIA MAIS LONGO
M/12 anos - Às 14.00, 17.00 e 21.15

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2

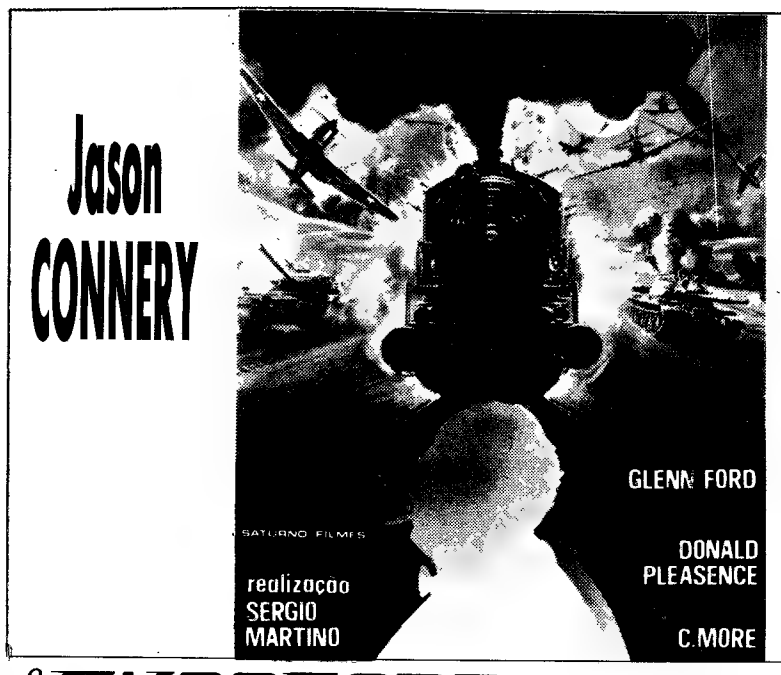
TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
O CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45



O EXPRESSO DE CASABLANCA

Já em exibição nos cinemas S. Jorge - Fonte Nova - Estúdio A.C. Santos

KING TRIPLEX 3
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAVA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
UM NINJA AMERICANO 3
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXO E ROCK AND ROLL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
O DIA MAIS LONGO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
QUEM AMA QUEM?
Filme de Kenneth Bowser
M/16 anos - Às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
TANGO & CASH
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O BEIJO DA MULHER ARANHA
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE
Telef. 2752127
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
ROMERO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
PARA IRIS COM AMOR
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
INIMIGAS E AMANTES - UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
STAR TRECK V - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
ARMADILHA SENTIMENTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
UM NINJA AMERICANO 3
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Larg. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

CHAPITÔ
R. da Costa do Castelo, 7
T. 878225
Sexta e Sáb. às 21.30
KLÁSSIKUS KABARET
De Fernando Gomes
Em cena até ao final do mês

COMUNA
P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams

IBÉRICO
R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sext. às 21.30
Sáb. às 17.00 e 21.30
O FIM
De António Patrício
Em cena até ao final do mês

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS
Av. Luís Bivar, 91 - T. 544389
Sexta, Segunda e Terça às 21.30
CARMEN EM TRAGICOMÉDIA NO LUNA PARQUE
De João Silva. Pelo Grupo de Teatro do Hospital Júlio de Matos

MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, 52
T. 897017
De 6º a Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner
Em cena até dia 1 de Julho

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO
De Bernard- Marie Koltés

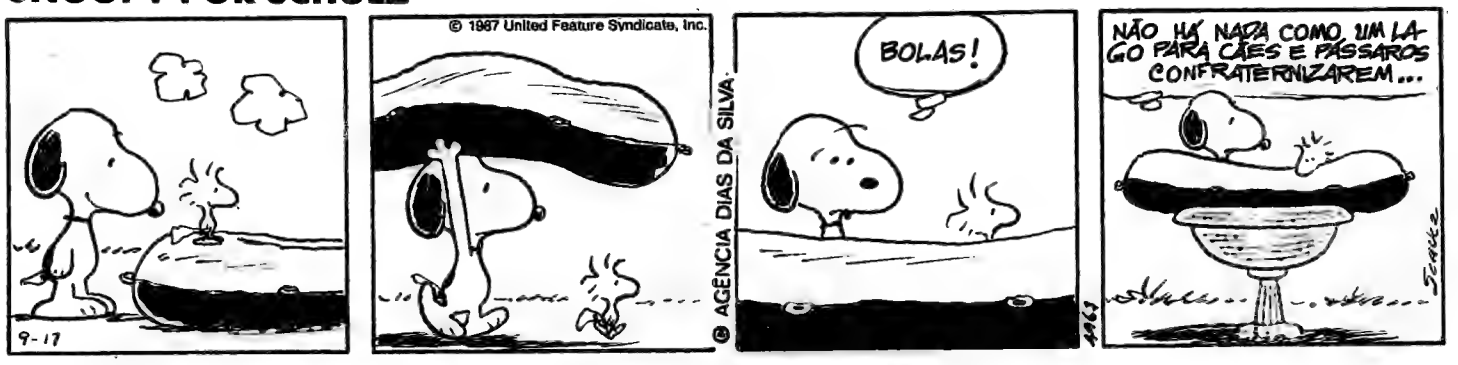
TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
T. 3961515
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
UM POETA AFINADO
De Manoel de Figueiredo

TEATRO DA GRAÇA
Trav. de S. Vicente, 11
T. 875626
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. às 16.00
CENAS DA VIDA DE BENILDE
Uma adaptação de Jorge Listopad da peça de José Régio «Benilde ou a Virgem-Mãe»
Em cena até dia 30

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Rossio - T. 322210
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
A TERCEIRA MARGEM DO RIO
A partir do conto homónimo de João Guimarães,
pelo Grupo de Teatro «O Bando»
Em cena até ao final do mês

VARIEDADES
Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.50- MATINÉE
«Fim-de-semana no ascensor». Um filme de Louis Malle (França, 1957), com Maurice Ronet, Jeanne Moreau e Lino Ventura.
17.50 - BRINCA BRINCANDO
18.20 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
36º episódio
18.45 - JOGO DE CARTAS
19.15 - TELEJORNAL
19.45 - DIREITO DE ANTENA: CGTP-IN
19.50 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Inglaterra-Bélgica
21.50 - BOLETIM PARA A AGRICULTURA
21.55 - RODA DE FOGO
2º episódio
23.00 - CRÓNICA DO CRIME
Incapaz de confinar a sua sede de poder ao hemisfério norte do continente, Ray Luca decide montar uma operação de envergadura num país da América Latina. Mike Torello e os seus homens seguem-lhe os passos , mas quando chega a altura de utilizar a ordem de extradição, a existência de um polícia corrupto no seio das forças da ordem latino-americanas deixa uma vez mais os agentes da lei americanos de mãos a abanar.
23.55 - BOLSA
00.05 - 24 HORAS
00.35 - REMATE

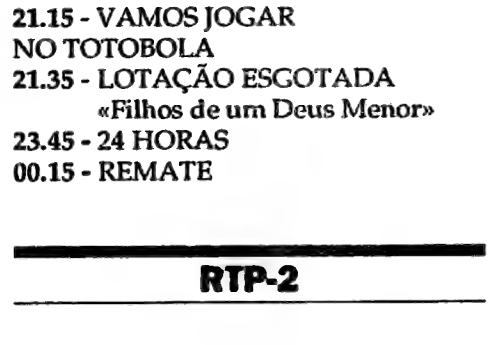
RTP-2

15.45 - MUNDIAL DE FUTEBOL
Espanha-Jugoslávia
18.00 - BEANY E CECIL
18.20- TELEMERCADO

Amanhã às 13.30 (RTP 1), o 15 º episódio da série «Clínica Geral»

No 1º Canal às 22 horas, o 2º episódio de «Roda de Fogo»

18.35- O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
134º episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Kung Fu», 6º episódio.
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
«Chuvas de Verão», um filme de Carlos Diegues (Brasil, 1977), com Jofre Soares, Miriam Pires, Rodolfo Arena, Cristina Aché, etc. Carlos Diegues, antigo crítico de cinema brasileiro, passou à realização em 1963 e tem até hoje assinado uma série de obras importantes, ao mesmo tempo que se tornava num dos elementos mais destacados do chamado cinema novo brasileiro. Em 1969 assina o seu primeiro grande filme, «Os Herdeiros», e no mesmo ano de «Chuvas de Verão» uma das obras mais bem sucedidas da sua carreira, Xica da Silva.
23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - CLÍNICA GERAL
14.20 - LUGAR À NATUREZA
14.45 - PONTO POR PONTO
16.00 - MATINÉE
«O rato que ruge»
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
21.15 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Filhos de um Deus Menor»
23.45 - 24 HORAS
00.15 - REMATE

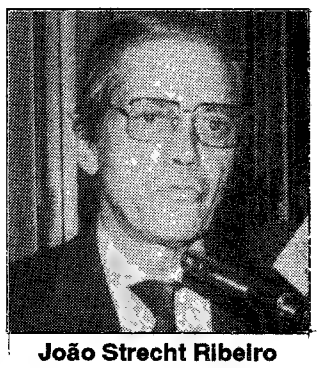
RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.45 - FILHOS E FILHAS
15.10 - AGORA, ESCOLHA!
16.35 - O LICEU DEGRASSI
17.00 - O MENINO DOUTOR
17.30 - OS TRÊS PASTORINHOS
18.05 - TELEMERCADO
18.20 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - VIA RÁPIDA
20.00 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - LENINE... O COMBOIO
22.25 - DE GAULLE
23.15 - ROBBIE ROBERTSON

«Não enxergo como conseguirão alguns continuar federalistas em Estrasburgo e miguelistas em Portugal»

José Medeiros Ferreira, «Diário de Notícias», 25.06.90

A PERGUNTA DO DIA



João Strecht Ribeiro
Director-Geral do Turismo

O que é que a Direcção-Geral do Turismo tenciona fazer para que seja cumprida a lei sobre capacidade de restaurantes, evitando que estes se transformem em cantinas?

«O Decreto-Lei nº 328/86 de Setembro e o Decreto-Regulamentar nº8/89 de 21 de maio são os diplomas fundamentais que regem a actividade dos designados estebelecimentos similares de hotelaria (restaurantes, estabelecimentos de bebidas e salas de dança), desde a fase de licensiamento (passando pelos competentes processos de classificação) até à fiscalização das respectivas actividades. Aquela legislação procedeu à revisão dos diplomas legais que vigoravam desde a década de 60 e procurou ter em conta também os aspectos mais relevantes das alterações verificadas na estrutura administrativa do País, nomeadamente a criação das regiões autónomas e a autonomia das autarquias locais. Tais diplomas procuraram por isso dar resposta a uma nova realidade: a descentralização dos poderes que tradicionalmente eram exercidos pelos departamentos centrais da administração pública. Assim, os estabelecimentos similares em Portugal estão presentemente sujeitos à competência das respectivas câmaras municipais, quer em termos de licenciamentos quer no que diz respeito à sua fiscalização, no âmbito do quadro legal acima identificado.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

Cerveja entra na Bolsa

Cartoon de Pedro Palma

«Voz Activa»: um jornal escolar com peso em Benfica

ENTREVISTA

Alberto Arons de Carvalho, deputado do PS, está bastante pessimista relativamente à privatização da televisão. Em seu entender, o Executivo prefere receber críticas mas dominar a informação

«Governo não respeita liberdade da comunicação social»

D.L. - Em 1976 afirmava que uma das coisas que temia era que o PS se transformasse numa máquina eleitoral. Acha que isso aconteceu?

A.C. - Acho que não. Os partidos hoje são diferentes, têm muito mais a ver com a necessidade de chegar ao poder e daí formularem as suas políticas e ter ocasião para governar aplicando os seus programas. Penso que esse perigo está ultrapassado porque o PS tem uma implantação na sociedade civil muito maior do que tinha há uns anos.

D.L. - Na mesma altura, falando como dirigente da JS, considerou que os problemas que mais afectavam a juventude eram o desemprego, o serviço militar, a avaliação dos conhecimentos escolares. Hoje, esses problemas mantêm-se. Será que a sociedade não evoluiu nada?

A.C. - A sociedade evoluiu muito e a mentalidade dos jovens também, o problema da sua integração na sociedade é que se mantém com grande aquidade, tal como acontecia em 76.

D.L. - Foi um dos obreiros da Lei de Imprensa. Qual a sua opinião sobre a sua aplicação actual?

A.C. - A aplicação penso que a respeita. O problema é que alguns dos direitos que estavam na Lei de Imprensa têm vindo a ser retirados. Em 1975 tratava-se de uma lei muito liberal. No entanto, toda a legislação posterior tem vindo, lentamente, a revogá-la. Os direitos dos conselhos de redação são hoje mais pequenos, o acesso às fontes de informação continua a ser dificultado, o sigilo profissional já não é absoluto. Em contrapartida, os jornalistas são hoje mais profissionais do que comissários políticos, contrariamente ao que acontecia em 1976.

Apesar de tudo, os valores fundamentais da Lei de Imprensa permanecem, o que é importante.

D.L. - O que pensa do projecto de entregar o exclusivo da capatação de imagens da Assembleia da República a uma empresa privada, impedindo que a RTP o faça?

A.C. - Discordo desse projecto. É uma violação da Lei de Imprensa no seu sentido lato, pois impede os jornalistas da televisão de fazerem um trabalho jornalístico. Concordo com a captação de imagens por uma empresa, mas acho que a televisão deve ser livre de filmar o que quiser, desde o discurso de um político, até ao deputado que está a dormir.

D.L. - Como é que vão as rádios locais?

A.C. - Vão com muitas dificuldades, provenientes da incompreensão que este Governo tem tido perante a importância do seu papel. Enquanto as rádios locais forem deixadas às puras regras de mercado, e não for reconhecido o seu papel relevante nos meios em que se integram, sendo-lhes dado o correspondente auxílio estatal, as rádios locais limitar-se-ão a ser gira-discos com publicidade. Se forem auxiliadas poderão ter um papel importante nas localidades onde se inserem.

D.L. - A Associação Portuguesa de Radiodifusão pretende colmatar estas dificuldades das rádios locais?

A.C. - Sim, tem-se transformado numa associação de defesa dos interesses e dos direitos das rádios locais, com um papel tanto mais importante quanto menor for a compreensão do Governo perante elas.

D.L. - No entanto, também pode agir como um instrumento político do PS...

A.C. - A APR engloba um conjunto vastíssimo de rádios, muitas das quais totalmente independentes, e onde se integram pessoas de todos os quadrantes políticos.

Não conheço rádios locais, com muito poucas excepções, que possam dar-se ao luxo de serem partidárias. Isso seria a sua morte completa.

D.L. - Face ao que aconteceu agora com a atribuição das frequências radiofónicas regionais, quais são as suas perspectivas relativamente à privatização da televisão?

A.C. - São negras. Através deste processo constatei que o Governo prefere sofrer críticas frontais durante dois ou três meses e ter os prejuízos decorrentes disso, do que atribuir licenças a órgãos de comunicação social que não se subordinem aos seus ditames políticos. No caso das frequências regionais, o Governo prefere receber muitas críticas mas controlar as rádios, do que ser elogiado pela sua independência e ter rádios isentas. Isso também acontecerá em relação à televisão.

O Governo não tem nenhum respeito pela liberdade em matéria de comunicação social.

D.S.

meteorologia

Prémio Inasset

Agustina de branco, Lídia Jorge em cinzento-pérola, Salette Tavares em bege claro. Sophia de branco. Helena Vaz da Silva em branco.

Branco sobre branco. Branco é o papel da Inasset, a firma que todos os anos recebe os manuscritos, de poesia, de prosa, de ensaio, de literatura para a infância e que o júri organizado pelo Centro Nacional de Cultura leva para casa, lê aos domingos, bem ou mal e depois de algumas reuniões amigáveis destrinça, julga e premeia ou não, como aconteceu este ano, creio, com a ficção. Tudo acaba no Grémio Literário, a instituição fora de discussões.

Os discursos (curtos) acabaram, Sophia já leu os poemas como os poetas gostam de ler, soberana a palavra em si, sem dramatização, Alçada já sussurrou em voz alta a sua admiração improvisada, a sala elegante levantou-se e os monólogos transformaram-se em diálogos.

Num canto, Agustina de branco, Lídia Jorge em cinzento-pérola, Salatte Tavares em bege claro, Sophia de branco, Helena Vaz da Silva já está noutro grupo.

Estas sessões são ornamentos da literatura, da cultura. Não têm outro significado. Não são a literatura, nem sua transferência simbólica. Mas podem ser o seu objecto. Lembro-me de encontros destes vistos por Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Marcel Proust, e se não me engano, por Isabel da Nóbrega, Fernanda Botelho, certamente por muitos outros literatos; os encontros — a sobrevivência dos salões literários do século passado, do idealismo burguês morto, mas ainda lembrado, um sistema pseudofuncional, o *gadget* social que a literatura inventou sobre si própria, para respirar entre dois trabalhos, duas tensões; respirar e bebericar um dedo de uísque liso ou não, acompanhado de pequenos alimentos sólidos que abrem o apetite para um jantar no Bairro Alto, vizinho, onde à sexta-feira à noite a literatura é outra.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Arcozo S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

O divórcio entre os agentes intervenientes no processo de inovação «sabota» a racionalidade dos planos. As empresas, embora a sua fragilidade, não são as únicas responsáveis pela situação portuguesa

Inovações tecnológicas têm ambiente hostil

Para a subida do nível tecnológico das empresas industriais portuguesas foi criada uma panóplia de programas governamentais, de instituições oficiais e sistemas de aproveitamento dos dinheiros comunitários. A materialização progressiva das políticas definidas realçou vários "divórcios" entre os componentes do triângulo Estado-Investigação-Empresa, potenciais «sabotadores» da racionalidade dos planos.

Das características "indesejáveis" da realidade portuguesa destaca-se, à cabeça, a fragilidade empresarial, resultado de um processo histórico, a que o condicionamento industrial não é particularmente estranho.

Às empresas não pode ser atribuída a totalidade das responsabilidades pela situação, bem pelo contrário.

A ausência de um clima socio-tecnico-científico favorecedor de um ambiente estimulador da investigação e desenvolvimento tecnológico contribui também para a situação existente.

Causa/efeito de dependências várias e variadas, esta situação conduz a um peso importante das motivações pessoais dos investigadores nas pesquisas realizadas, ao predomínio da investigação fundamental sobre a orientada para o processo competitivo, ao alheamento das empresas da investigação, a tendências centrífugas dos "cérebros" nacionais, à "fossilização" da tecnologia usada...

Centrais

Rui Pacheco

As perspectivas de modernização da indústria portuguesa são complicadas

Quem acreditar que a máquina é, hoje em dia, prioritária em relação ao homem e o produto mais importante que o factor humano, pode fazer as malas

Prestígio e sucesso exigem boa assistência pós-venda

O sucesso das empresas consegue-se, nos tempos modernos, através de um serviço de assistência pós-venda de qualidade, no qual o cliente é acompanhado desde o dia em que adquire um produto e não pelo facto de a empresa possuir o mais sofisticado poder tecnológico.

Esta é a principal conclusão de um debate organizado pela APQ, Associação Portuguesa para a Qualidade, efectuado a passada semana em Lisboa.

É também, como disse ao «DL» Serras Simões, vice-presidente da APQ, a grande preocupação actual de todos os grupos empresariais do mundo independentemente das suas dimensões, a começar pelas firmas americanas e japonesas que vivem numa economia de mercado forte.

Para a APQ, «o serviço excelente é o que corresponde às expectativas específicas de cada um dos clientes de uma empresa». E é a qualidade deste serviço que formará a imagem e o prestígio de uma marca.

Quem acreditar que a máquina é, hoje em dia, prioritária em relação ao homem e o produto ou a troca mais importante que o factor humano, pode fazer as malas. É o cliente que decide da qualidade do produto e não o produtor ou vendedor.

Pág.7

Chegou a hora da especialização

Atendimento personalizado para salvar as lojas

O associativismo não está morto, mas morrerá se a atitude dos comerciantes não mudar, aceitando a formação como um investimento virado para o sucesso empresarial nacional e europeu. Sem modernização e sem criar um atendimento personalizado não é possível uma empresa ou uma loja, subsistir num mercado liberalizado, disse ao «DL» Maria Teresa Albuquerque directora-geral Grupo Lisboeta de Abastecimento de Produtos Alimentares (Grula), o qual com os seus congéneres espanhóis, italianos e alemães, efectuou, na passada semana, em Lisboa, uma acção de informação junto dos retalhistas portugueses.

O amadorismo acabou, a era é a da especialização. As cooperativas deixaram de ser um grupo de amigos e passaram a ser encaradas pelos próprios associados como empresas que possuem espírito ganhador e procuram servir os clientes de um modo competente, saudável e transparente. Está-se na Europa, e quem faz a lei é o Mercado Único. Fugir a esta realidade, sem alternativas seguras, implica o desemprego e a depressão.

Pág.8

A questão nacional - O comentário de Geraldo Dias Pág. 3

A Europa está na moda no Japão Pág. 6

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

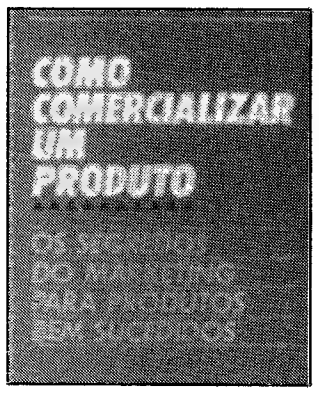
LIVROS

Primeiro volume desta obra, tradução de um trabalho que conheceu já cinco edições no original. Dos períodos anteriores a Adam Smith, até à economia marxiana; do mercantilismo, aos ciclos económicos, passando pela Revolução Industrial, pela Teoria Monetária Clássica ou pelos Princípios de Economia Política, eis um livro que é, essencialmente, um documento e um instrumento de trabalho.

«História do Pensamento Económico» - Mark Blaug -
Círculo dos Leitores

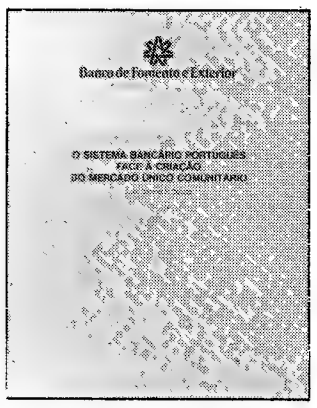
Portugal abre as suas portas aos investidores, mas os processos a utilizar são muitos e diversos. Este pequeno livro, quase uma brochura, faz o inventário de todos os elementos de consulta necessários para a informação de qualquer investidor estrangeiro. Não só dá informações básicas como apresenta um conjunto de outras informações úteis e pontuais para qualquer empreendedor que escolha o País para aplicar os seus capitais.

«Investir em Portugal - Informações Úteis» -
ed. BPA



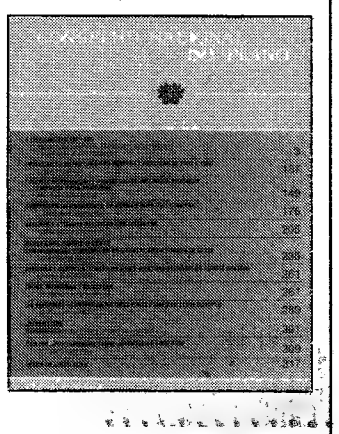
O «marketing» tem segredos e só quem os conhece consegue pôr em prática as suas campanhas e ter sucesso na promoção dos produtos. É uma actividade que não se confina à publicidade, já que os seus objectivos são ajudar a decidir qual o produto adequado para o mercado certo e quais as estratégias a seguir para tirar os melhores resultados. É uma actividade com segredos, que se aprendem em cursos próprios.

«Como Comercializar um Produto» - Douglas A. Gray e Donald G. Cyr -
Edições CETOP



Cada vez se fala mais do Mercado Único. Este livro, que traz ao leitor o trabalho de fim de curso da licenciatura em Economia feito pelo autor na Universidade de Évora, versa a problemática da banca nacional face a este desafio. É um estudo analítico e comparativo, de leitura importante numa altura em que 1993 se aproxima rapidamente e quando a Nanca regista profundas alterações.

«O Sistema Bancário Português Face à Criação do Mercado Único Europeu» - José Grabriel P. Calixto - *ed. BFE*



Análise do primeiro quadrimestre de 1990, este livro, elaborado por uma série de nomes conhecidos da macroeconomia e da sociologia do dinheiro, é mais um documento que aborda questões tão diversas como a conjuntura de, a reforma e democratização na URSS e as suas reformas económicas, analisando também o processo na República Popular da China, depois do eclodir dos grandes e actuais movimentos.

«Boletim Nº 20» - *Conselho Nacional do Plano*

Segundo Tavares Moreira

Entrada de capitais em excesso prejudica economia nacional

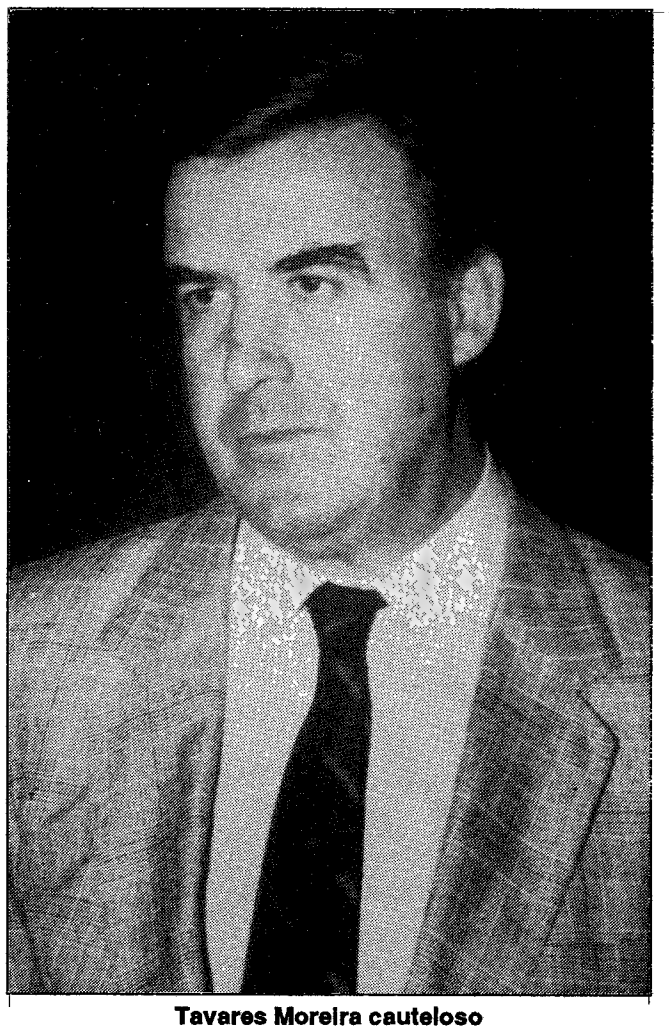
A economia portuguesa enfrenta o problema criado com o excesso de entrada de capitais, segundo afirmou o governador do Banco de Portugal, Tavares Moreira, que acrescentou não ser só esta situação, apesar de constituir uma situação mais confortável, a causa de uma gestão muito difícil.

E não deixou da informar que «o agravamento do défice do sector público, nos primeiros cinco meses deste ano, foi da ordem dos 86 por cento».

O governador do banco central acrescentou, num encontro que teve lugar na zona do Porto, com associados da Câmara de Comércio Luso-Britânica, que «o comportamento da economia portuguesa tem sido, talvez, o melhor dos últimos 20 anos», numa altura em que o consumo privado está em fase de aceleração.

Tavares Moreira, para quem é necessário «dar respostas adequadas de política orçamental e monetária para controlo da subida de preços», não deixou de recordar que a aceleração dos preços no consumidor, com uma variação acumulada de 6,9 por cento, este ano, contra os 4,9 de 1989, tem contribuído para o agravamento da inflação.

No seu entender, é importante encontrar respostas para a política orçamental e monetária, para controlar a subida de preços, dados os compromissos assumidos com a Comunidade Europeia no que se refere à correcção da inflação. «Um crescimento sustentado só se consegue com estabilidade monetária», afirmou, para acrescentar que no Orçamento do Estado para 1991 tem de haver «um sinal claro no sentido de um plano de consolidação financeira de combate à inflação».



Tavares Moreira cauteloso quanto à entrada de capitais

Reservas à adesão

A rápida adesão do escudo aos mecanismos de taxas de câmbio do Sistema Mone-tário Europeu (SME) merece reserva, por parte de Tavares Moreira, para quem a adesão de Portugal, antes de 1992, seria prematura e prejudicial para a economia nacional.

No seu entender, Portugal está muito longe do SME, dado o banco central ainda ter a possibilidade de intervir diariamente sobre o escudo no mercado de câmbios.

«Nas actuais condições, se o Banco de Portugal estivesse sujeito às regras do sistema europeu, levaria ao agravamento acentuado e rápido do défice comercial e ao agravamento da balança de transacções correntes, como consequência da perda de competitividade», acrescentou.

Conforme disse, a adesão do escudo aos mecanismos das taxas de câmbio do Sistema Monetário Europeu depende da harmonização de medidas que visem a estabilidade cambial e monetária interna, a fim de ser conseguida a descida da taxa de inflação para níveis europeus.

Tavares Moreira, que considera que Portugal pode ultrapassar novamente, este ano, a previsão orçamental de inflação, que apontava para números de 9,5 e 10,5 por cento, acrescentou que a expansão da economia nacional tem uma taxa de crescimento superior à média dos parceiros comunitários.

Marconi quer negociar em quatro continentes

Objectivo anunciado pelo Grupo Marconi: entrar no «top» da tecnologia e estar presente em quatro continentes, em todas as áreas que possa alcançar, sendo África um dos alvos preferenciais. Esta a principal conclusão do fórum que, na semana passada, congregou centena e meia de dirigentes das 30 empresas que a constituem, ocasião em que foi debatido o futuro desta década.

Conforme foi referido no encontro, na estratégia do grupo, para os anos 90, está o desenvolvimento das delegações em Angola, mediante um acordo quase concluído para uma grande companhia, e em Moçambique, onde a Marconi irá participar nas listas telefónicas e no serviço de teledata.

A presença, no continente africano, é traduzida com as participações na Telecom, na Guiné-Bissau, e na CST-Companhia São Tomense, em São Tomé e Príncipe. Quanto a Cabo Verde, a sua acção tem sido limitada a tratados de formação.

De referir que a Marconi aponta para o Oriente, tendo assinado, depois de ter ganho um concurso internacional, um acordo de formação de uma companhia de listas telefónicas em Macau.

Por outro lado, segundo uma fonte do grupo, diversas companhias norte-americanas estão interessadas em associações com a CPRM, podendo beneficiar da sua dimensão multinacional, o que lhes permitiria ter acesso a mercados onde a Marconi já está implantada, com especial referência aos países africanos lusófonos.

Como resultado desses contactos, a empresa assinou um contrato, com uma companhia norte-americana de correio electrónico, numa altura em que estão diversos outros em negociação.

Se, no que se refere aos países do Leste europeu, a Marconi foi a primeira a assinar contratos com duas empresas privadas húngaras, não deixou, para além disso, de celebrar um acordo de cooperação com a XTT, de Marrocos, forma de entrar num mercado essencialmente fracófono.

Ao definir a actual política, Sequeira Braga, presidente da Marconi, afirmou, no final do fórum, que a companhia constitui um grupo empresarial de comunicações e de informação, orientado para o mercado e com um conhecimento global de todas as actividades do grupo e dos seus objectivos.

Lanifícios: dívidas são para pagar

«A indústria de lanifícios da Covilhã pode pagar à Segurança Social, em prestações suaves, a dívida de 2,5 milhões de contos, mas o perdão total está fora de questão», admitiu o titular da pasta do Emprego, Silva Peneda, num encontro com os representantes do sector, efectuado, no sábado, naquela cidade.

Silva Peneda, que esteve reunido com a Associação Nacional dos Industriais de Lanifícios e com os sindicatos do sector afectos à UGT e CGTP, referiu que o problema das dívidas à Segurança Social «é um mau sintoma em termos de saúde das empresas, além de uma imoralidade» e adiantou que a solução «passa pela estipulação de um período de pagamento razoável, no sentido de conciliar a subsistência das empresas».

Para além deste encontro, Silva Peneda inaugurou o Infantário da Santa Casa da Misericórdia, obra avaliada em mais de 100 mil contos totalmente suportados por aquela instituição.

Na altura, o ministo do Emprego e Segurança Social disse que «os indicadores de natureza financeira, no quadro do apoio do Estado à Acção Social, registaram, nos últimos cinco anos, um acentuado acréscimo, passando de 10 para 40 milhões de contos».

António Marta

Vitória na Europa derrota em casa

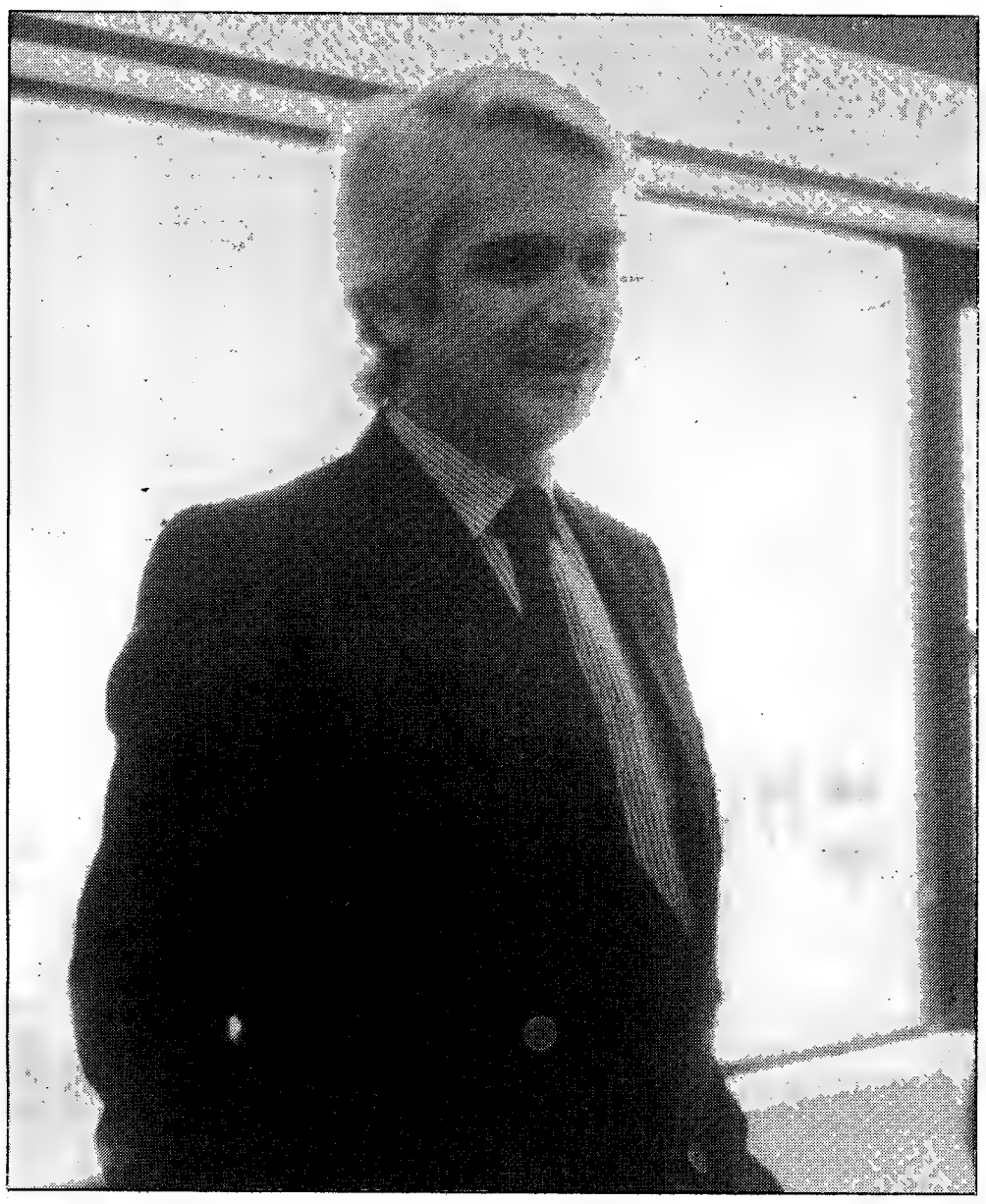
António Marta conheceu como ninguém o estado da economia: durante cinco anos presidiu à Comissão para a Integração Europeia, negociou a adesão «dossier» a «dossier», participou na maratona final - a Cimeira Europeia de 30 de Março de 1985, quando os Dez acolheram os países ibéricos - e no «coroamento» realizado em Junho nos Jerónimos. Com a ascensão de Cavaco Silva ao poder deixou a vida política. Agora é gestor num banco privado e, dos tempos em que foi vedeta, guarda a ideia de imenso cansaço.

«Vivi muito esses anos, aprendi, ganhei calo, descobri que o diálogo nada tem de científico, é feito de emoções», diz, e encolhe os ombros. Ocupa um gabinete bem decorado no 5º andar de um prédio novo, no centro de Lisboa. Longe de Bruxelas e da Praça do Comércio, mergulha com prazer nesse passado.

Entrou na Comissão para a Integração Europeia em Fevereiro de 1981, depois de uma curta passagem pelo Ministério das Finanças, onde foi chefe de gabinete de Jacinto Nunes. Dois anos depois ocupava o lugar de presidente e transformava «uma equipa de funcionários públicos em grupo de trabalho», mal pagos, sem condições, «mas todos virados para a mesma tarefa».

«Foi uma experiência cansativa mas gratificante e que me deu uma visão da economia como nunca mais terei», diz. Natural de Coimbra, veio para Lisboa com 16 anos, percorreu todas as etapas ligadas a economia e gestão. Fez o curso no então chamado ISCEF, cumpriu tropa na Marinha e, com 23 anos, dava aulas na escola onde se tinha formado.

«Tinha de enfrentar um auditório de 200 alunos e sabia pouco porque ia estudando à medida que dava as aulas. Descobri que falar alto era a minha única vantagem, por isso gritava na proporção inversa daquilo que sabia, e eles iam aprendendo alguma coisa», diz sorrindo. Nessa altura o ISE era «um couto da esquerda», com um núcelo duro de catedráticos, incluindo Francisco Pereira de Moura, Mário Murteira, Pinto Barbosa entre outros.



António Marta: «O diálogo é feito de emoções»

Pragmático e sem sonhos

Marta ainda era professor quando se deu o 25 de Abril. Apanhou o grosso da contestação estudantil (que no ISE foi forte), mas guarda desse tempo recordações bem-humoradas: «Nunca autorizei que comessem papo-secos nas aulas, parava a exposição até eles acabarem o lanche», diz. Também se opôs às passagens administrativas, mas numa coisa transigiu - deu notas colectivas.

«Não concordo com trabalhos de grupo, sempre achei que quem beneficia é quem trabalha», diz. E confessa outros princípios: é pragmático, valoriza o bom-senso, acha que «em tempo de grande concorrência» não há espaço para o sonho.

«Sonhar é como jogar com computadores, fazer operações que não servem para nada», diz. Não precisou de sonho quando trabalhou no Banco de Portugal, na altura em que deu nas aulas no ISE e na Católica, ou na ronda pelo sector bancário que precedeu a sua entrada na Comissão para a Integração Europeia. Mas a tarefa de abrir a Comunidade aos países do Sul, teve muito de onírico: ditada por razões políticas foi negociada por técnicos, ao sabor das alterações governamentais, em Portugal e nos restantes países membros.

«Foi um trabalho imenso, feito em sistema de arranca e espera», conta António Marta. Sempre que havia eleições em um dos Dez, as negociações ficavam mais lentas. Os estados comunitários «receavam falar disso aos eleitores» em épocas-chave. E, de vez em quando havia contestação aberta.

«Lembro-me do discurso de Giscard D'Estaing aos agricultores, em véspera das legislativas de 1981», refere António Marta. Os franceses receavam a agricultura espanhola - tal como toda a Comunidade temia a frota pesqueira de «nuestros hermanos». E em Portugal os governos sucediam-se, sem definirem se a adesão seria feita «com colagem a Espanha», ou em separado.

«Durante muito tempo iludimo-nos, pensando ter um processo autónomo em relação a Madrid», lembra António Marta. Mas, na Cimeira de 30 de Março de 1985 deu-se o desfecho. Hans Dietrich Genscher, então ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal pôs as cartas na mesa: ou a adesão se tornava conjunta e irreversível, ou o seu país suspendia as ajudas. A Itália presidia e Guillio Andreotti, com uma «sabedoria florentina» que ainda hoje é lembrada, lá conciliou posições, de tal forma que, em menos de 48 horas, o alargamento era um facto.

Louros? Teve-os Mário Soares, então primeiro-ministro, ou Ernâni Lopes, ministro das Finanças. António Marta desapareceu da vida política, num processo que se torna mais curioso quando se constata que Manuel Marín, o seu homólogo espanhol no processo de negociações, é hoje um dos vice-presidentes da Comissão Europeia.

Marta não lamenta. «A vida é feita de novas conquistas, aprender vale sempre a pena», diz. E logo lembra que «tão difícil como a adesão» foi concretizar as medidas que se seguiram, tomadas pelos governos de Cavaco Silva, entretando vencedor do Congresso da Figueira e pouco depois primeiro-ministro eleito.

«O choque foi muito menor do que eu previa» diz, comentando estes cinco anos. Entretanto passou o pelouro a Vítor Martins, esteve uns tempos no Banco de Fomento e aos 42 anos, escolheu a iniciativa privada. Agora é administrador do BCI, tem tempo «para ler, para andar de mota» e passa os fins-de-semana fora de Lisboa.

A pasta castanha que, pejada de «dossiers», o acompanhou em tantas viagens a Bruxelas está guardada a um canto.

Maria Guiomar Lima

COMENTÁRIO

A questão nacional

Diferentes sectores económicos, sociais e políticos posicionam-se distintamente face à transição europeia, mas ordenam-se em relação a uma posição nacional que se exprime no e pelo Estado. Em período de transição, em que os elementos de mudança predominam sobre os de reprodução, a concepção de nacionalidade presta-se, particularmente, a apoiar exigências e reivindicações feitas em nome da nação, na ausência de um posicionamento claro do país, no quadro das relações internacionais, em resposta às questões da concorrência/cooperação entre Estados e das modalidades de divisão do trabalho entre centros e periferias.

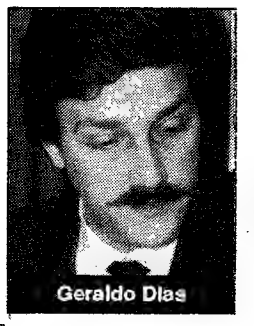
A aceleração dos fenómenos de interdependência e os processos de inovação tecnológica e da internacionalização da economia legitimam a necessidade de pensar, à escala europeia e num contexto de cooperação a nível comunitário, as estratégias de reforma, de desenvolvimento e progresso social, no quadro de uma estratégia nacional que seja a expressão de um novo papel do Estado-nação potencializador de maior autonomia para os cidadãos.

A partir da análise concreta das modalidades de inserção na economia internacional e tendo em vista formas superiores de actuação na divisão internacional do trabalho, o desbloqueamento da reestruturação e modernização relacionam-se com o protagonismo efectivo das novas formas de produção, controlo e organização do espaço europeu. A incapacidade, a esse nível, só agravará a penetração do país a partir de fora, penalizando as condições do reequilíbrio económico e social.

Para além dos aspectos quantitativos do crescimento, o estilo do desenvolvimento joga-se nas possibilidades, entreabertas pelo processo europeu, para a resposta a objectivos de democracia, conciliando desideratos de acumulação e legitimação, permitindo aos Estados maior intervenção para combater o desenvolvimento desigual num quadro interno/externo. O problema nacional equaciona-se no espaço que medeia entre formações sociais fundadoras de Estados independentes e um conjunto de relações e determinações várias que os ultrapassam e convergem na criação de um todo superior.

O processo de construção europeia, enquanto implementação prática de procedimentos de organização social, económica e política, afecta as relações internacionais de concorrência e dependência entre Estados e dinamiza factores de emergência da importância do respeito pela especificidade nacional, se asseguradas fórmulas de participação e institucionalização da sua influência. O processo europeu, baseado em critérios de equidade e desenvolvimento harmónico e solidário, não representa um enfraquecimento da autonomia, antes dimaniza um novo papel do Estado-nação valorizador da mudança e progresso social e da autonomia dos cidadãos.

A construção europeia pode significar a emergência de novos critérios que permitam a reciclagem dos recursos em favor do crescimento económico, da solidariedade, de uma nova ordem que alivie as dependências num ambiente em que se intensificam as relações entre desenvolvimentos na área europeia ocidental e evoluções em outras zonas, de acordo com o aprofundamento da globalização dos grandes dramas de hoje, a questionar novos entendimentos abertos que não se circunscrevam aos interlocutores e que estejam disponíveis para qualquer terceiro que se apresente como intérprete.



Geraldo Dias

Amplia-se a esfera dos objectivos comuns e uma cooperação intensa sobre as questões de ordem social e política permitirá aumentar a influência dos diversos governos e prever melhor os efeitos exercidos sobre o plano nacional pela evolução internacional.

A melhoria da tecnologia industrial está ameaçada por «divórcios"»vários entre os componentes do triângulo Estado-Universidade-Empresas, que alimentam tendências centrífugas dos «cérebros» nacionais e a «fossilização» tecnológica das empresas

Melhoria tecnológica da indústria tem estratégias desencontradas

Sobram desentendimentos entre os vários agentes portugueses envolvidos na investigação e desenvolvimento tecnológico - Estado, empresários e académicos. Na falta de uma análise comum, cada um exprime ou faz o que a sua posição na relação lhe permite.

À constatação do Governo, das estruturas oficiais e dos académicos das deficiências empresariais - fracas bases e estruturas da maioria das empresas, ausência de hábitos de investigação, incapacidade financeira, empirismo dominante, insuficiência de recursos humanos, subdimensionamento, actividade assente na mão-de-obra intensiva e não em capital intensivo, despreocupação com os destinatários da produção, ausência de internacionalização - contrapõem os representantes empresariais com as diversas «asfixias» a que estão submetidos no seu quotidiano: burocracia, dificuldades de acesso ao crédito, marginalização dos processos decisórios, inclusivé, e, por paradoxal que possa parecer à primeira vista, o «desprezo» a que são votados pelas estruturas de investigação...

Das instituições oficiais vem, até, a proposta-verificação que, no futuro, terá de ser cada empresa a criar as suas próprias razões de sobreviência e desenvolvimento em mercado aberto e a conseguir alcançar criativamente o seu nicho na malha empresarial a nível europeu.

Como expressou António de Sousa, responsável do SULPEDIP: «Pensamos ser fundamental que as empresas nacionais, através dos seus decisores, criem rapidamente a consciência da necessidade intrínseca e egoística da definição de uma estratégia empresarial autonomamente definida e capaz de conduzir a empresa através do actual período de transição a caminho de um mercado amplo, concorrencial e selectivo.»

Como se não bastasse, a este quadro, a diversidade e as direcções variadas que ressaltam das opiniões emitidas, acrescem ainda as exigências, obrigações, cautelas, novidades, decorrentes da integração comunitária.

Um verdadeiro quebra-cabeças, até porque está a verificar-se um fenómeno, classificado por Mira Amaral como «um efeito perverso da nossa entrada na CEE», que é o do alinhamento das nossas universidades, no âmbito dos programas de Ciência e Tecnologia da CEE, por empresas e organismos estrangeiros.

Rui Pacheco

Bayão Horta: «O que interessa é o saber»

Objectivo nacional

Para Jorge Ferreirinha, presidente da Eurofer, este quadro leva a que «a indústria portuguesa só sobreviverá, neste contexto assustador, mas também empolgante, do desafio do século XXI, se apostar na alta tecnologia».

A razão para tal encontra-a no facto de que «produto barato, sem qualidade, fabricado a metro ou ao quilo, sem *design* nem inovação - o que ainda hoje constitui a base da nossa produção industrial - terá de ser substituído por fabrico de alta tecnologia e inovador, integrando criatividade, qualidade total e *marketing*».

Para Portugal ser «uma Suíça meridional nos anos 2000», diz, a «qualidade total - na produção agrícola, industrial e nos serviços - em síntese, na qualidade de vida, deverá ser o grande objectivo nacional».

Pelo mesmo diapasão afina Rocha de Matos: «Portugal não pode, sob pena de comprometer o seu próprio processo de desenvolvimento, consolidar uma estrutura industrial como a que possuímos, altamente concentrada em meia dúzia de produtos tradicionais, de fraca incorporação tecnológica e de forte intensidade de mão-de-obra.»

Fracos alicerces

A base da partida para esta «cruzada» da almejada melhoria tecnológica é fraca. Mira Amaral caracteriza-a assim: baixo nível de investimento em Investigação e Desenvolvimento Tecnológico (IDT), reduzida actividade no âmbito das empresas e fraca ligação entre as instituições de investigação e as empresas portuguesas.

Por outro lado, acrescenta, os recursos empregues na IDT estão ainda muito concentrados em fases de processo muito afastados do mercado, centrados em investigação fundamental longe do processo competitivo.

O responsável da pasta da Indústria e Energia entende que «a modernização da economia em geral e da indústria em particular implicam a alteração desta situação, importando aumentar as despesas de investigação e desenvolvimento feitas pela indústria».

Porém, «a inexistência de estruturas materiais e humanas de I&D nas empresas e o facto destas não terem planos estratégicos de desenvolvimento», segundo o ministro, constitui um obstáculo de monta à realização dos desígnios confessos além de motivar um «fenómeno típico dos países de pequena dimensão: o alinhamento com as prioridades fixadas pela comunidade científica internacional liderada pelos grandes países, fazendo com que o trabalho da comunidade científica nacional seja aproveitado por aqueles países».

Pôr as empresas portuguesas neste circuito significa, apenas, resolver o problema que é colocá-las «ao nível das europeias»... Contudo, como nota Albertino Santana, gestor do PEDIP, «as fracas estruturas institucionais, sobretudo no plano empresarial, dificultam muito a sustentação do progresso industrial».

Em todo o caso, Mira Amaral assegura que o seu Ministério tem um programa «ambicioso», financiado por fundos comunitários.

Este programa elegeu a automação, domática, microelectrónica, optolelectrónica, tecnologias de informação e energéticas, novos materiais, biotecnologia e química fina e, ainda, tecnologias ambientais e sistemas de segurança como as tecnologias horizontais onde a IDT, feita, de preferência, em função de uma orientação industrial, deverá ser

Rui Pacheco

Mudanças estruturais marcarão anos 90

As cidades assumem um papel crescente na protagonização da inovação tecnológica

Energia, materiais, informação e seres vivos, como suportes fundamentais de todos os sistemas técnicos, sofrerão nesta década a amplificação das mudanças, bem como das suas experiências, características dos últimos 40 anos, prevê Ricardo Petrella, principal responsável comunitário pelo programa FAST.

São cinco as grandes tendências identificadas.

A primeira é a da «cientificização» da tecnologia, isto é a dependência crescente da inovação tecnológica dos avanços a realizar ao nível do conhecimento. Em segundo lugar, surge a industrialização da ciência, que quer significar a instrumentalização crescente desta por objectivos económicos mercantis; por outras palavras, a extensão de uma lógica industrial ao modo de trabalho científico. A omnipresença da técnica sugerida nos pontos anteriores é referida explicitamente na terceira tendência: a da tecnologização da sociedade, onde nenhuma actividade humana escapará à influência da técnica, qualquer que seja o domínio pensado, influência esta a que não escapará o domínio da arte.

Prevista é também a emergência progressiva de uma economia desmaterializada, que, na estrutura de custos, atribuirá cada vez mais importância aos custos ditos imateriais em detrimento dos custos dos factores considerados materiais.

A quinta grande tendência identificada é a mundialização da tecnologia e da economia, que pretende designar a perda crescente da especificidade territorial das diferentes fases de produção de bens e serviços, o que será um fenómeno que consagrará a ultrapassagem dos processos clássicos de internacionalização das trocas e de multinacionalização das empresas.

Ciência urbanizada

A estas tendências junta-se uma outra referente aos locais de inovação tecnológica e que aponta para o facto das cidades assumirem um papel crescente na protagonização da inovação tecnológica.

Petrella justifica esta difusão urbana da produção científica por considerar o nível urbano o mais indicado para planear, aplicar, testar e aperfeiçoar as contribuições tecnológicas para a solução dos problemas respeitantes a um melhor desenvolvimento social e humano.

É a esta análise que ficam a dever-se as acções decorrentes do «princípio-chave» da Comunidade neste campo: a subsidiariedade (a Comunidade intervém nos campos da ciência e tecnologia para complementar a acção dos Estados-membros e para potenciar os esforços realizados a nível individual).

Este princípio não inibe, contudo, que a Comunidade tenha, por si, um papel significativo na promoção de estudos e pesquisas.

É nesta liberdade que Petrella radica as iniciativas comunitárias na área das cidades europeias e do seu desenvolvimento futuro, como, por exemplo, as investigações sobre ambiente e energia nas cidades, os programas contra a pobreza urbana e os estudos sobre o papel das cidades na ciência e tecnologia.

R.N.

a da
nde
da
da
im-
esta
au-
ves-
ento
a de
hu-
esas
rem
de-
lo o
ob-
eali-
nfes-
um
aíses
o al-
iori-
pela
nter-
elos
com
da
ífica
tado

centrada.

Como sectores prioritários, o programa elegeu a metalomecânica e moldes, calçado e curtumes, têxteis, vestuário e confecções, cerâmica e vidro, madeira e mobiliário, cortiça, rochas orçamentais, plásticos, óptica e indústria alimentar.

Este esforço governamental de definir áreas prioritárias não deixa de sofrer algumas *nuances*. O já referido António de Sousa considera que «Portugal tem poucos recursos naturais, ainda não criou na maioria dos casos um *know-how* próprio, não tendo pois, na generalidade, vantagens comparativas que apontem para um sucesso empresarial baseado em situações de privilégio competitivo estrutural.

Assim, ainda mais claramente que noutras situações não há em Portugal sectores de actividade privilegiados ou que possam constituir um núcleo duro e estruturante da malha industrial nacional. Isto, claro, com pequenas excepções no âmbito das indústrias situadas na fileira florestal e a jusante de certas indústrias extractivas».

(Des)vantagens comparativas

Ricardo Bayão Horta teve oportunidade de desenvolver algumas precisões conceptuais. Desde logo, a das «vantagens comparativas»: «Falamos das vantagens, esquecemo-nos das desvantagens e de quem as forma - o Homem.»

Enquanto as primeiras, considera, desaparecem, as segundas são muito mais difíceis de desaparecer.

E sobre as desvantagens, Portugal, segundo o seu diagnóstico, está «bem avi-
ado»: transportes e comunicações, sistema bancário e mercado de capitais, seguros, infra-estruturas de educação (a propósito do que identificou o *numerus clausus* como «uma tremenda desvantagem comparativa para a indústria nacional») foram apenas algumas das focadas.

Depois de afirmar o papel fundamental qua a globalização da economia tem na limitação/potenciação da actividade empresarial, o ex-ministro centrista da Indústria apontou a falência dos raciocínios tradicionais: «Hoje o que interessa é o saber. Não faz sentido falar em alta ou baixa tecnologia.»

Para Bayão Horta a aposta no Homem é fundamental para que se forjem sempre novas vantagens comparativas.

Rui Nunes

Rui Pacheco

António de Sousa recomendou uma estratégia empresarial «egoística»

Amado da Silva considera que a elevação do nível tecnológico das empresas portuguesas depende de um entendimento entre a indústria e a investigação e que, no âmbito comunitário, Portugal deve lutar pela consagração das suas prioridades. Faz também um aviso: a tecnologia não é tudo

Definir sectores estratégicos através da competição

Competição é a via recomendada por Amado da Silva para a definição dos sectores industriais estratégicos em Portugal.

Apesar de Portugal não possuir as quatro características - recursos humanos avançados e especializados, infra-estruturas técnicas e outros factores produtivos necessários à indústria; clientes nacionais sofisticados, cujas necessidades antecipem as dos estrangeiros; fornecedores e indústrias conexas competitivas internacionalmente; concorrência nacional, capaz, leal e encarniçada, constituintes do «diamante», identificador da força competitiva dos Estados na arena internacional, conceptualizado por Michael Porter, o agora hiper-referido professor de Harvard, nem por isso deve abdicar da competição como método de definição das suas áreas de excelência.

Uma pista avançada por Amado da Silva, vice-reitor da «Católica» e docente de Economia Industrial, é a de considerar «área estratégica» aquela «onde formos capazes de ser mais agressivos». Depois de afirmar: «Aceito partir de algum lado. Depois a evolução esclarecerá», alerta para o perigo encerrado pelas definições administrativas: «Sem competição, trunca-se a iniciativa localizada fora dos sectores definidos, enquanto a localizada nestes pode acomodar-se.»

Este perigo motiva-lhe, inclusivé, um comentário irónico: «À lista dos sectores definidos, até acrescentava *outro*.»

Conjugar interesses

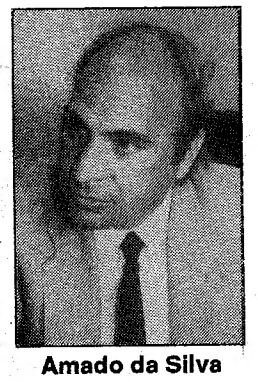
Apesar do ambiente envolvente da inovação (de cujo estudo surgiu a economia da inovação, que luta por um estatuto científico) estar longe do desejável, ou por isto mesmo, «é possível melhorar o que há».

Aproximar interesses e linguagens de empresários e investigadores será algo a conseguir dada a situação existente: separação da investigação do desenvolvimento e separação destes da inovação industrial.

Entre as condições para terminar com o divórcio manifesto entre indústria e investigação está, em lugar de destaque, a satisfação mútua da interrogação «o que é que eu ganho?» que viabilize aquela aproximação.

Com efeito, se é pacífico admitir que parte da investigação realizada é-o para satisfazer interesses pessoais dos seus autores, também não o é menos constatar a incipiência tecnológica da indústria portuguesa, pouco cativadora das instituições de investigação.

Se esta realidade de «ausência de massa crítica e de empresas de grande dimensão» *assegura* ao Estado e às instituições públicas um papel decisivo no fomento da investigação impõe, por outro lado, aquela interligação («prefiro este termo a *interface*») entre os interessados para a ultrapassagem da situação. Esta desejada comunhão de interesses, em particular a ligação Estado, indústria e politécnicos, será «crucial para o desenvolvimento das aplicações». De um peso superior do ensino politécnico resultarão os quadros intermédios «necessários à conquista das empresas» para um protagonismo empresarial. Esta perspectiva satisfará a necessidade de «melhorar e adequar as tecnologias conhecidas» das empresas portuguesas («*up-grading*») e não obstaculizará a participação portuguesa nos projectos comunitários. Ficará, assim, aparentemente resolvido o dilema entre o auto centramento autárcico e o assegurar uma presença entre os da frente na Europa.



Amado da Silva

Saber participar

Só que participar nas investigações de «ponta» na Comunidade exige saber escolher em função dos interesses e capacidades do país, além de pressupor diligências pela consagração dos pontos de vista defendidos. Amado da Silva exemplifica com o que se passa nas investigações na área da energia: não tem sido a solar a privilegiada, mas a nuclear, ao contrário do que interessaria a Portugal.

Desta forma, mais do que discutir a dimensão do empenhamento português nos projectos comunitários, importa esclarecer previamente as posições e os objectivos nacionais.

Será deste esclarecimento que, por exemplo, resultarão a formulação de políticas de empenhamento ou a definição das áreas a privilegiar na atribuição de bolsas de estudo a nacionais.

Objectivo: vida

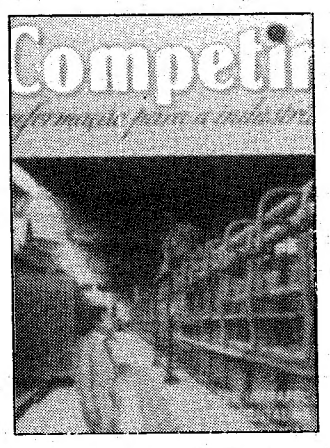
Para o nosso interlocutor a evolução da Ciência e Tecnologia, bem como a sua discussão, não pode ser feita em circuito fechado, sob pena do meio transformar-se em fim: «É necessário alargar os horizontes de referência.».

Com a premissa de que «o que está em jogo é o objectivo de vida», Amado da Silva acha importante «repensar o que andamos aqui a fazer». Um meio de deslocação permite isso mesmo: a deslocação. «Mas tenho de saber para onde é que quero ir.»

R.N.

Revista fomenta debate

«Competir - informação para a indústria» é o nome de uma revista editada pela Direcção-Geral da Indústria e lançada durante a última Tecnofil.



Eduardo Rodrigues, director-geral da Indústria e da revista, afirma no Editorial que esta iniciativa «antes de mais, é bem um ensaio, uma experiência, uma tentativa de encontrar um espaço de diálogo com a indústria portuguesa».

Manifesta, por outro lado, a esperança que «Competir» seja uma «tribuna» que «potencie a voz dos industriais portugueses e, de um modo geral, dos agentes económicos interessados na indústria portuguesa».

Este primeiro número apresenta em destaque artigos de Mira Amaral («Política industrial para os anos 90»), Nelson de Souza («O desenvolvimento das indústrias de equipamento»), Ferreira de Barros («A empresa familiar, que passado, que futuro»), Amado da Silva («Política de concorrência, mercados relevantes e concentração de empresas - um desafio do Mercado Único»), Eduardo Rodrigues («A Direcção-Geral da Indústria») e António Mocho («A informação - uma indústria de sucesso, o 4º grande sector económico»).

ECONOMIA

São crescentes as vozes a apelar a relações mais intensas, mas os problemas ainda são muitos e difíceis

Europa está na moda no Japão

A Europa está na moda no Japão. Enquanto em Paris ou em Roma se levantam vozes alarmadas com a expansão japonesa, não apenas no sector dos automóveis, em Tóquio, pelo contrário, são ouvidos discursos tranquilizadores, apelos ao diálogo e à cooperação. Alguém, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, chega a solicitar relações mais estreitas e institucionalizadas, quase uma aliança privilegiada.

Nem todos partilham esta atmosfera de abertura e, nos círculos industriais, há ainda quem não tenha escrúpulos de atacar o proteccionismo dos países da CEE, ao acusar a Comunidade de se estar a intrincheirar numa «fortaleza». A impressão geral é, porém, que o Japão quer abafar as polémicas e evitar uma guerra comercial com a Europa. Esta impressão é confirmada pelos dados económicos, que mostram que este ano houve um grande aumento das exportações europeias para o Japão e uma diminuição do activo deste. No Ministério do Comércio garantem que o objectivo é alcançar um substancial equilíbrio e realçam a importância das medidas actualmente em discussão no Parlamento, destinadas a encorajar as importações: abolição das restrições tarifárias, desagravos fiscais, ajudas financeiras.

Os cépticos afirmam que todas estas medidas não terão efeito enquanto não for abatido o verdadeiro obstáculo à distribuição dos produtos estrangeiros no Japão: o sistema de distribuição baseado numa rede de pequenas lojas dependentes das organizações locais. Foi mesmo contra este sistema que se concentraram os esforços dos EUA, com a chamada Iniciativa sobre os Obstáculos Estruturais, e Tóquio foi abrigada a fazer algumas concessões.

Não obstante, mesmo com o actual sistema, a Europa conseguiu abrir algumas brechas no mercado japonês. Os resultados estão à vista. Basta passear pelo centro de Tóquio ou visitar os grandes armazéns de Ginza para se perceber quanto mudou o panorama comercial neste país. «A Europa está na moda», confirma o porta-voz da CEE em Tóquio, Michael Lake, convencido que este fenómeno vai durar. Com a pressão do mercado interno, que já ultrapassou o da exportação enquanto alavanca do desenvolvimento económico, espera-se que a quota europeia no mercado japonês, que já hoje alcançou metade da americana, possa expandir-se no futuro.

As possibilidades de penetração são boas, sobretudo para determinados bens de consumo, para os quais a oferta japonesa é insuficiente. Mas, para que essas possibilidades se realizem, é necessário ter iniciativa, coragem e muita paciência. A pressa dos operadores europeus não dá resultados no Japão. «Vocês esperam resultados imediatos» - dizem no JETRO, organismo estatal que promove as trocas internacionais - «enquanto no nosso país as coisas movem-se lentamente, requerem tempo». E citam o exemplo da Mercedes, que inicialmente se tinha apoiado num distribuidor local, mas que, quando criou um sistema de distribuição próprio, viu crescer fortemente as vendas.

Todavia, mesmo admitindo que se realize, o aumento das exportações europeias será suficiente para sanear o défice comercial com o Japão que, apesar de ter diminuído no ano passado, continua a ser de cerca 20 biliões de dólares? Ou não será o esforço em grande parte anulado por um aumento paralelo das exportações japonesas na Europa? A baixa na Bolsa de Tóquio e a desvalorização do iene fizeram estremecer de satisfação os observadores ocidentais; mas eles subestimaram o facto de a desvalorização tornar os produtos japoneses mais competitivos e portanto a sua exportação mais fácil.

«Seria preciso inventar um sistema par pôr os japoneses a trabalhar menos», comenta um operador italiano, que relembra que em 1989 os japoneses trabalharam 2050 horas, 400 a mais dos alemães. A outra via seria ter em conta estas diferenças ao assinar acordos com o Japão, «estabelecendo para ele, como se costuma fazer no golfe, uma espécie de *handicap*», mas é claro que isso é impraticável.

A solução só pode ser política e tem de ser achada na mais estreita colaboração entre o Japão e os países da CEE. É o que em Tóquio dizem querer fazer. Uma importante ocasião para isso será a reunião ministerial no fim de Maio, a primeira após quatro anos. Mas o verdadeiro índice do possível acordo serão as negociações sobre o automóvel, que se prevê serão longas e difíceis.

Pietro Sormani
«Corriere della Sera»
Trad: Alessandra Balsamo

A contra-ofensiva do Sol Nascente

Tóquio procura um pacto de ferro com a CEE para sair do isolamento, com o Governo a defender acordos com os Sete Grandes, numa altura em que o iene e a Bolsa continuam a descer

«Os países industrializados membros dos Sete Grandes não são uma obra de caridade», assim se defendeu o ministro japonês das Finanças, no Parlamento, das críticas que lhe foram feitas pela oposição. O ministro, afirmam os seus adversários, não saberá convencer Washington nem Bona de que o iene deve ser defendido para evitar outras eventuais quebras na Bolsa, com efeitos negativos para todos. Hashimoto afirmou que todos os aliados fazem o possível para colaborar, intervindo no mercado dos câmbios para sustentar a divisa japonesa, mas com alguns limites, porque «o mundo não tem a obrigação de salvar o Japão e cada um tem o direito de dar prioridade à resolução dos seus problemas».

Segundo as autoridades japonesas, de qualquer maneira, a situação económica continua a ser sólida. Diferente é a opinião de muitos analistas económicos que não partilham o optimismo, quanto a eles despropositado. É verdade que a procura está ainda em fase de arranque, mas os problemas são sempre mais evidentes.

Antes de mais nada, a inflação: segundo algumas estimativas, os preços no consumidor, para o mês de Março, teriam aumentado 0,5 por cento, um sintoma preocupante, na mesma altura em que nos EUA a inflação diminuiu de 0,2 por cento. Isso vai obrigar o banco central a condicionar ainda mais o crédito e a manter, se não a aumentar ainda mais, o custo do dinheiro, também para defender o iene. As consequências disso poderão ser uma contracção dos lucros das empresas, além de um corte drástico nos programas de investimento. As negociações para a renovação dos contratos de trabalho confirmaram que as empresas concederam muito menos do que deveriam ter concedido. É de esperar, portanto, também um enfraquecimento da procura interna. Recentemente o «Nikkey Sangyo», um dos maiores diários económicos, salientava que o iene, em poucos meses, tinha sido desvalorizado, em relação à lira, mais de 30 por cento e lembrou que muitos dos investimentos em liras são japoneses. Um iene fraco obriga as empresas nipónicas a exportar mais para compensar a diminuição da procura interna, agravando o contencioso do país com o resto do mundo. Muitas empresas tinham-se organizado, durante o ciclo do dólar fraco, para produzir componentes no estrangeiro e importá-las, usufruindo do câmbio favorável. Mas a mudança radical do *trend* enganou-as, tornando vãs as suas políticas e reduzindo os seus lucros.

Outra causa do mal-estar é a Bolsa. Muitas posições são cativas e financiadas por taxas que são o dobro das praticadas há seis meses. Teme-se que, por causa disso, algum grande nome possa saltar nos próximos meses, desencadeando reacções em cadeia. Enfim, o país está a pagar a aberração da Bolsa do ano passado e a grande bola de sabão que criou.

Vittorio Volpi
«Corriere della Sera»
Trad: Alessandra Balsamo

ECONOMIA

Sucesso empresarial depende da assistência pós-venda

Hoje são os clientes que determinam a qualidade de uma marca e não o produto, por mais sofisticado que ele seja

A imagem do serviço após-venda é que decide da qualidade ou não do produto vendido, do prestígio da firma que o vende e do sucesso futuro da empresa. Esta é a opinião de Serras Simões, vice-presidente da APQ, Associação Portuguesa para a Qualidade, que em declarações ao DL salientou que a qualidade da assistência no após-venda é a grande preocupação mundial, num momento em que não se cessa de falar, a nível empresarial, de qualidade total ou qualidade inequívoca.

Uma das conclusões saídas do debate organizado pela APQ, através do Grupo Dinamizador da Qualidade em Serviços, efectuado a passada semana num hotel de Lisboa, foi que a tecnologia não chega para que uma empresa obtenha sucesso.

Este dado novo vem alterar toda a relação entre produtor, vendedor e consumidor e aponta para um fim de século em que o papel do cliente é decisivo para que uma empresa feche ou não as portas.

Como diz a APQ, «um cliente insatisfeito deve ser considerado como um sinal de perigo para toda e qualquer empresa. Se essa insatisfação se tornar endémica, o resultado final é, certamente, o desemprego».

Ninguém vai querer comprar, nos próximos anos, um carro, um computador, um televisor ou um frigorífico sem saber exactamente que tipo de serviço após-venda possui a marca adquirida, se existem peças sobresselentes, se o serviço de reparação é rápido e se a garantia funciona.

Ninguém vai aceitar comprar um produto dito de qualidade se se deparar com um vendedor mal formado, que impinge em vez de aconselhar, que inventa em vez de demonstrar, que explica as vantagens sem esconder os problemas do mercado e da concorrência, ou se simplesmente estiver mal disposto, sem paciência e for arrogante.

«Serviço excelente é aquele que corresponde às expectativas específicas de cada um dos clientes de uma empresa», sublinham os responsáveis da APQ.

O cliente é rei

Parece um contra-senso falar-se, hoje em dia, na era da robótica, de recursos humanos, do sorriso dos vendedores e do dos técnicos de assistência após-venda, da competência de um porteiro ou de um funcionário administrativo. Estamos na época da informática, das descobertas do universo, da alta tecnologia.

E, no entanto, nenhuma empresa obteve sucesso sem um serviço de atendimento e de após-assistência eficaz, moderno e bem formado. A IBM ou a Toyota, para citar dois nomes das duas economias mais fortes do mundo, saíram da mediania a partir do momento que investiram na formação de quadros capazes de servir o cliente, de ir ao encontro dos seus desejos, de o respeitar como pessoa e enquanto consumidor.

No Japão mais de metade das empresas possuem um atendimento deste tipo e estabelecem uma relação directa com o cliente.

Esta filosofia, porém, ainda não chegou de um maneira generalizada a Portugal. Para muitas firmas, o cliente é aquele anónimo que compra um produto e é, depois, largado às feras. Em França, por exemplo, apenas 50 empresas têm esse atendimento, averbando o esperado sucesso. Já nos EUA mais de 1500 empresas levam em conta este sistema de venda e obtiveram sucesso.

Basta pensarmos numa ida a um notário, a uma estação de correios, a uma bilheteira de comboios, a uma repartição de finanças, a um centro de saúde, a uma direcção-geral, a uma estação de serviço ou a uma universidade, para ficarmos indispostos e nos apetecer entrar de férias. Os serviços são maus, os clientes são muitas vezes humilhados e acabam por nunca ter razão, mesmo se a tiverem.

«O serviço aos clientes diz respeito a todos as empresas e organizações, quer industriais, quer unicamente prestadoras de serviços. Dado o nível de serviços ainda praticados por grande parte das empresas portuguesas, consideram vital a sua melhoria como via potenciadora de sobrevivência e, igualmente, como elemento catalisador da conquista de novos mercados. Devido ao enorme desenvolvimento tecnológico, os produtos igualam-se em termos de qualidade. Resta aos empresários cativar os clientes, cada vez mais, através do serviço que lhes oferece», salienta a APQ.

Uma das razões por que, em Portugal, os serviços de atendimento e de assistência após-venda não satisfazem é o fraco investimento das empresas na formação profissional virada para a relação com o cliente, por um lado, e na resistência que muitos funcionários mostram em reciclar-se, nomeadamente os da faixa etária entre os 35 e os 50 anos.

Rui Ferreira e Sousa

Competitividade económica decide conflitos entre Estados

A conflitualidade entre Estados não se decide, neste momento, no campo militar, mas na competitividade. Quem tiver uma melhor estratégia económica, mais capacidade terá de vencer. Estas palavras de Joaquim Aguiar, assessor da Presidência da República, foram o centro de uma intervenção bastante aplaudida pelos comerciantes presentes num seminário da Grula efectuado na passada semana, em Lisboa, do qual damos destaque na página oito deste suplemento e que tem a ver, igualmente, com a qualidade dos serviços ao cliente.

«Nenhum país europeu pode competir com as economias americana e japonesa, mas a breve trecho a economia indiana, por exemplo, vai equacionar novos espaços económicos. A classe média indiana constitui apenas sete por cento do global da população, mas ela é tão numerosa como a totalidade da população francesa», disse Joaquim Aguiar.

Para o assessor da Presidência, os novos exércitos não são feitos de armas de guerra, mas de empresas devidamente apetrechadas. Tanto o socialismo real como o liberalismo desapareceram e assiste-se a um capitalismo organizado em grandes unidades empresariais ligadas ao poder político, as quais ocupam grandes dimensões geográficas e disciplinam os comportamentos eleitorais.

Actuar dentro de um espaço europeu ou de um mundial? A diferença entre o regionalismo dos mercados e a conjuntura mundial, influenciada pelos EUA e pelo Japão e, mais recentemente, pelos acontecimentos no Leste e pela unificação alemã, obriga a encarar o mercado europeu e os mercados nacionais de um modo mais flexível.

Aquilo que era defendido há anos atrás, tal como a homogeneização dos produtos, está hoje ultrapassado.

O consumidor exige um produto de qualidade e escolhe-o, em grande parte, pela diferença entre o produto que está ao lado ou que toda a gente usa.

Por isso, as empresas necessitam de uma inovação permanente e uma formação sistemática dos seus quadros, para poderem competir em todas a frentes.

No fundo, o que é preciso é uma estratégia empresarial definida, com objectivos precisos. A seguir, basta ter os meios para executar e servir bem o cliente. A rentabilidade vem por acréscimo.

R.F.S.

Consumidor é o último beneficiado

Normas jurídicas eficazes de protecção não existem em Portugal

Portugal é dos países europeus onde são mais débeis a defesa do consumidor e as normas obrigatórias para a qualidade dos produtos.

Esta situação é tida como um dos males que servem como capa para as empresas não se modernizarem e investirem na formação, com vista à obtenção da qualidade que o cliente exige.

Contam-se pelos dedos os compradores de carros que lêem até ao fim o contrato de seguro do seu automóvel. Normalmente, as cláusulas mais importantes vêm numa letra minúscula, no final do texto e são feitas para prejudicar o cliente e não o contrário. No entanto, o consumidor é obrigado a assinar um seguro se quiser possuir viatura própria.

Esta desprotecção do consumidor foi largamente salientada, no debate da APQ, por Catarina Paiva, licenciada em Direito. «Quantos de nós, ao analisarmos grande parte dos contratos que ao longo da vida celebramos, não nos deparamos com as chamadas cláusulas de irresponsabilidade que, de forma expressa ou oculta, neles estão incluidas e nós, ao firmarmos o acordo, estamos conscientemente ou não a renunciar ao direito de acção ou a limitá-lo extremamente», disse Catarina Paiva.

Apesar de o panorama jurídico de defesa do consumidor seja negro, o direito português possui alguns princípios que se devem levar em conta.

A aquisição de bens de qualidade, seguros e que não impliquem perigo para a saúde, bem como o direito a indemnizações ou a anulação de contratos, são princípios que assistem a qualquer consumidor. A questão que se põe é quanto custará ao cliente, em tempo e dinheiro, levar a tribunal uma causa que considera justa e se, entretanto, ele tem direito a uma alternativa satisfatória. Com a saturação e envelhecimento das estruturas em que assentam os tribunais, o que certamente acontecerá é o cliente ver-se sem o produto, sem a sua substituição a título gratuito e a ter que comprar outro.

R.F.S.

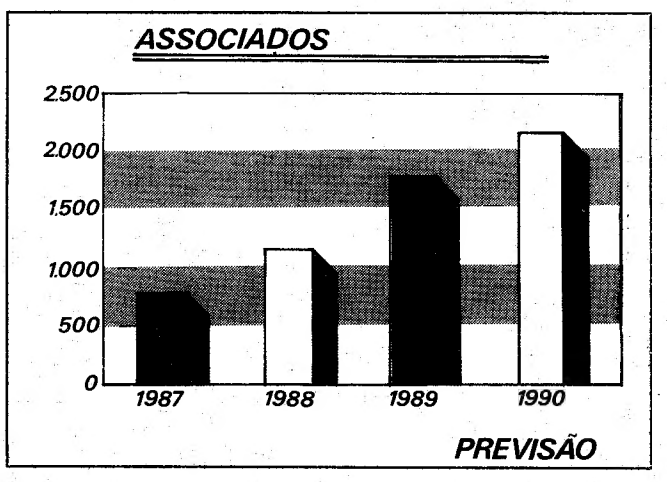
ECONOMIA

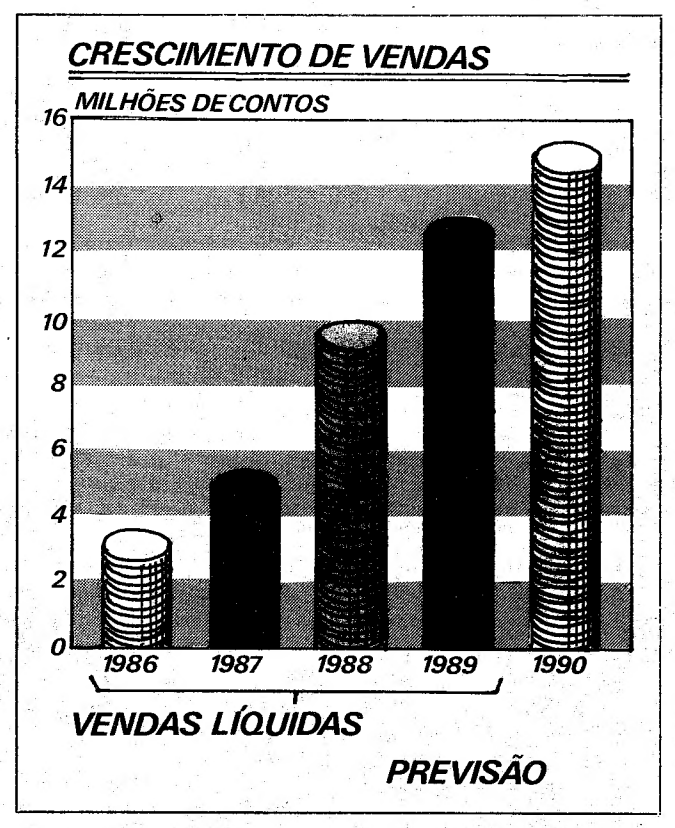
Grula aposta na diferença para enfrentar a Europa

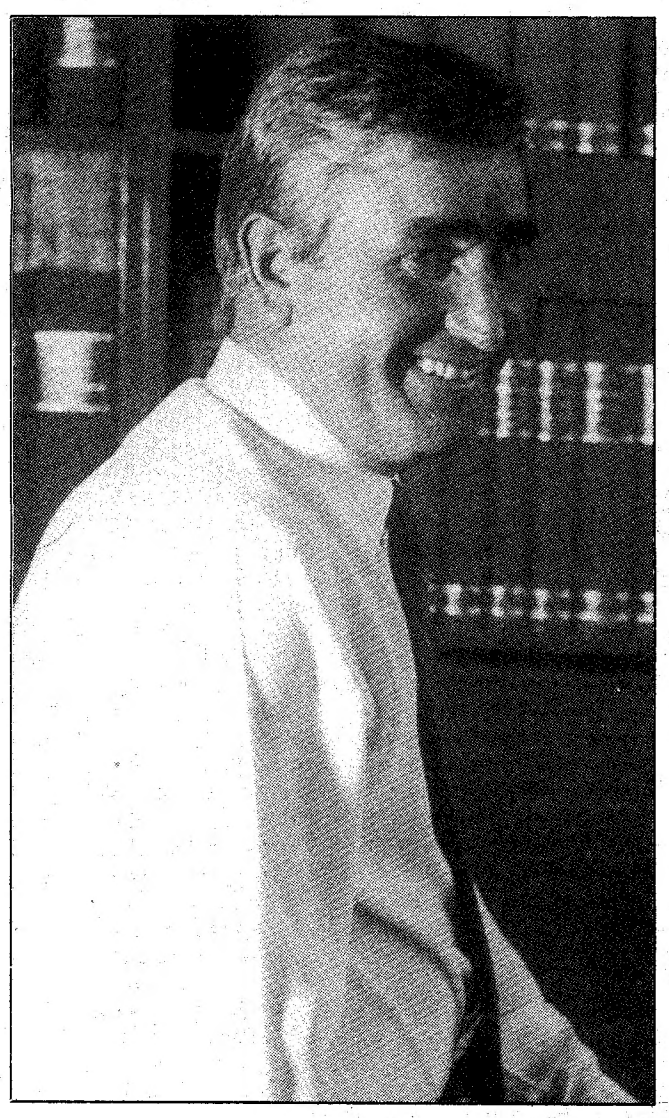
Associativismo retalhista sensibilizado com atitude empresarial dos pequenos e médios comerciantes

É um momento de reflexão. A Europa está a mudar, estamos perto de 1992 e muita gente pensa nas implicações que terá para Portugal o Mercado Único, nomeadamente no sector da distribuição comercial. Com estas preocupações partiu a Grula para o seminário «A Distribuição: Rumos para os Anos 90» que se efectuou, em Lisboa, na passada semana e do qual demos notícia na nossa edição de dia 20 de Junho.

Sem medo da concorrência e salientando o papel da Grula - Grupo Lisboeta de Abastecimento de Produtos Alimentares, enquanto cooperativa que trabalha «na diferença, com uma óptica de prestação de serviços», Maria Teresa Albuquerque, directora da Grula, disse ao **DL** que este grupo empresarial possui um papel crucial no desenvolvimento do sector: «uma prática sistemática de informação e formação dos seus associados».







Dias de Almeida: aposta na personalização do atendimento

O cooperativismo não está morto, é um dado assente para a generalidade dos retalhistas portugueses, os quais, com os seus pares espanhóis, italianos e alemães mostraram, no referido seminário, que tudo se passa ao nível da atitude dos comerciantes perante as realidades europeias e mundiais da actualidade e não com o quintal de cada um.

O panorama é, segundo os protagonistas do sector, de grande expansão, existindo a hipótese, como disse ao **DL** Maria Teresa Albuquerque, de haver um ligação directa com as congéneres estrangeiras para um funcionamento tipo «joint-venture».

Embora alguns comerciantes retalhistas ainda resistam à modernização, voltando costas aos investimentos na formação do seu pessoal e à inovação informática, os responsáveis da Grula garantiram que, sem essa vertente, é impossível subsistir no mercado europeu liberalizado e ganhar o desafio proposto, na prática, pelas multinacionais.

Saídas existem

Saídas existem, para os desafios europeus e para os mercados financeiramente mais fortes. As respostas tem-nas a própria Grula e materializam-nas num incentivo qualitativo das lojas, num atendimento personalizado e na especialização.

«Não procuramos ganhar o máximo, procuramos sim que, nos nossos pontos de venda, o consumidor encontre um local aprazível onde lhe possamos proporcionar um serviço personalizado e de qualidade», disse ao **DL** António Dias de Almeida, presidente da direcção da Grula.

As lojas que não fechem as portas só têm uma saída para fazerem face aos hipermercados. É essa a opinião de Dias de Almeida: «Os associados têm que passar a ser mais dinâmicos, mais agressivos nas suas técnicas de vendas, devem procurar manter as suas lojas de acordo com aquilo que nós defendemos e melhorar o seu serviço ao consumidor».

Devem, por outro lado, manter «rigorosos padrões de higiene, móveis modernos e funcionais, boa apresentação e atendimento eficaz», para que as lojas se modernizem.

Para os responsáveis da Grula, o futuro aponta para uma intervenção na indústria alimentar em projectos agro-alimentares e no sector de serviços. A venda directa ao consumidor, em grandes superfícies, é outra das vertentes em que a Grula pode vir a actuar no futuro.

Das 100 maiores

A Grula foi fundada em 1971, possui 2.200 lojas associadas e perspectiva, para o ano de 1990, vendas de mais de 16 milhões de contos, nos oito «cash-and-carries» existentes. Ainda este ano, o Grupo vai inaugurar um novo «cash-and-carry» em Palmela.

Segundo Dias de Almeida, este grupo empresarial situa-se num contexto das 100 maiores empresas nacionais, mas esta posição «não deslumbra» os responsáveis da Grula.

É o próprio presidente da direcção que o diz: « Os resultados obtidos, até ao presente, não nos deslumbram, continuamos a ser uma cooperativa que vive em função dos seus associados, legítima representante de uma classe que tem sabido demonstrar a sua capacidade de adaptação às sucessivas modificações do mercado».

Acrescenta Dias de Almeida que a Grula se sente cada vez mais responsabilizada e empenhada no prosseguimento de uma estratégia de apoio ao pequeno e médio retalhistas, o que significa um melhor serviço prestado ao consumidor.

Rui Ferreira e Sousa

UDA - o exemplo que vem de Espanha

Não é um grupo de amigos mas sim de empresários

«Não somos um grupo de amigos, somos empresários».

Com esta frase, Raul Antequera, responsável da UDA, Union Detallistas Alimentacion, a congénere espanhola da Grula, cortou pela base todas as ideias de comerciantes que apontem para o passadismo, o tradicionalismo, o amadorismo.

Para ele, a Espanha está a viver os anos da revolução num sector que tem primado pela crise do comércio retalhista tradicional. Nos últimos anos fecharam cinco mil lojas. Os pequenos e médios comerciantes têm vindo a associar-se em cooperativas e a reconhecer a UDA como «uma entidade que se fortalece de dia para dia para a defesa dos seus interesses» sem temer as convulsões que se verificam na Europa.

Se, por um lado, as estruturas financeiras das empresas distribuidoras estão débeis e o profissionalismo e a capacidade de investimento não atingiram ainda o desejável, os consumidores espanhóis estão cada vez mais informados e exigentes, não compram gato por lebre e querem os produtos mais frescos e na hora.

Segundo Raul Antequera, os comerciantes não se associam com o mero objecto de comprar mais barato ou como se fossem um clube de lazer, mas fazem-no com um sentido cooperativista moderno, com espírito empresarial profissionalizado.

Competir, competir

À cooperativa compete, na opinião de Antequera, prestar aos retalhistas uma multiplicidade de serviços com vista a poderem competir, escolhendo, para o efeito, a fórmula jurídica de sociedade anónima.

«Em Espanha, tanto os supermercados regionais como os grupos empresariais do sector estão a viver uma situação desafogada. O sucursalismo regional vai passar a nacional, há empresas com facturas de valor elevado», disse Raul Antequera.

O panorama da distribuição não é, no entanto, uma fatia fácil de roer. Muitas produtoras organizam-se já em distribuidoras e lançam os seus tentáculos para uma superfície extra-nacional.

Para o responsável da UDA, a grande aspiração é a existência de uma empresa-cooperativa única. Esta união espanhola chegou a ter 150 cooperativas, hoje possui 37 e a perspectiva para o ano de 1993 é a de ter o máximo de vinte cooperativas e seis mil lojas.

No ano de 1989, o conjunto das 40 cooperativas associadas da UDA facturaram 325 biliões de pesetas. A UDA é uma empresa que possui, além de lojas, departamentos bancários, empresas de promoção e «marketing», de informática, de seguros e uma empresa de capital de risco.

Como salienta Raul Antequera, um comerciante que esteja integrado na UDA tem que ter «vontade de se tornar empresário e crescer», já que a União facilita o crédito, bem como as acções de formação e de gestão.

R.F.S.